

Drama da violação sexual

Saiba o que fazer em caso de violação



- Mantenha a calma e tente fixar o maior número de indicadores que lhe permitam descrever o agressor;
- Não faça uma higiene profunda, a nível ginecológico, sem ser vista/o por um médico ou perito;
- Preserve todas as peças de roupa que vestia na altura da violação;
- Preserve qualquer objecto que lhe pareça ser pertença do agressor;
- Dirija-se à esquadra de Polícia mais próxima e o mais rapidamente possível;
- Na esquadra deve ser encaminhada para os serviços de urgência da unidade sanitária mais próxima, onde deve ter prioridade no atendimento;
- Na unidade sanitária devem ser colhidas evidências da violação sexual e a vítima deve ser tratada de acordo com o Protocolo de Assistência às Vítimas de Violência Sexual.

Democracia PÁGINA 04-05

www.verdade.co.mz

MURAL DO POVO

"NO OFÍCIO DA VERDADE, É PROIBIDO PÔR ALGEMAS NAS PALAVRAS" - CARLOS CARDOSO

MURAL DO POVO - Salários e Pensões Milionários

Cá em Moçambique a boa parte do bolo vai para aqueles senhores que não pagam impostos, transporte, combustíveis, água, luz, telefone, etc. Eles chegam a ganhar por mês o que um operário nem em 3 anos consegue ter. Está mesmo claro que o povo trabalha para encher bolsos de "alguns" ladrões. Mais um motivo para vos chamar combatentes da fortuna. La famba bicha (a fila anda) só para quem está à frente!!!

MURAL DO POVO - Inconcebível

Jovem dador de sangue morreu na semana pas-

sada na enfermaria de Medicina IV do Hospital Central de Maputo uma semana depois de ter sido internado com hemoglobina de 2gr/dl enquanto aguardava que os familiares fossem doar sangue. Estamos perante um autêntico crime cometido pelas autoridades sanitárias. Não percebo como é que um dador deve esperar que os familiares doem sangue

MURAL DO POVO - Básquete Show

Os organizadores do Básquete Show devem respeitar a lotação do pavilhão do Desportivo para evitar que aconteçam tragédias como as que já vimos nos estádios de futebol pelo mundo fora.

MURAL DO POVO - Meio ambiente

Por favor, pedimos a quem de direito para que, após a reabilitação, reponha as árvores que foram dizimadas na avenida Julius Nyerere. É que sempre que retiram as árvores nunca as repõem. Estão a matar o meio ambiente.

MURAL DO POVO - Maldito FIPAG

Por que não tiveste a iniciativa antes dos privados? Queremos água dos furos nos bairros Zona Verde, Ndavela, T3 e 25 de Junho. Estamos saturados, caso não só a greve resolverá.

MURO DA VERDADE - Av. Mártires da Machava, 905



@DemocraciaMZ:
MT @VirgilioDengua: distribuição da nossa edição impressa esta manhã defronte da delegação d' @verdademz em #Nampula <http://t.co/KgUhMrbzHP>



@TheGoonSensei:
@verdademz Moçambique é um país extremamente corrupto que ate o mais elementar dos problemas do povo este #EstadoFalhado nao resolve!

@Edsonjoaquim4:
@verdademz Esgoto Inunda Avenida do Trabalho na Capital Moçambicana. Esgoto rompe e inunda a avenida do trabalho na cidade de Maputo.

@tomqueface:
Iniciou a temporada dos raptos @verdademz Seis cidadãos sequestrados em #Maputo em duas semanas <http://t.co/nksXoJxGMO>

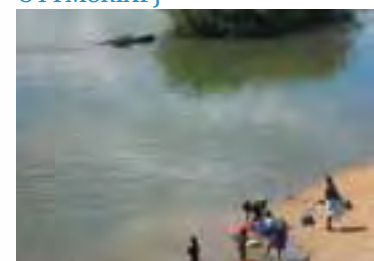
@chuqela: Cobra no Campus Universitário (Universidade Eduardo Mondlane) #Maputo <http://t.co/bXSNjpBTCx>



@VictorBulande:
Conselho de #Estado #Moçambique vai reunir-se no dia 29 do mês em curso. Agenda: situação política no país e eleições. [@verdademz](http://t.co/verdademz)

@M_kizZy_2K:
@verdademz @Dlhakama tem um pouco de razão #PIMO é partido mesmo??

@shirangano:
Em #Mocuba acesso a água potável ainda é um problema sério. Os municípios recorrem ao rio #Licungo. [@verdademz http://t.co/OYYM8hiXFJ](http://t.co/OYYM8hiXFJ)



Seja o primeiro a saber.

Receba as notícias

d' @VERDADE

no seu telemóvel.

Envie uma SMS para o nº 8440404

com o texto: **Siga verdademz**



Editorial

aeverdademz@gmail.com

Um Presidente “free lancer”

A categoria de *free lancer* é inerente à profissão jornalística, e não só, segundo os cânones do ramo, para identificar o jornalista, neste caso, que, não tendo um contrato empregatício com uma instituição de comunicação social, produz e vende as suas notícias a qualquer órgão. A priori o jornalista não tem compromisso com ninguém e não deve satisfações a qualquer entidade, termos em que, pode escrever quando quiser e deixar de escrever caso a sua consciência ordene. É mesmo um funcionário livre. Mas não é dos jornalistas *free lancer* que nos pretendemos debruçar, mas das práticas à moda *free lancer* que tendem a ser adoptadas pelo actual Presidente da República Armando Guebuza. O seu *modus operandi* é, por maioria de razão, mesmo de um *free lancer*.

O Presidente da República conseguiu a proeza de levar o país à beira de um desespero e descontentamento generalizado, de que não há memória. Introduziu, de forma genial e com sucesso, uma estratégia de governação insuflada de falta de estratégia. O fruto dessa mesma estratégia não podia ser mais aterrador para o país. Falta-nos tudo como país porque carecemos de uma liderança esclarecida. O povo hoje não tem transporte, não tem emprego, não tem comida, hospitais e muito menos água potável. Os dados dos nossos repórteres, diferentemente daquilo que dizem as estatísticas mentirosas do Governo, mostram que há lugares onde a água é um luxo e municípios que parecem autênticos bairros de lata. Isto só pode ser resultado de um país governado em regime *free lancer*. Em nenhum momento o Presidente se dignou- esclarecer aos cidadãos as razões desta desgraça que nos abraça de forma eloquente. E não vamos criar teorias para explicar esse vazio de responsabilização, pois está explicada. Os *free lancers* não prestam contas a ninguém senão à permanente preocupação com o seu bem-estar. O *free lancer* move-se pelo seu bolso. Enquanto os seus bolsos estiverem saudáveis, tudo o resto é acessório. É exactamente este o roteiro de vida que vivemos hoje. Estamos nas mãos de um *free lancer*.

O *free lancer*, tal como dissemos, não tem contrato com qualquer entidade, razão pela qual não admira a ninguém que o Chefe do Estado não se recorde de um contrato social que o Estado deve ter para com os seus cidadãos que se resume na provisão de serviços mais elementares. O Estado simplesmente deixou de existir para os cidadãos e tornou-se uma vaca leiteira de um clã que prega o espólio.

E como um bom *free lancer*, o Chefe de Estado está muito interessado em impressionar o público, daí que não admira a ninguém a sua campanha Unidimensional de promoção da sua própria imagem, que mais se assemelha a um julgamento feudal sem contraditório. E a Televisão paga pelos nossos impostos está a servir de rampa para tão degradante espectáculo. Degradante porque subverte o mais elementar princípio da lógica. Ou seja: ele mesmo é que se coloca na dimensional posição de avaliado e avaliador. Só quem já se apercebeu da sua incomum impopularidade é que se pode submeter a um exercício tão irracional e de dimensões monumentais, no que a pobreza mental diz respeito. Estamos entregues, por enquanto, mas temos saída. Dispense os serviços do *free lancer* e arranchemos um funcionário a sério e que se identifique com o projecto desta nossa República que, se depender de nós, ainda pode ser um lugar normal para se viver. O projecto de Moçambique não se compadece com os *free lancers*!



Boqueirão da Verdade

“Quando era suposto que o MDM fosse mais coerente nas suas propostas sobre a desmilitarização da Renamo, vimos como Daviz Simango o levou ao descrédito na única vez que abriu a boca para sossegar, com uma medida populista, os homens armados da Renamo: criar uma empresa pública para eles. Uma verdadeira Apartheidização da Função Pública em virtude da pertença partidária como se nas actuais empresas não houvesse espaço para os acomodar ou, na pior das hipóteses, como se «eles» – os homens armados da Renamo – fossem outros moçambicanos, merecedores da estigmatização”, **Pedro Mahric**

“Se atentarmos para a realidade moçambicana dos nossos dias iremos constatar a existência de inúmeras contradições, que estão a exigir a nossa análise e compreensão. Os paladinos da Democracia, ao mesmo tempo que defendem o Estado de Direito contradizem-se quando defendem as acções armadas da Renamo e chegam a ridicularizar as Forças Armadas, como se a capacidade militar de um exército se medisse, necessariamente, pelo número das suas baixas”, **Idem**

“Moçambique é um país riquíssimo em recursos e potencial ... mas infelizmente governado por alguns que de tanto quererem beneficiar pessoalmente de tudo isso amarram o país ao sub-desenvolvimento e condenam a grande maioria a uma pobreza que não tem justificação! O resto é a retórica daqueles que querem que assim continue. O triste é que são apoiados por uma massa de gente (pequena minoria ainda assim) que, ou por migalhas que vão apanhando ou porque têm a esperança de um dia estarem em posição de também entrarem no banquete principal, continuam a defender o estado de coisas!”, **Germano Milagre**

“Por que a vida é tão injusta connosco? Trabalhamos honestamente a vida inteira, usamos bem o pouco dinheiro que ganhamos, mas quando pensamos naqueles que ficaram ricos com facilidade sem trabalhar, por meios injustos e vivem no bem-bom perguntamos: será que vale a pena ser honesto?”, **Gaby Lomengo**

“Moçambique não é um Estado de sítio onde as liberdades de expressão devem ser contidas e a racionalidade deve ser suspensa para que não sejam feitas críticas. Isso porque vivemos num país que se presume democrático, onde um dos pilares da democracia é a liberdade de expressão como forma de legitimar o asolo da nossa consciência aberta à crítica construtiva mas parece que para alguns conservadores ambiciosos pensam que Moçambique ainda se encontra na idade média baixa”, **Idem**

“Eu, e contra tudo o que muita gente consideraria de evidências claras, continuo a pensar que, por um lado, ele (Armando

Guebuza) foi uma das melhores coisas que aconteceram a este país nos últimos anos e, por outro, que o descontentamento que graça por aí não constitui necessariamente o melhor indicador do desempenho dum político”, **Elísio Macamo**

“Infelizmente para a nossa esfera pública é notória esta maneira de abordar os assuntos políticos. Toda e qualquer pessoa acha-se no direito de emitir opinião, mesmo sobre matéria em relação à qual não faz a mínima ideia. Estou a falar do que é preciso saber para podermos estar em condições de qualificar o trabalho dum município, dum ministério ou mesmo dum Governo. Sabemo-lo?”, **Idem**

“Quando alguém em Moçambique abre uma empresa na área de investimento mineiro é para fazer o quê exactamente? Abrir uma mina e construir as suas respectivas infra-estruturas? Estava a ler uns Boletins da Republica e apercebi-me de que nos últimos anos surgiram muitas novas empresas nessa área...e antigas empresas a mudarem o seu foco de negócio para a mineração”, **Zenaida Machado**

“A paz faz-se através de tolerância e inclusão e não de discursos bem-intencionados proferidos em praças públicas. Com a guerra não poderá haver eleições e isso só serve os dirigentes da Frelimo porque assim podem continuar no poleiro sem o escrutínio popular. O povo não teme a guerra, mas, detesta-a. O Governo deseja a guerra, por isso, despacha, para Gorongosa, jovens soldados alegando que são para proteger Afonso Dhlakama e o povo”, **Edwin Hounnou**

“190 mil de pensão+120 mil de salário de ministro+60 mil de subsídio de renda e mais subsídios...afinal há dinheiro? E aparecem jovens a tentar defender este Governo imoral quando vivem em zonas não parceladas, com difícil acesso a água e energia, violentas e sem meios de transporte. Em resumo, vivem abraçados pelas dificuldades! Acordem Jovens estão a ser enganados!”, **José Belmiro**

“Governo, os jovens estão a pedir emendas no país para acabar com o sofrimento que as famílias estão a atravessar. Estamos num país democrático ou capitalista? A quem dão as bolsas de estudos para os Estados Unidos da América? Porque só há bolsas para a Índia”, **Lídia Cumbe**

“Um enfermeiro ganha 2800 Mt, um professor recebe 3000 Mt por mês com poucas condições de trabalho, mas os ditos dirigentes para além do salário têm pensão de reforma que daria para pagar 63 professores por mês! Que pobreza estás a combater Sr. Guebuza? Enquanto milhões de moçambicanos dormem sem comer, onde está a sua auto-estima Sr. Guebuza? Reduzam o vosso e considerem os outros!”, **Stefani**

Errata

Na edição 244, que saiu à rua na semana antepassada, publicámos uma opinião no Boqueirão e atribuímos a sua autoria a João Cabrita. Na verdade, o texto foi retirado do Facebook e a responsabilidade da sua publicação é do Jornal @Verdade. O autor não pediu que o mesmo fosse publicado. Nós é que achámos que os nossos leitores tradicionais deveriam ter acesso ao mesmo. Pelos transtornos que tal possa ter causado ao visado, as nossas sinceras desculpas.

OBITUÁRIO:

José Fortes
1929 – 2013
84 anos



José António Lusitano Fortes nasceu na cidade de Tete a 2 de Março de 1929. Muito cedo abandonou a sua terra natal para dar continuidade aos estudos na então cidade de Lourenço Marques, hoje Maputo, tendo, aos 12 anos, concluído o primeiro grau de ensino, ou seja, a quarta classe da era colonial.

Nascido numa família com poucos recursos financeiros, depois de terminada a quarta classe não podia prosseguir com os estudos sendo obrigado a trabalhar, sem nenhuma gratificação, na empresa Correios de Moçambique como reparador de telefones e telégrafo. Mais tarde, ainda na mesma instituição, trabalhou como electricista.

Aos 18 anos de idade, Fortes ingressou no Instituto de Ciências Médicas no Hospital Miguel Bombarda, actualmente Hospital Central de Maputo onde, em dois anos, se formou em enfermagem. O seu primeiro emprego como agente de saúde foi na empresa Caminhos-de-Ferro de Moçambique, escalado nas cidades de Nacala, Nacala-Porto, Lumbo e Nampula.

A seu pedido foi transferido, mais tarde, para a cidade de Maputo onde se torna quadro da enfermaria da Pousada dos Caminhos-de-Ferro de Moçambique. Foi a partir daqui que Fortes entrou no desporto, quando foi nomeado chefe do Posto Médico do Clube Ferroviário de Maputo, cumulativamente a exercer funções de massagista e enfermeiro da equipa. Aliás, foi nestas actividades que o “velho”, como era carinhosamente chamado na gíria desportiva, atingiu o período de reforma em Outubro de 2007, apadrinhado pelo então presidente do Conselho de Administração da empresa Caminhos-de-Ferro de Moçambique, Rui Fonseca.

José Fortes foi também, durante anos, o mais conceituado massagista desportivo do país, prestando serviços às selecções nacionais de futebol, de basquetebol, de hóquei em patins e de natação. Liderou a equipa médica do conjunto que participou pela primeira vez numa fase final do Campeonato Africano de Futebol (CAN). O “velho” deixa órfãs sete filhas.

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.

PCA da Imprensa Nacional

Os leitores escolheram e como eles são a maioria nós só podemos concordar com tão sábia eleição. O presidente do Conselho de Administração da Imprensa Nacional foi escolhido como Xiconhoca da semana. Os motivos são vários. “O homem ganha mais do que um ministro e ainda acumula uma reforma milionária”, dizem os leitores. Contudo, se nos é permitido dizer algo aqui fica: o salário e a pensão de reforma são realmente pornográficos, mas sentimos que é mais Xiconhoca quem estabelece esse tipo de luxos para uma minoria num país onde 22 milhões vivem literalmente no lixo.

Polícia que acusa Inverno do aumento de assaltos

Agora a culpa é do Inverno. O que mais a Polícia irá inventar? Era bem mais fácil falar da falta de meios em vez de assacar os problemas da sua inoperância ao sono dos residentes de São Dâmaso por causa do frio. Isso não lembra o diabo. Os leitores estão, no nosso entender, cobertos de razão. “A Polícia nunca tem culpa de nada. Quando alguém morre na rua, como Hélio, a culpa é da população enfurecida, mas nunca das balas de borracha que tiram vidas. Os imensos cidadãos que vivem nesta pátria madrastra e que tombaram diante das balas arrogantes de uma polícia que nasceu para maltratar os moçambicanos também devem ser vítimas do frio. Haja paciência.”, não podia sintetizar melhor o cidadão.

Assaltantes que engomam vítimas

Macabro. Nada justifica e só realmente bandidos com ADN de Xiconhocas é que podem ser tão desumanos. Até no roubo deve haver honra, mas estes sacripantas retiraram o mínimo de honroso que poderia conter o acto de roubar. É que, por mais que doa, estes indivíduos pertencem a uma espécie menor dos ladrões que o país possui. Poderiam ser bem mais dignos do que aqueles que pedem, em todo o empreendimento que visa desenvolver o país, cinco por cento. Esses que roubam com caneta e papel e na esteira da influência sempre foram piores e indignos. Sempre houve algo de belo num pilha-galinhas por uma questão de perspectivas. Um ladrão de galinhas tanto pode glorificar a preguiça como estar de joelhos estendido na mesa da fome. Mas esses que andam no São Dâmaso são parecidos com uma estirpe de políticos que assaltou o poder. Isso é tremendamente desonroso.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 821111, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 28B9A117) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.



Xiconhoquices

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

Circulação de camiões na EN4

“A EN4 transformou-se, nos últimos tempos, numa verdadeira pista de competição para camiões de grande tonelagem vindos às centenas da vizinha África do Sul. Ontem (terça-feira) fui obrigado a apelar para o meu sangue-frio e conseguir manter a minha viatura que seguia na minha faixa de rodagem. Isto porque pela frente, tinha na mesma direcção, um dos tais camiões e, de repente, na curva do Tchumene surgem em sentido contrário dois desses camiões numa verdadeira competição. Um a querer ultrapassar o outro sem o conseguir. Apostaria que a velocidade em que vinham ultrapassava bastante os 100 km/h. Esta situação não é a primeira vez que ocorre. Segundo ouvi, eles tentam chegar rapidamente à balsa para não ficarem muito tempo na fila.

Esta estrada tem duas faixas e, por sorte, as bermas servem como faixas também de modo que quando eles nos surgem e não encostamos, levamos com buzinas e aproximação perigosa às nossas viaturas no sentido de nos intimidar.

Pior é que, por vezes, nas bermas, circulam peões que correm o risco constante de serem atropelados.

Creio que umas lombas de 100 em 100

metros a começar de Tchumene até a Balsa diminuiria bastante este perigo provocado por motoristas sem o mínimo de respeito pelos demais utentes da EN4”. Um cidadão que usa regularmente a via reportou esta Xiconhoquice que acontece ante a complacência das autoridades.

Reformas de Luxo

A Xiconhoquice caiu com estrondo. Afinal no país cuja bandeira se chama austeridade e não há dinheiro para pagar melhor o pessoal da educação e da saúde um grupo numeroso de ministros e vice-ministros requereram reforma voluntária e passaram a auferir, por mês, a ninharia de 100 mil meticais, totalizando mais de um milhão de meticais por ano, isto só de reformas. Às reformas acresce-se os salários que ainda auferem como ministros e ou como deputados.

São os casos de Manuel Chang, Cadmiel Muthemba, José Pacheco, Alcido Nguenha, Virgínia Matabele, António Sumbana, Abdul Razak, Lucas Chomera, entre outros, numa lista de dezenas. Há, neste rochedo à beira mar, cidadãos que vivem à grande e à moçambicana.

No nosso entender, esses dirigentes de luxo dão corpo a uma Xiconhoquice tremenda. É que os maus salários na educação e saú-

de comprometem, e de que forma, o futuro do país. Portanto, numa escala de prioridades essas reformas de luxo deveriam estar na cauda. Aliás, nem deviam ser cogitadas como hipóteses. Contudo, como neste país onde o pai do deixa-andar jamais deixará o povo andar mais vale pagar aos parceiros de negócios do que investir no que realmente importa.

Recensear no último dia

Há povos que preenchem de razão – como nunca tinha acontecido na história da humanidade – frases feitas como aquela que diz que “cada um tem o dirigente que merece”. Aliás, até fica difícil saber quem é o chulo da nossa relação povo/governante. É bem provável que eles façam bem mais do que merecemos. Nada explica que depois de viajar cinco anos como gado, depois do aumento vertiginoso, criminoso e parasita do custo de vida, depois da greve dos médicos, depois da interrupção da EN1 no troço Save/Muxunguê e depois de outros tantos depois deixamos o recenseamento para o último dia. Só faz isso quem não quer mudanças. Só faz isso quem quer continuar a ser roubado mais cinco anos. Só faz isso quem está resignado com a situação que o país atravessa. Enfim, só faz isso quem não quer deixar um futuro melhor para os seus descendentes...

Fui violada! Exijo justiça!

Depoimento de uma sobrevivente, mostrando como a violação sexual é um dos crimes mais horrendos que se podem cometer contra um ser humano.

Texto & Foto: WLSA Moçambique

Vivo em Boane e tenho 46 anos de idade. Fui violada por dois indivíduos estranhos da zona, por volta das 22 horas, quando chegava a casa. Cercaram-me. Eu trazia valores na mão; tirei os valores e entreguei-lhes, pediram-me o telefone celular e eu dei. A princípio dei um que tinha na mão, porque o outro estava na bolsa.

Os dois abraçaram-me, pedi socorro, alguns vizinhos ouviram, mas não sei se tiveram medo de sair, não sei. Um vizinho saiu para ver, mas não descobriu quem eu era, porque os dois haviam-me abraçado dos dois lados e rodearam-me de três facas, arrastaram-me e disseram que eu tinha que caminhar com eles como se fôssemos namorados.

Disseram que eu tinha que fazer o que eles queriam, porque senão iam-me matar. Um deles perguntava: “Você quer viver ou quer morrer?”. Eu dizia: “Quero viver”.

Chegámos a uma casinha de caniço, onde eles me violaram, não tinha cobertura, tinha um pouco de capim, que cheirava a xixi e cocó e o chão não estava cimentado.

O baixinho dizia: “tira a roupa”. Eu pedi-lhes que me deixassem, que podiam levar tudo mas que me deixassem, porque eu disse-lhes que sofri uma operação no ano passado. Então estava a tentar ver se assim eles me iriam deixar, porque eu ainda tinha dores da operação.

Não quiseram saber, diziam que aquilo era normal. “Tens de fazer tudo o que a gente quer”.

Fez quantas vezes ele queria. O outro saiu para fazer xixi, depois voltou e disse ao amigo que estava a demorar e que tinha de ser rápido.

O outro ainda pergunta se eu estava a gostar ou não. Disse que se eu estivesse a sentir dor, tinha que dizer, mas quando eu respondia, o outro dava-me bofetadas, e dizia que eu não podia reclamar.

Eles até diziam: “você tem que fazer todos os styles”. Diziam: “vira, agora muda de posição” mas a baterem-me.

Disseram para eu abrir a boca. Tive que abrir a boca. Enquanto um fazia de um lado o outro fazia na boca. Tinha que ejacular na minha boca. Eu tinha que aceitar tudo isso.

O baixinho não poupava, não queria descer, o amigo dizia: “já chega”, que era para ele descer. Então ele desceu, vestiu-se e disse: “agora eu vou para a tua casa, eu preciso de televisor, rádio”. Perguntaram onde fica a casa, enquanto me apontavam com uma faca.

Foram à minha casa para roubar

Ele deixou-me com o amigo lá e foi para a minha casa, encontrou as minhas filhas na varanda, e um vizinho que as estava a proteger. Atira a capulana e pergunta: “essa capulana é da tua mãe?” As meninas reconheceram. O homem apresentou-se como autoridade, até si-



mulou uma chamada. E ele disse que eu estava a dever ali na zona, por isso ia levar os aparelhos, mas o meu vizinho disse: “vamos lá para eu ver a minha tia, para saber se é verdade que a autoridade é que te mandou vir aqui”. Então ele fuge, desaparece, e volta para a casa de caniço e diz ao amigo que as coisas não deram certo.

Eu já estava vestida, o amigo já me tinha mandado vestir. Ele chega e manda tirar a roupa de novo: “vamos embora de novo”. Então o amigo disse: “já estás a cometer um crime”. Abusou-me de novo, fartou-se e depois o amigo disse: “veste lá”. Levaram os objectos.

Ninguém me ajudou

No dia seguinte fiquei a saber que houve pessoas que passaram por ali, viram as lanternas e não souberam aproximar-se.

Saí com eles abraçados e disseram que iam-me deixar na minha casa. Chegámos atrás do armazém (que se encontra na zona), onde estava lá um guarda. O cachorro vem e ladra, e nós parámos atrás do salão, eles pararam para fazer xixi.

Deixaram-me pelo caminho, disseram que eu tinha que andar sem olhar para trás e não correr. Então o guarda, por ver que as pessoas que estavam a vir já não estavam a passar, nem para frente nem para trás, aproxima-se para saber o que se passava. Então eles ameaçaram o velho com as facas, e o velho pôs-se a correr e pediu socorro.

Fui buscar ajuda na Polícia e no hospital

Cheguei a casa, encontrei as minhas filhas e os dois vizinhos irmãos. Pedi à minha filha para ir com um dos vizinhos pedir transporte para me levar ao hospital, mas antes passámos pela esquadra do bairro. Atenderam-me, passaram-me uma guia para o hospital e, depois de atendida, tinha que voltar para a esquadra para dar uma satisfação.

Voltámos, e eu disse-lhes que o enfermeiro que eu apanhei lá disse que não sabe bem como funcionam as coisas de violação, então só me fez lavagem.

Quando ele me manda subir na cama, diz: “esses gajos selaram”. E eu não sabia o que é isso, então ele chamou o colega, e disse-lhe: “os gajos foram espertos”. E eu expliquei que depois de terem abusado, o outro que tinha ficado na casinha limpou-me com a calcinha.

Mandaram-me voltar no dia seguinte às 6:00h. No dia seguinte pedi ao meu vizinho para me acompanhar porque não conseguia andar bem. Cheguei lá com dificuldades. Cheguei lá e fiquei muito tempo. O enfermeiro mandou-me esperar que uma das médicas chegasse até às 9:00h. Apareceu um outro enfermeiro

mais velho que me mandou ir à maternidade e lá fui.

Cheguei, não tinha cadeira para sentar, sentei-me no chão, fiquei muito tempo, só depois é que apareceu uma servente. Foi quando ela chama a atenção da médica e ela responde: “esqueci-me dela”. Observou-me e limpou-me.

E fiz os meus contactos com os médicos conhecidos, para contar a situação. Por isso apareceu o director do hospital com uma médica e atenderam-me. Deram-me injeções e remédios.

Mas eu lamento muito. É difícil.

A Polícia não cumpriu o seu papel

No dia em que fui violada, quando fui para casa sentia-me mal, nojenta, e lavei-me com *savlon*, por causa do cheiro.

Mas quando eu fui à Polícia ainda trazia as roupas do crime, mas não disseram nada, ficaram calados. Deviam ter dito: “a roupa que você usou deve tirar e meter num plástico”. Mas não esclareceram nada. Eu fiquei com as roupas duas semanas e depois lavei-as.

Quando houve essa confusão, a minha filha mais velha ligou para o pai, então ele tratou de se comunicar com o comandante de Boane, que era para saber o que se estava a passar. Estava um dos agressores, aquele que levou porrada lá em casa quando foi apanhado pelos vizinhos, ele disse: “quando eu sair da cadeia, eu venho estragar a sua cara”. Ele já me havia ameaçado no acto da violência e ele disse, quando eu for à esquadra daqui do bairro, “eu vou sair, porque eu tenho amigos lá dentro”, a referir-se aos polícias. Então, eu entrei em contacto com o pai da menina e informei-lhe disso, então transferiram-no para o comando de Boane.

Então, eu não sei como, mas ouvi ontem à noite, apareceram miúdos lá em casa e disseram-me que aquele miúdo está solto. Como está solto? Ainda não me chamaram, fizeram-me interrogações, fomos interrogados, na presença daquele indivíduo, e estava lá um chefe do bairro, da primeira vez que fomos interrogados, isso foi no dia 7 de Abril. Aquele indivíduo ainda diz: “eu não conheço esta senhora, conheço as filhas”. E disse que controla a minha filha mais nova, quando ela vai e volta da escola. Então eu ainda perguntei ao chefe do bairro: o que tem a

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

✉ SMS: 90440

📞 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.

ver a minha filha com isso, a minha filha é muito nova, então como não conseguiram a minha filha atacaram-me a mim. Imagina se fosse a minha filha, não teria resistido, teria morrido.

Mas como é que foram soltá-lo, se ainda não me chamaram, os meus contactos estão lá, como é que ele saiu? Porque por norma deviam ter-me chamado ou esclarecer alguma coisa. Eu, a ofendida, eu que fui violada. Então, eu acho que nessa nossa sociedade, onde a gente vive, não há justiça. Ele é um criminoso. Aquele que estava lá detido é o mais perigoso. E outro de que estavam à procura cá fora as pessoas só diziam e lamentavam, dizendo: “sabemos onde está”, mas nunca procuram a Polícia para ir ao local e prendê-lo, porque disseram que em casa dele não está.

Então se viram onde ele estava, porque a polícia não foi para lá? Porque a estrutura do bairro que soube do meu caso, seja lá onde for, não só no meu bairro, a partir do momento que as pessoas dizem, porque é que não vão para esse sítio, onde está o bandido, e pegam essa pessoa?

O que vivi foi horrível, fazer xixi na boca, ejacular na boca, isso dói, e teres que engolir aquele sujo.

Mas eu consegui identificar as vozes, o corpo daquele agressivo, porque ele dizia que eu devia pegá-lo como se fosse meu marido, apertá-lo, mandou-me pegar as nádegas dele. É um nojo, não desejo para nenhuma mulher aquilo que eu vivi. Lamento!

E no dia 3, tive a sorte de o meu vizinho conseguir pegá-lo e trazê-lo lá em casa, para eu identificar se era ele ou não. Eu disse sim, eu disse, eu vejo pelos lábios, a boca, o corpo, eu sei que ele tem uma nádega pequena, e ele é baixinho. E depois, eu disse: é ele mesmo, porque o que reconhecia mais era a voz dele.

O amigo é que tapava muito a cara dele, mas este cheirava a cigarro, e ele é escuro, magro, um bocadinho mais alto que eu. E a estrutura estava ali na minha casa, como eu não aguentava, o meu útero doía muito, eu não aguentava ficar muito tempo de pé. A estrutura falou com ele, não sei o quê, e soltaram-no e ele foi embora.

Então, no dia seguinte, no dia 4, é quando os miúdos da zona o pegam, trazem-no e espancam-no. Então, a polícia chega e leva-o para esquadra, para hoje eu ouvir que ele está solto: Ainda não me chamaram.

Interrogaram-me para quê? O que eles fizeram comigo é crime, e criminosos como estes não deviam ficar soltos, deviam ter os seus lugares para ficarem a cumprir as suas penas. Para mim, até não era preciso cumprir pena, era só fuzilar. Se quando nos apanham também fazem e desfazem de nós. Mas não sei o que é que os nossos polícias pensam. É por isso que às vezes fazem linchamento.

Eu até digo graças a Deus porque me deixaram viva, e aqueles que não conseguem, fazem e desfazem e matam. Marcou-me muito, destruiu muito a minha vida.

Apelo aos dirigentes

Só peço aos dirigentes máximos dessa sociedade moçambicana, porque a violência está demais. Não dá para viver assim. E agora estou insegura, tenho uma menor que estuda, esse sujeito vive na minha zona. O que é que eu faço? Eu vivo de bicos, biscates, se eu não faço isso como vou viver? Eu estou separada. Sou obrigada a abandonar o serviço cedo, para chegar a casa cedo. Não temos patrulha no bairro. Não há segurança no bairro, mas temos muitos polícias.



Como é que o Estado falhou neste caso de violação

O Estado é o garante de que os cidadãos e as cidadãs tenham acesso à justiça. Neste depoimento, vemos que muitas instituições não actuaram devidamente para assistir a vítima e penalizar os agressores:

- Na unidade policial onde a queixa deu entrada, não informaram sobre a necessidade de guardar evidências, como a roupa que a vítima usava no momento do crime;
- A PIC não procedeu às necessárias averiguações, razão pela qual o único suspeito detido foi solto, por não haver matéria para instaurar o processo-crime.
- Na unidade sanitária, o enfermeiro não seguiu o Protocolo Médico de Assistência às Vítimas de Violência Sexual, alegando não o conhecer. Ela não teve o tratamento pronto e atencioso de que necessitava, tendo sido “esquecida” e mandada sentar-se no chão, apesar das lesões físicas de que sofria.
- A vítima só teve acesso (tardio, embora dentro das 72 horas) à profilaxia contra o HIV, ITS e à contracepção de emergência, por intervenção de pessoas conhecidas que alertaram a direcção do hospital da situação. A PIC não procedeu às necessárias averiguações, razão pela qual o único suspeito detido foi solto, por não haver matéria para instaurar o processo-crime.

Situação actual

Os dois suspeitos encontram-se detidos em virtude de terem cometido um outro crime de violação contra uma menina de 15 anos, no mesmo bairro, alguns dias após a violação da mulher descrita no texto principal.

Que fazer em caso de violação sexual?

- Mantenha a calma e tente fixar o maior número de indicadores que lhe permitam descrever o agressor, cor e corte de cabelo, cor dos olhos, cicatrizes, sotaque, outras características, quer do agressor, quer do veículo, se existir, como marca, cor, matrícula, etc.;
- Não faça uma higiene profunda, a nível ginecológico, sem ser vista/o por um médico ou perito;
- Preserve todas as peças de roupa que vestia na altura da violação, sem as lavar;
- Preserve qualquer objecto que lhe pareça ser pertença do agressor, mesmo uma ponta de cigarro;
- Dirija-se à esquadra de Polícia mais próxima e o mais rapidamente possível. As peças de roupa e os objectos referidos anteriormente são para entregar na altura da apresentação da queixa;
- Na esquadra deve ser encaminhada para os serviços de urgência da unidade sanitária mais próxima, onde deve ter prioridade no atendimento;
- Na unidade sanitária devem ser colhidas evidências da violação sexual e a vítima deve ser tratada de acordo com o Protocolo de Assistência às Vítimas de Violência Sexual.

O que é o Protocolo Médico de Assistência às Vítimas de Violência Sexual?

Este Protocolo é um regulamento de aplicação obrigatória em todas as Unidades Sanitárias, e que visa garantir o bom atendimento a todas as vítimas, prevenir doenças que possam surgir em resultado da violação e fornecer provas para instruir o processo criminal, permitindo a criminalização dos agressores.

O Protocolo inclui as seguintes medidas:

Se a violação ocorreu antes de terem decorrido 72 horas:

- Fazer a testagem rápida para o HIV
- Fazer a testagem da sífilis
- Fazer a colheita de secreções vaginais para avaliação médico-legal
- Providenciar quimioprofilaxia para o HIV por um mês (para evitar contrair o vírus)
- Contracepção de emergência (para evitar engravidar do violador)

Se já tiverem passado mais de 72 horas:

- Realizar a profilaxia para as ITS (infecções sexualmente transmissíveis)
- Realizar a testagem rápida para o HIV e Sífilis

O crime de violação sexual na legislação

No Código Penal actualmente vigente, a violação é um crime punível com pena de prisão de 2 a 8 anos (artigo nº 393 do actual Código Penal). Constituem agravantes, entre outros, o facto de o crime ser cometido com ameaça de uso de armas, por duas ou mais pessoas e acompanhado de actos de crueldade.

Estando a decorrer actualmente o processo de revisão do Código Penal, as organizações de direitos humanos reivindicam que a violação sexual seja considerada um “crime hediondo” (tal como acontece na legislação criminal no Brasil) pelo dano físico, moral e psicológico que provoca nas vítimas, que seja considerado um crime público (cuja denúncia não depende da vontade das vítimas ou das famílias) e um agravamento da moldura penal, considerada insignificante face à gravidade dos factos.

É de salientar que, na versão proposta pelo Parlamento, certos tipos de crimes de furto são mais penalizados do que a violação sexual, o que para as/os activistas é inadmissível. Por isso, exige-se castigos mais severos para os violadores.

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.

Incêndio deflagra cemitério São Francisco Xavier em Maputo

Um incêndio deflagrou o cemitério de São Francisco Xavier, vulgo “Cemitério da Ronil”, no cruzamento das avenidas Eduardo Mondlane e Karl Marx, esta terça-feira (23), em Maputo.

Texto: Redacção



Braiton Carlos, técnico de Informação e Alarme no Serviço Nacional de Salvagem Pública (SNSP), disse que o incêndio aconteceu por volta das 22:00h. Deveu-se ao óleo e outros lubrificantes de motores depositados no cemitério pelos proprietários de uma oficina de reparação de viaturas que funciona nas proximidades. Todavia, não houve danos humanos, nem materiais.

Aquele terreno foi oficialmente encerrado à realização de enterros em Janeiro de 1955, porém, continuou a receber corpos para sepulturas até 1974.

Afonso Gabriel Melecuanne assegurou-nos que é o responsável pelo cemitério. O fogo teria sido ateado por um grupo de mendigos que usam o local como abrigo. Eles vandalizam os jazigos e, para além de dormirem neles, desfazem os caixões com o intuito de obter madeira para fazer lareiras para diversos fins, tais como confeccionar alimentos.

Alguns agentes da Polícia da República de Moçambique (PRM) estiveram no local do incêndio, detiveram um mendigo supostamente por ter sido ele a atear o fogo e, por conseguinte, foi torturado, de acordo com Melecuanne.

O nosso interlocutor contou-nos ainda que a partir das 13:00h o sepulcro fica fechado porque os visitantes são desapossados dos seus bens pelos malfeitores e correm o risco de sofrer agressões físicas caso resistam na altura do assalto. Entretanto, os marginais passar por cima do muro para ter acesso ao cemitério e ninguém lhes tira de lá.

Neste momento, o cemitério de São Francisco Xavier está totalmente descuidado, facto que faz com que seja um albergue de mendigos e outras pessoas que vivem à margem da sociedade. Há anos, a edilidade de Maputo disse que aquele espaço seria recuperado e construir-se-ia um jardim público. A mesma finalidade era também prevista para o cemitério Parse, Judaico e Maometano, cujo encerramento aconteceu em Outubro de 1968.

Ainda segundo o município, as trasladações dos restos mortais, de jazigos e sepulturas seriam feitas para o cemitério de São José de Languene, na Avenida de Moçambique, o que nunca se efectivou.

Outras correntes têm defendido que o cemitério em alusão devia, por causa da sua história, servir de monumento ou reconvertido em Panteão Nacional para as pessoas que se destacaram em diferentes áreas em prol das causas do país.



CIDADÃ REPORTA: cemitério defronte dos bombeiros em #Maputo em chamas. há 16 horas

Antonio Júnior a revolucao chegou aos mortos? Sera k eles tambem xtao a queimar arkivos ou estao manifestando cntra o actual governo? · há 16 horas

Klesyu's Valdemiro acho que foi um incêndio provocado, como motivo pra vender a área. nao vai demorar aparecer um edificio nessa area · há 16 horas

Júlio Tavares Alfredo Nem mais!Que as Almas que aí descansam, não deixem descansar quem comprar esta area. · 2 · há 7 horas

Bertúnia Túnia Tú Magaia daqui a pouco nem parque/jardim para as crianças brincarem não terá · há 6 horas

Neto Macanja esse mundo esta de pernas pa o ar pah, CEMITERIO EM XAMAS? so em mozambique mesmo... daki a nada vai arder o mar · há 15 horas

Neto Macanja desse jeito tudo indica k estamos a caminho disso. essa gente ja me provou k tem condocoos de por tudo em Xamas, basta kerer. · há 9 horas

José Luis Domingos Eles apenas queriam ocupar o lugar dos Colonialistas e o Povo como sempre serviu de palhaço para que eles tomassem conta do País. Agora estão a fazer bem pior que os Colonialistas e enriquecem do dia para a noite. Esta gente que se intitula revolucionária NÃO MERECE VIVER. · 1 · há 5 horas

John Charles Mas uma bolada cOnsiguida!!exes gajos fechaum negocios cm dve ser! Tir0h chapau · há 15 horas

Carlos Paunde Concordo contigo Klesyus.... há uma bolada emm jogo ai... tal como aconteceu com um armazem da medimoc a uns anos.. hj eh uma das entradas do tentaculo ops cenaculo da fe · há 16 horas

Munir Vali Mussa Ja venderam o terreno a algum banco... · há 16 horas

Daude Amade a explicação eh simples;o cemiterio esta cheio de capim seco;ali vivem alguns bandidos em jazigos. eu moro aqui perto e conheço a realidade! · há 15 horas

Rebeca Cipriano Mashava Estranho! Nas barbas do corpo de salvacao publica? · há 16 horas

Claudino Goodyfry melhor as vias de acesso para o cemiterio dificultam a passagem da viatura, kkkakakakka, so se forem as almas... · há 2 horas

Bruno Pimentel Um predio em perspectiva nesse local... coitados dos defuntos... Meu Bisavo, Administrador de Magude (tempo colonial) foi sepultado ai... · há 14 horas

José Luis Domingos Tenho pena que para aquilo que lhes interessa se apague de qualquer forma os vestígios coloniais mas...quando se apanham com as calças na mão sabem vir ter com o povo irmão para pedir ajuda. O Povo moçambicano tem de rapidamente acabar com estes revolucionários que a exemplo dos de Portugal enganaram e bem o seu povo. · há 15 horas

Klesyu's Valdemiro Isto mostra ate onde vai a ganancia dos nossos dirigentes, nao respeitam ao povo, e muito

a memeoría dos nossos antepassados. Volto a dizer O MEU VOTO JA NAO EH SECRETO, Vou realmente assumir papel de geracao da viragem e lutar pra mudar o sistema. há 6 horas

Selma Mendonça O meu bisavô paterno coronel foi aí sepultado. Será que a esse país nada do que está aí faça parte da história ou querem apagar memórias de tempos que outrora ditaram o que hoje somos? · há 12 horas

Claudino Goodyfry Citando as palavras do Mi. da defesa: tudo faz parte do patrimonio historico, a baixa da cidade de maputo, os caminhos de ferro, etc mas para tal precisamos requalificar. · há 2 horas

Jaqueline Massingue ALguem deve estar interessado em vender aquele espaço. Hehehehe. Estamos na era de arranha-ceus e reassentamentos. Hehehehe · há 15 horas

Sozinho Mud Mais um teste para o corpo de salvagem publica porque desta vez as seculares justificações caem a baixo, nomeadamente, distancia para o lugar do sinistro, falta de agua e falta de comunicação. Neste caso, tudo esta mais do ao alcance. · há 15 horas

Sallymha Momad O mas incrivel e k ...e ai bem pertinho... da salvacao e levam horas para apagar as chamas.....kkkk este e o pais d Pandza!!! · há 4 horas

Carlos De Oliveira Imaginem so!!! nem depois de morto nos livramos da ma gestão da Frelimo · há 21 minutos

Rui Costa Foi xipoco coletivo em simultaneo por nao poderem recencear. foi a reclamação possivel. · há 10 horas

Norberto Chambule Pais d Armandinho ta uma merda, ja sta dmas, ate os mortos ja nao tem o merecido dscanso? · há 14 horas

Eurice Agnella A hipotese de fogo por acidente, na hora da confeccao do jantar de quem la vive e' valida. Mas, o que leva o pessoal a pensar que ha negocio na area e' o facto do cemiterio ter como vizinho proximo o corpo de bombeiros. Nao eram necessarios carro, combustivel nem motorista. Era so necessario esticar a mangueira. Vao dizer que nao ha la mangueira comprida o suficiente e/ou agua? Ou sera que receberam ordens superiores para nao terem sequer uma mangueira? Talvez nao havia homens suficientes para puxa-la (deve ser muito pesada). · há 3 horas

Orlando Luis Nuvunga É so uma questao de tempo que o governo vai acusar a renamo pelo sucedido... ·há 4 horas

Moises Monteiro Propositado ja a muito keriam destruir lo p dar lugar a predios e etc... Supersticao e demora ou nao d aparcerem familiares de ente keridos p exumarem os ossos ai uma solucao.... Fogo dee m um tempo k vao var prke o incendio ja existe um projecto de edificacao ali a bastante tmpo... · há 15 horas

Nelson Zony ki ki mas 1ma bolada d terra fexada cm ox chineses, so k a mangueira max facil d nos tapar è exa mesmo incendiand... E depois uma propriedad privada. Entao ond k ha socego e paz ate os mortos xtao sendo afetados.. só DEUS pa saber do destino dos atuais dono d moz. Ga ga ga pena d moz · há 15 horas

Catija Amade Estao a querer guerra com os tugas mechendo com os restos mortais dos seus antipassados, mas é mesmo estranho cemiterio em chamas,ihhhh ate fiquei arrepiada ·há 15 horas

Laura Mabuiangue ha outras coisas parece estao a nos testar..., ou era pra ver se os bombeiros conseguiriam apagar o fogo ali perto ja k normalmente eles chegam tarde quando ha incendioshá 6 horas

Maria Versos ????? Possivelmente para especulação imobiliária. O futuro próximo dirá quem são os promotores. ·há cerca de uma hora

Instalações públicas e privadas são inacessíveis aos deficientes em Nampula

Uma parte significativa dos edifícios públicos e privados construídos na cidade de Nampula desrespeita a política para deficientes no que diz respeito à urbanização, edificação e acessibilidade. O Ministério das Obras Públicas e Habitação (MOPH) e a edilidade continuam a permitir a construção de estabelecimentos para diversas finalidades sem rampas e corrimãos, por exemplo, em diferentes partes da urbe.

Texto & Foto: Sérgio Fernando



Para além de servir os deficientes, o corrimão é fundamental para as crianças, mulheres grávidas, pessoas com criança de colo e idosos, uma vez que apoia o corpo e dá mais equilíbrio e segurança ao subir e descer as escadas. As normas que regulam a criação de acessos a edifícios para pessoas com deformação física ou insuficiência de uma função física são, igualmente, infringidas nos transportes públicos, pois não existem sistemas com acessos especiais.

O Ministério da Mulher e da Acção Social (MMAS), que é responsável pela protecção dos direitos desse grupo social, também não está a tomar as devidas diligências para que os deficientes físicos, por exemplo, principalmente os que se locomovem com recurso a cadeiras de rodas, não enfrentem dificuldades para aceder a locais públicos. Na cidade de Nampula, os Serviços Provinciais de Migração, sitos no entroncamento entre as avenidas Monomotapa e Francisco Manyanga, não têm corrimãos nem rampas. Os deficientes físicos fazem “gincanas” para entrar no edifício com vista a tramitar qualquer expediente.

A mesma situação verifica-se na Escola Primária e Completa 7 de Abril, sita no entroncamento entre as avenidas Francisco Manyanga e Josina Machel. Os alunos com deformação física ou insuficiência de uma função física enfrentam dificuldades para ter acesso às salas de aulas. Naquele estabelecimento de ensino, segundo apurámos, existem turmas especiais destinadas aos deficientes auditivos, mas a falta de pedagogos formados em matérias de línguas de sinais faz com que as lições não estejam a decorrer.

Sobre esse assunto, o director provincial adjunto da Educação e Cultura, José Óscar Chichava, reconheceu, no passado, numa entrevista ao @Verdade, que nas escolas da província de Nampula ainda não há um acompanhamento eficaz das crianças com deformação física ou insuficiência de uma função física no processo de ensino e aprendizagem. As instituições de formação de professores existentes nesta região do país não contemplam os módulos sobre matérias especiais destinadas aos docentes que lidam com o grupo de compatriotas a que nos referimos.

A falta de condições de acessibilidade e transitabilidade nos estabelecimentos públicos para os deficientes físicos verifica-se igualmente na secretaria do governo provincial de Nampula localizada na Avenida da Independência. Na delegação provincial da Cruz Vermelha de Moçambique em Nampula, os deficientes também enfrentam problemas para ter acesso àquela infra-estrutura, ou seja, não existe nenhuma rampa ou corrimãos. Para além das que já existem há anos, as instituições privadas ainda em edificação na província de Nampula violam também sistematicamente os direitos das pessoas com algum defeito físico.

As autoridades governamentais e organizações da sociedade civil mostram-se preocu-

padas com a alegada falta de sensibilidade por parte dos engenheiros das obras de construção. Contudo, a culpa pode ser atribuída, em parte, ao MOPH e à edilidade por não fazerem a fiscalização do que se pretende erguer.

Essas situações denotam que a vontade de proteger os direitos dos indivíduos com deformação física ou insuficiência de uma função é amplamente expressa nos discursos políticos mas na prática pouco ou nada se faz. Aliás, os escritórios de algumas organizações que trabalham em prol do grupo de cidadãos em apreço não têm rampas, facto que coloca em dúvida a seriedade que as mesmas têm em relação à matéria.

O secretário provincial da Associação dos Deficientes de Moçambique (ADEMO) de Nampula, Ali Afito, confirmou que em Nampula as violações persistem, protagonizadas pela sociedade em geral. As dificuldades de locomoção das pessoas a que nos referimos, segundo o nosso interlocutor, acontecem nas comunidades onde as construções de habitações são desordenadas, pois os caminhos estreitos não facilitam a circulação com as cadeiras de roda. Isso ocorre sob o olhar impávido do município, entidade que vela pelo ordenamento territorial. “A nossa situação não está a ser encarada como preocupante. Isso revela que os encontros que temos vindo a realizar, de forma insistente, com as entidades governamentais no sentido de pressionar para se acelerar as actividades em prol do nosso bem-estar não estão a surtir os efeitos desejados”, desabafou Ali Afito.

O director provincial da Mulher e da Acção Social em Nampula, Lourenço Buene, considera que a sociedade está comprometida com a promoção dos direitos dos deficientes e a sua instituição, particularmente, pretende continuar a levar a cabo acções nesse sentido. Contudo, o problema da falta de rampas e corrimãos nas instituições públicas e privadas está longe de ser resolvido. Este assunto está a ser discutido há muito tempo mas ainda não existem resultados satisfatórios. O nosso entrevistado disse que a violação da política de inclusão daqueles meios acontece em grande parte nos estabelecimentos cujos gestores são privados. Apesar disso, a situação tende a melhorar.



Pergunta à Tina...Porque tenho corrimento se sou virgem?

Olá meus queridos leitores. Há muitas semanas que tenho estado a reflectir sobre a influência das expressões brasileiras na forma como os jovens em Moçambique falam. Por exemplo, muitas pessoas que escrevem para mim a falar sobre uma experiência sexual, usam a palavra “transar” ao invés de fazer sexo. Não tenho nada contra o uso de palavras/idiomas brasileiros, mas gostaria de sugerir que usássemos as palavras/expressões mais moçambicanas por forma a garantir que todos os leitores saibam sobre do que estamos a falar. Dá? Espero que isto não vos acanhe, porque esta coluna é mesmo para falar abertamente sobre o sexo e a saúde reprodutiva.

Enviem-me uma mensagem através de um sms para **90441**
E-mail: **averdademz@gmail.com**

Olá Tina. Tudo bem? Por cá está tudo ótimo. Chamo-me Sheila e tenho 15 anos. Sou virgem mas sempre me sai corrimento. Quero saber como acabar com isso. Tenha um bom dia.

Olá, minha querida. Começamos por saber se é possível uma menina virgem ter corrimento. Sim, é possível porque o corrimento não é apenas causado pelas infecções de transmissão sexual. Existe um corrimento que é causado, por exemplo, por um fungo que se chama Cândida, que habita normalmente na flora vaginal e que às vezes aumenta de quantidade e causa o corrimento. Há outros organismos que também podem causar alguma infecção vaginal, até mesmo em meninas mais novas. Por isso, a melhor forma de saber exactamente de que tipo de corrimento se trata debes procurar um médico. Sei que isto é algo que não consegues fazer sozinha. Conversa com a tua mãe, tia ou alguma pessoa mais velha que te possa acompanhar à consulta de ginecologia para que possas saber exactamente o que causa o teu corrimento a fim de que trates. Ainda bem que ainda és virgem, porque essa é uma forma perfeita de evitar infecções ainda mais complicadas. Parabéns.

Olá Tina! Chamo-me Mara, e tenho 20 anos. O meu período é regular, está atrasado e sofro de uma infecção urinária. Gostaria de saber se a infecção é que faz atrasar o meu período. Beijo

Olá Mara. Bem, até onde eu sei como uma pessoa leiga, não há uma relação directa entre as duas coisas. O atraso da menstruação geralmente está associado à gravidez ou a algum tipo de mudança hormonal, e não necessariamente a infecções, a não ser que estas infecções interfiram com o funcionamento normal da hormona que controla todas as hormonas do nosso corpo. É comum (mas não necessariamente normal) para muitas mulheres que o período se torne irregular. Esta irregularidade pode ser resolvida através da tomada de pílulas que contêm as hormonas necessárias para regular o ciclo menstrual. Entretanto, é importante também excluir a possibilidade de estares grávida, através de testes rápidos ou mesmo através do teste de sangue. Quanto à infecção urinária, esta é tratada através da tomada de medicamentos, geralmente antibióticos, receitados por um médico. O meu conselho querido é que vás ao um médico/uma médica ginecologista e expliques o que está a acontecer: desde quando é que o ciclo menstrual parou de ser regular, e também debes falar da duração da tua infecção urinária. Para ambos os casos, o médico vai poder fazer um diagnóstico e propor a melhor forma de resolver os problemas que te afectam.

Residentes do quarteirão dois na Zona Verde estão apavorados

Os moradores do quarteirão dois, no bairro da Zona Verde, no município da Matola, vivem momentos de terror devido à existência de um grupo de malfeitores que, à noite, escreve, com spray, nos seus muros, dizeres segundo os quais “3/100 promoção e corta-se cabelo”.

Texto: Redacção



A insegurança daqueles compatriotas deve-se, em parte, aos assaltos, às agressões físicas e mensagens de ameaças deixadas pelos malfeitores nas casas das vítimas que alegadamente serão visitadas nas próximas incursões maléficas, no bairro São Dâmaso, também no município da Matola.

No bairro de Ndlavela há igualmente relatos de indivíduos que são “engomados” pelos assaltantes como forma de obrigá-los a revelar os lugares nos quais provavelmente terão escondido dinheiro e outros bens valiosos.


No quarteirão a que nos referimos, há mais de uma semana que as pessoas cujas paredes têm essas palavras (“corta-se cabelo”) não dormem tranquilas, sobretudo porque não sabem o que se pretende com as mesmas.


Gildo Cuamba, um dos moradores da zona, disse ao @Verdade que pelo facto de alguns vizinhos ainda terem recordações tristes dos anteriores assaltos nas suas residências ou dos vizinhos, passam as noites acordados.


Aliás, devido ao medo, o chefe do quarteirão dois e os moradores reuniram-se, na manhã desta terça-feira, 23 de Julho, para traçar estratégias que lhes permitam deter os autores da mensagem “3/100 promoção e corta-se cabelo”. No mesmo dia, a comunidade passou a noite a patrulhar a zona, uma vez que chegou à conclusão de que o trabalho das polícias de Protecção e Comunitária é ineficaz.


 **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade


CIDADÃO Edson REPORTA:
O medo ainda prevalece nos Bairros São Damaso, Infulene “D” Quarteirão 33, e Ndlavela Quarteirão 25, isto porque o grupo que tem engomado as suas vitimas com ferro de engomar colou um aviso numa mafureira a dizer que atacaria os últimos 2 bairros com mais intensidade esta semana.
Os residentes destes Bairros não dormiram nas suas casas ontem por temer agressões e saíram para fazer rusgas. Hoje as rusgas continuarão. · · Partilhar


 **Sechene Zeca** onde xta o pai, ou padrasto da nacao? · há 17


 **Mustak Patel** Há maning cizentinhox a exigir carta d condução, inspeção, manifesto, triângulo, colete, livrete & refresco! Deviam xtar a patrulhar nas zonas em situação crítica!!! · há 17 horas


 **Guguzinho Moiane** Ha coisas que so acntecem n noxo país, onde ek ja se viu ixo? É um absurdo, até escalam bairros com avisos prévios. Epah, caso peguem um, primeiro agridam no até fikar inconsciente, d'seguida engomem—no dai k p ultimo o queimem cm 2pne-us. O mundo ta louco. · há 17 horas


 **Rosalino Mulumbua** Onde anda akele puxa saco arrogante qualquer coisa Kalau. · há 17 horas


 **Melton Xolani** é melhor tirminarem por la...se eles chegarem aqui no T3 é so fogo· há 16 horas


 **Luis Baptista** Eu sou um dos moradores do Bairro São Dâmaso. Confirmo tudo isso. Encontro-me acaminho da centro de encontro para retomarmos a patrulha. Acabamos de queimar uma viatura por aqui...isso está mal, os populares dizem que querem queimar tudo e todos que forem encontrado. São dâmaso só tem 4 polícias que estão no Circulo a guarnecer os carros do Parque · há 17 horas


 **Revolucionario Famtasma** Meu Deus k país é exe k o ladrão dsafia policia pora pha é n cumulo · há 17 horas


 **BoyFred Dos Santos Drizzy** Os policix so tao a cosar tomatx nao fzm nada... · há 17 horas

 **Osvaldo Francisco** ja existem oportunistas ou amadores por ai que façam a patrulha se encontrarem um deles que serva de exemplo “lixarem” para que da proxima nao se repetao coisas do genero · há 17 horas


 **Chil Emerson David** haaaaaaa epah,porque n mandam um BTR pra essas zonas pah????? haaaaaaa.....povo a rec-lamar e ninguem faz nada????? · há 18 horas


 **Joaquim Tembe** Depois vao dizer que o Povo fez justice com as suas proprias maos · há cerca de uma hora


 **Charles J. Raulina Macovela** queima, queima, queima. mas nao deixa morrer para sentir na pele o k faz c/outros. · há 8 horas


 **Eugénio Nhancule** E quando são pegues e linxado a policia vem com aquele ditado “ não façam justiça com as proprias mãos” querem que se faça o qué? levalos para esquadra e meia volta serem soltos e voltarem a atazanar? fazendo e desfazendo tudo mais alguma coisa, sobre tudo em frente da familia inteira e não poder fazer nada.? Nunca deixe escapar um desses, que sirvam de exemplo, cada municipe corte um pedaço do corpo criminoso e fazer dele o que bem entender. As pessoas já não dem dormir tranquilos por temerem violencia extupro e mais ainda ser engomado como roupa? peguem nos, batam neles e ponham pneus no corpo do criminoso. · há 10 horas


 **Andércio Felizarda** que coisa de onde vem esses malditos engomadores · há 10 horas


 **Enoque Chemane** eu pago os impostos pa ser engomado??? Cade a policia de que tanto falam?? Sera possivel um grupo d 20 larapios passar dispercebido!!! · há 11 horas

 **Norberto Chambule** enquanto os bandidos tomam conta dos bens alheios a Policia ta nas estradas a madar parar carros, e roubam, ao inves d fazer patrulha... · há 17 horas

 **Khuberra Kndc Acidino** Situação ridícula... Sentimental e veridica, o Moçambique está de mal a pior! · há 17 horas


 **Isabel Meyve** Pelo menox avizaraw há 17 horas


 **Osvaldinh Maria** parece q o cidadão comum vai ter de virar polícia · há 17 horas


 **Tania Nharreluga** Ate quando esses malfeitores vao parar cm isso? · há 17 horas


 **Bigsama Chichango** E a policia o que faz? · há 18 horas


 **Dudas Duma** Averiguar engomar · há 4 horas

 **Samuel Macamo** Por favor se apanharem e so pneu ate fazem avisos fodas se pha · há 6 horas


 **Bertino Gove** E a Policia o que faz? Nada. Parabens Guebuza por trabalhar com incompetentes · há 7 horas


 **Tomas Pedro Carvalho** Isto esta mau mas tambem podem existir pessoas a se aproveitar desta situação e criar terror. · há 7 horas

 **Michael Daude** ihhhh ouve la, assalto com aviso prévio???? a que extreme se está a chegar, a nossa Polícia da República está cada vez menos efectiva · há 7 horas


 **Hassan Osman** Lamentável isto. Está se a espera de quê para que as autoridades ponham um ponto final a estas brutalidades? · há 8 horas


 **Carla Massunda Pene** E a Polícia diz O quê? · há 8 horas

 **Martuia Juma Issa** e melhor quando encintrarem queimar vivo para servie de exemplo. · há 8 horas


 **Martuia Juma Issa** é muio doloeoso ser ameaçada na sua propria casa. onde vao se esconder essas pessoas? · há 8 horas

 **Gildo Ramos Zefanias Chichongue** Muito estranho! · há 9 horas

 **Paulo Manjate** Cada dia que passa esses tipos irão se achar dignos de respeito visto que as autoridades nada fazem para pará-los e o povo que não dispõem de nenhuma segurança básica sofre, as crianças traumatizadas e no final de cada mês são cortes de imposto que sofremos... PARE TUDO E VAMOS VARRER ESSES TIPOS... · há 9 horas

 **Anísio Paulo** Ta na ora dx cups pararem d fikar por ai a coxar ux tomatx nax exkinax e cmexar a trbalhar...mas por outro lado podm ser matsangas da renamu disfarxadx d criminosos!! Keep eyes open. É xtranhx exex atakex ini-arem logu nax vexperax dax eleixoex...sao matsangax camufladx, a tranxformarem matola em muxun-gue!! · há 9 horas

 **Domex Claudio Tigre Tigre** Agnte plxial ñ intervem pk · há 9 horas

 **Joao Bosco H. Luis** Anuncio a suspensão do art. 40 da Constituição da República de Moçambique, se por acaso encontrar um membro deste bando, primeiro investigue acerca dos outros, depois engomai-o e, ultimamente podem queiamar ou furar os dois olhos para sentir quão é difícil fazer amizade com o SOFRIMENTO. A luta continua! · há 10 horas

Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal @Verdade, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Boa tarde, Jornal @Verdade. Gostaríamos, através do vosso meio de comunicação, de expor um problema que está a acontecer no mercado Romão, sito no bairro do Ferroviário, município de Maputo. É que existe um grupo de vendedores informais cujas bancas foram destruídas por um indivíduo para dar lugar à construção de um muro; por isso, essas pessoas já não têm espaço para exercer as suas actividades.

Nós sabemos que devíamos ser compensados por termos sido desapossados dos nossos lugares, sobretudo porque para termos os espaços em causa pagámos um valor de três mil meticais ao Conselho Municipal da Cidade de Maputo (CMCM), a quem também pagamos taxas diárias.

Entretanto, nem a edilidade, nem o proprietário da obra, que é feita no período nocturno, mostram interesse em ressarcir as pessoas lesadas, apesar de saberem que não temos outro lugar para erguer novas bancas e continuar com o nosso ganha-pão.

Outro problema que nos preocupa é o facto de os chefes do mercado Romão não estarem a defender os direitos dos comerciantes. Eles estão do lado do indivíduo que usurpou os nossos lugares; por isso, acreditamos que foram corrompidos. Sentimo-nos abandonados e sem meios para continuar com a venda que era a única fonte de sobrevivência dos nossos dependentes.

Quando procuramos saber dos chefes dos mercados quais são os procedimentos a serem seguidos para que tenhamos os nossos direitos salvaguardados, eles dizem que somente os vende-

dores cujas barracas foram destruídas serão recompensados. Os restantes não vão ter direito a nada, uma vez que as bancas demolidas eram precárias e foram erguidas contra as normas previstas na Postura Urbana.

Insatisfeitos com o argumento dos chefes do mercado, dirigimo-nos ao Conselho Municipal de Maputo para obter mais esclarecimentos sobre o caso. A única coisa que nos foi prometida é o espaço mas cada comerciante vai erguer uma nova banca com os seus próprios meios. Contudo, esse não é o mesmo tratamento dado àqueles que perderam as suas barracas. Por isso sentimos que há dualidade de critérios no tratamento do caso que nos inquieta.

Para nós, o procedimento da edilidade demonstra a arrogância de uma entidade que só sabe cobrar-nos três mil meticais sem se preocupar com a nossa protecção.

Outro facto que nos deixa insatisfeitos é o de o proprietário do muro que originou a demolição dos nossos locais destinado à venda de produtos alimentares nos atribuir nomes pejorativos alegadamente porque nada lhe pode acontecer. E ninguém inter-vém a nosso favor para evitar essa injustiça.

Sentimo-nos humilhados só porque somos pobres; por isso, pedimos a ajuda da vereação de Mercados e Feiras da Cidade de Maputo e que nos diga também como é que iremos continuar a exercer as nossas actividades sem dinheiro para erguer novas bancas.

Resposta

Sobre este assunto, o @Verdade contactou, telefonicamente, o vereador de Mercados e Feiras no Conselho Municipal de Maputo, António Novela.

Este disse que as queixas dos vendedores informais são do seu conhecimento mas são ilegítimas, uma vez que a Postura Urbana estabelece que em relação à forma como se deu a destruição das bancas dos comerciantes em causa deve haver concessão de um novo espaço para cada um deles, e não a construção de novas infra-estruturas tal como reclamam os lesados.

Segundo Novela, a construção do muro em alusão observou as normas legais exigidas pela edilidade. Para além disso, a edificação do mesmo enquadra-se nos esforços do município de delimitar o mercado com vista a criar melhores condições de comércio.

Sem citar qualquer artigo específico para sustenta as suas palavras, o nosso interlocutor recorreu à Postura Camarária para insistir dizendo que a demolição de uma banca de vendedores informais, erguida em qualquer espaço do mercado, não dá direito a compensação, sobretudo porque no orçamento da edilidade não se prevê qualquer fundo para o efeito.

Brevemente, de acordo com Novela, aos vendedores cujos espaços foram tomados serão atribuídos novos lugares no interior do mercado Romão para darem continuidade às suas actividades.

Aliás, o município respeita o trabalho desses comerciantes porque eles contribuem para o aumento de receitas, para além de que os seus agregados familiares dependem do produto do que vendem.

As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrec-tos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos. Envie: por carta – Av. Mártires da Machava 905 – Maputo; por Email – averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS – para os números 8415152 ou 821115. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

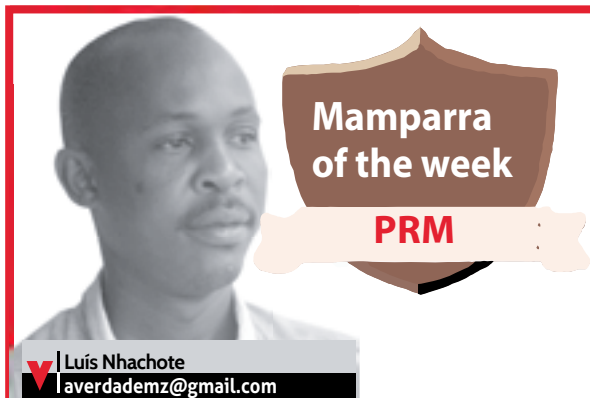
Há cada vez mais mortes e sangue nas estradas moçambicanas

Trinta e uma pessoas perderam a vida em consequência de três acidentes de viação ocorridos nas províncias de Tete, Inhambane e da Zambézia, nos dias 21 e 23 de Julho em curso.

Texto: Redacção

Um dos desastres aconteceu no posto administrativo de Mutarara, na província de Tete, onde morreram 12 pessoas, quando o minibus em que seguiam chocou violentamente contra um camião. Outra desgraça, envolvendo uma viatura de tipo turismo, de marca Toyota Spacio, e um camião, aconteceu na vila de Cumbana, no distrito de Jangamo, na província de Inhambane. Sete pessoas da mesma família que viajavam no carro ligeiro, idos de Mavila, distrito de Zavala, com destino à cidade da Maxixe, morreram. Na terça-feira, 23 de Julho, 15 compatriotas perderam a vida e outros sete ficaram feridos, três dos quais em estado grave, num sinistro rodoviário que envolveu igualmente um camião e um veículo de pequeno porte, no distrito do Ile, na província da Zambézia. O desastre ocorreu sobre o tabuleiro de uma ponte no Rio Mutepuesse, no troço que liga os distritos de Gúruê e Mocuba. Na quarta-feira, 24 de Julho, mais sangue foi derramado, desta vez nas estradas da província de Manica, na sequência de mais um sinistro envolvendo um autocarro de passageiros,

que na altura fazia o trajecto Tete – Maputo, que colidiu a alta velocidade com um camião articulado estacionado na sede do distrito de Guro e fez 12 feridos, entre eles quatro menores. Enquanto isso, na província de Gaza, 67 cidadãos morreram e outros 140 contraíram ferimentos graves e ligeiros devido a 68 sinistros rodoviários ocorridos nos primeiros seis meses deste ano, contra 52 óbitos de 218 feridos registados em igual período de 2012, causados por 90 acidentes. As principais causas desses acidentes de viação são as mesmas que as que têm estado na origem de várias mortes e traumas em diferentes troços do território moçambicano: o excesso de velocidade, a condução sob o estado de embriaguez, a má travessia de peões e a fadiga dos automobilistas. Refira-se que nos dias 13 e 15 de Julho em curso, 18 compatriotas perderam a vida e outros 30 ficaram entre gravemente e ligeiramente feridos em consequência de dois acidentes de viação ocorridos no distrito e Zavala (Inhambane) e na vila sede de Alto Molócuê (Zambézia).



Mamparra
of the week

PRM

Luís Nhachote
laverdademz@gmail.com

Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores,
Avôs e Avós

O mamparra desta semana é a Polícia da República de Moçambique (PRM) que, incapaz de conter a avalanche criminosa que tomou de assalto o bairro São Dâmaso, no município da Matola, alegou que os mesmos (crimes) acontecem porque durante o frio as pessoas dormem muito!!! Que “granda” desculpa esfarrapada esta saída do esgoto da sacanice da Polícia que tem à testa o senhor Jorge Khálau. Onde, e em que parte do mundo, é que as autoridade policiais, que têm o nobre dever de garantir a segurança e ordem públicas, acusa o clima, neste caso o Inverno, de ser um factor que faça com que o crime cresça exponencialmente?

Esta inédita e “iluminada” ideia, infelizmente, foi parida pela nossa zelosa PRM, que diz que os cidadãos tendem a dormir mais cedo e desse modo não têm escutado as incursões nocturnas dos assaltantes. Essa casta de marginais já devia há muito ter sido neutralizada, detida, julgada e condenada. As imagens seguidas de relatos populares dos habitantes daquele bairro foram e são arreliadoras: os tais assaltantes usam ferro de engomar para passar os corpos das vítimas!

Como a onda está em crescendo, os populares disseram à delegação policial que foi lá para dialogar que o referido bairro há muito que clama por uma esquadra naquele, mas tal facto ainda não aconteceu, e ao que parece nem se vislumbra alguma réstia de luz no fundo do túnel! O cenário que se avizinha, por culpa do “Inverno”, é de caos: a justiça pelas próprias mãos sob forma de linchamentos, ideia não aconselhável. A Polícia recebe do imposto dos cidadãos de bem desta – como diria o outro – “Pérola do Índico”, para fazer o seu trabalho, em parte encarregue para cidadãos vocacionados, que a todo o custo, depois de jurada a bandeira, pretendem defendê-la dos amigos da coisa alheia. Que raio de pronunciamento irresponsável é este que nos foi brindado pela Polícia da República de Moçambique?

Já agora, esses ministros “reformados” e no activo, com pensões exorbitantes para um país que alegam ser pobre, porque não sacrificam, um a um, mês a mês, um dos salários para que se construam esquadras, escolas, hospitais, em cada um dos bairros, distritos deste país que dizem tanto amar? O antigo ministro do Interior, e actualmente na pasta da Agricultura, José Pacheco, poderia ser o primeiro da lista a fazer isso e que constaria para a posterioridade, uma vez que ele conhece os problemas do ministério que zela pela nossa segurança e ordem públicas. É uma ideia a ser comprada a título meramente gratuito! Se amam este país como dizem amar, e cantam a plenos pulmões que “nenhum tirano nos irá escravizar”, ajudem os moçambicanos por favor.

É que alguém tem que pôr um travão neste tipo de mamparices.

Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana!

Terminou o primeiro recenseamento eleitoral com cobertura em directo em Moçambique

Terminou na última terça-feira, 23 de Julho, o recenseamento eleitoral de raiz nos 53 municípios que irão acolher eleições a 20 de Novembro próximo.

Durante os 60 dias do processo o jornal @Verdade, em parceria com o Observatório Eleitoral e o Centro de Integridade Pública, cobriu, em tempo real, o que aconteceu na maioria dos postos de recenseamento e publicou, também em tempo real, no seu sítio na Internet autarquicas.verdade.co.mz por forma a aumentar o nível de transparência do recenseamento.

Esta cobertura em directo foi possível através de um software open source para jornalismo, a que chamamos “Citizendesk, e que permitiu agregar com facilidade a informação recolhida por 265 observadores, onze jornalistas e milhares de cidadãos, que junto aos postos reportaram como estavam a ver o processo de recenseamento. Mais de quatro mil informes foram publicados desde o primeiro dia.

No fim desta primeira fase – a nossa cobertura prossegue até ao apuramento dos votos nas eleições autárquicas – trazemos o balanço do recenseamento nas palavras de alguns dos observadores que o acompanharam in loco do primeiro ao último minuto:

Texto: Redacção

07/24/2013 16:04 | by @Verdade

“**Observadora Daniela Molapa, município de Nampula:** Nos primeiros dias houve problemas relacionados com a falta de flexibilidade no manuseamento das máquinas por parte dos brigadistas. Em relação aos fiscais, era normal aparecer só um, que era do partido Frelimo. Os observadores não eram respeitados e nem sempre era-lhe fornecido o número de cidadãos registados diariamente. O mais grave é que os brigadistas só atendiam amigos e conhecidos, e só depois é que chamavam os eleitores que estavam na fila.

07/24/2013 16:04 | by @Verdade

“**Observadora Maria dos Anjos, no município de Chimoio:** os brigadistas eram muito lentos na recolha dos dados e na impressão dos cartões. Os fiscais dos partidos complicaram vários cidadãos com interrogatórios sobre local de residência o que fez com que muitos cidadãos que vieram não se recensearam.

07/24/2013 16:00 | by @Verdade

“**Observadora Laurinda António João, no município de Monapo:** perante a minha observação, entre 25/05 e 23/07, o recenseamento decorreu bem. Os brigadistas forma bem comportados. Contudo ontem, depois do encerramento, o supervisor da brigada 115 em Carapira abandonou o posto levando os dados para o STAE provincial.

07/24/2013 15:56 | by @Verdade

“**Observador Hermínio Paiva André, no município de Mocimboa da Praia:** quanto ao processo de recenseamento eleitoral, dou uma nota positiva. Todos os postos se esforçaram fazer a máxima prestação de serviço, não obstante ao arranque tardio, nalguns postos, como é o caso do posto 19 na EPC 3º Congresso, que arrancou 2 semanas depois, e o posto 20, Epc de Milamba, que arrancou 1 semana depois, por avaria das suas máquinas. Os brigadistas prestaram bom serviço, contudo os digitadores mostravam falta de domínio das máquinas-computadores, sobretudo nas fotos que saíam muitíssimo deformadas, o que criou sempre protesto dos eleitores. Nas 2 últimas semanas, houve melhorias. Quanto aos eleitores, que preferiram esperar a última hora, alguns perderam a oportunidade. No posto n. 20, Epc Milamba, parece ter havido uma influência política, e isso enfraqueceu a afluência semanas depois. Com intervenção do Presidente do Município, desbloqueou-se e o processo retomou a normalidade. O reforço de mais mesas em todos os postos menos de Milamba, trouxe uma nova dinâmica, e graças a isso foi possível alcançar maior número de eleitores.

07/24/2013 15:48 | by @Verdade

“**Observadora Florinda, no município de Ribáuè:** de uma forma geral o processo foi positivo. Em relação ao trabalho dos brigadistas é de agradecer pelo esforço empreendido por eles embora houvessem avarias dos equipamentos informáticos e insuficiência de tinteiros nos primeiros dias.

07/24/2013 15:44 | by @Verdade

“**Observador Bele Basílio, no município de Nampula:** o balanço que faço é de pouca habilidade dos brigadistas no uso do equipamento informático o que originou morosidade do registo. Referi que vários cidadãos acabaram não recenseando porque deixaram a inscrição para a última hora.

07/24/2013 15:40 | by @Verdade

“**Observador Sérgio Marcos, no município de Maputo:** de um modo geral para cada brigada e de início ao fim do recenseamento os brigadistas foram melhorando nas técnicas de uso de equipamento e material, a medida que o tempo passava e o numero de eleitores aumentou. Também vi diferença de aplicação da lei quando o cidadão não trazia documento de identificação, em alguns postos bastava trazer duas testemunhas que tivessem recenseado no posto, noutros exigiam que as testemunha também tivessem que conhecer o cidadão. No posto no matcik-tchik bastava o cidadão trazer dois cartões de quem já se tinha ali recenseado. Registo ainda atraso na abertura de vários postos, em várias ocasiões.

07/24/2013 15:19 | by @Verdade

“**Observador Virgílio Erneu, no município de Montepuez:** fazendo o balanço final sobre cada posto observado por mim observado afirmo que o recenseamento decorreu normal, contudo alguns brigadistas forma esforçados. Os problemas mais graves foram a falta do agente da lei e ordem em alguns postos onde aconteceram algumas confrontações entre cidadãos nas filas. Destacar ainda o atraso na abertura dos posto por falta de transporte no STAE distrital.

07/24/2013 15:10 | by @Verdade

“**Observadora Adélia Lovira, no município da Ilha de Moçambique:** o balanço é positivo em todos postos de recenseamento onde passei. O trabalho dos brigadistas também foi muito bem sem nenhum problema grave a assinalar.

07/24/2013 15:01 | by @Verdade

“**Observador Hermínio Munguambe, no município da Maxixe:** o balanço que faço é negativo. O trabalho dos brigadistas foi mau na medida em que viviam no posto de recenseamento desde o início do processo até ao fim sem acomodação e mantimentos adequados para o efeito. Um problema grave que observei foram as perguntas que eram feitas aos cidadãos que iam recensear no posto da EPC de Agostinho Neto. Outro problema a notar foi a permanência do policia junto ao posto de recenseamento sem dar uma distancia exigida pela Lei na EPC de Nhatitima.

07/24/2013 14:58 | by @Verdade

“**Observador José Cachembe, no município de Metangula:** o balanço que faço em todos postos que observei o trabalho dos brigadistas foi positivo. Registo um problema grave no posto 86 na EPC de Micuio onde um jovem de 13 anos tentou recensear-se por indicação de alguns simpatizantes do partido MDM. Negativo foram as avarias constantes dos equipamentos informáticos,

em todos os postos.

07/24/2013 14:45 | by @Verdade

“**Observador Abdul Remane Amade, no município da Beira:** fora o facto dos eleitores não terem-se dirigido aos postos assim que o recenseamento começou, e terem esperado para o último dia, faço um balanço positivo de uma forma geral. Os brigadistas não estavam bem treinados porque tinham dificuldades em manejar o equipamento informático o contribuiu para a lentidão do processo. Os brigadistas não aceitaram recensear eleitores com cédula mesmo que viessem com duas testemunhas recenseadas naquele posto. Em outros postos os brigadistas não deram prioridade aos idosos deixando-os esperar longas horas na fila.

07/24/2013 14:00 | by @Verdade

“**Observadora Marília Rosângela, no município de Inhambane:** De um modo geral o balanço que faço é positivo em todos os postos onde observei. O trabalho dos brigadista foi aceitável, os postos sempre abriram as 8 horas, uma vez que os brigadistas durante o processo todo residiram no local de recenseamento. Pontos negativos eu diria a falta de domínio na digitação o que acabava tornando lento o processo. O problemas mais grave foi a fraca afluência dos cidadãos aos postos de recenseamento o que demonstrou claramente que o processo de educação cívica eleitoral não foi bem feito.

07/24/2013 13:56 | by @Verdade

“**Observador Cândido Ricardo, no município da Massinga:** Por mim quanto em cada posto que passei não houve nenhum problema grave relacionado com os brigadistas, eles fizeram o trabalho com muita coerência. Tenho a dizer que houve relutância dos eleitores para recensearem-se nos primeiros dias que deviam exercer o seu dever cívico deixando para os dois últimos dias enquanto houve dias que os postos estiveram vazios. Ressalvar que os brigadistas no móvel posto 147 na EPC 21 de Abril que obrigaram a idosos do centro apoio a velhice, alguns com dificuldade em locomoverem-se e outros de visibilidade, a deslocarem-se uma distancia considerável para se recensearem quando poderiam-se ter deslocado ao centro e depois regressar ao local de funcionamento habitual.

07/24/2013 16:48 | by @Verdade

“**Observador Feliciano Matique, município de Dondo** A avaria das máquinas no início do processo em nada ajudou os eleitores que pretendiam recensear-se. Ficaram desmoralizados, pois chegavam aos postos e não eram atendidos. Após a resolução deste problema, surgiu o da energia eléctrica e fraca, senão inexistente, educação cívica. Os brigadistas não eram flexíveis.

07/24/2013 19:06 | by @Verdade

“**Observadora Nazarete Reginaldo, no município da Beira:** o balanço que se pode fazer sobre este processo, primeiro os aspectos negativos constatados

Democracia

avaria constante das máquinas desde o momento inicial até ao fim, isso em quase todos os postos observados.

O segundo aspecto, que também aconteceu em todos os postos, foi a rejeição de outros documentos como Cédula Pessoal, antigos cartões de eleitor e presença das duas testemunhas.

A fraca afluência aos postos até a penúltima semana também é outra situação a lamentar.

Outra constatação é de vários postos onde muitos cidadãos não puderam recensear-se no último dia, embora estivessem presentes até a hora prevista do fecho.

Aspectos positivos destacam o não registo de actos de vandalismo com excepção do último dia, na EICB.

Destaco de forma particular para o posto na ES Mateus S Mutemba que ficou quase uma semana sem registar as cidadãos devido aos documentos antes mencionados.

Na EPC 12 de outubro os brigadistas sensibilizavam as pessoas de como se portarem no acto do processo. Registaram-se vários cortes constantes de energia que atrasaram o recenseamento.

07/24/2013 14:06 | by @Verdade

Observador Daniel Molapa, no município de Nampula Acho que o processo foi bom e permitiu recensear uma parte considerável de eleitores, apesar de nos primeiros dias terem havido alguns problemas que como a falta de domínio no uso do equipamento informático, problemas de falta de cargas nos equipamentos informáticos nos postos 45 e 43. Na maioria dos postos apenas esteve um fiscal, do partido frelimo. Houve também situações de falta de respeito com o observador, aconteceu no posto 40 na EPC de APEA, e outros que se recusavam a fornecer os números de cidadãos inscritos. Uma outra situação grave aconteceu no posto 41 onde os brigadistas atendiam primeiro aos conhecidos e só depois os cidadãos que já estavam na fila.

07/24/2013 17:24 | by @Verdade

“ Observador Anselmo Vasco no município da Massinga:

o recenseamento foi muito bom, os eleitores aderiam principalmente nos últimos dias. Os brigadistas realizaram bem o trabalho apesar de alguns terem chegado tarde algumas ocasiões.

“ Observador Jalbino Cassamo, município de Nampula
Nos postos em que estive a trabalhar, o processo correu normalmente. Só estranhei o relacionamento entre os brigadistas e os fiscais. Certa vez chegaram técnicos do STAE e mexeram na máquina. Perguntei-lhes se estava avariada e disseram-me que não. Achei isso estranho.

“ Observadora Amina Hassane Mussa, município de Chókwe
O processo decorreu sem problemas, só que nos últimos dias, em que os postos encerravam tarde, as fotos saíam sem qualidade.

“ Observador Francisco Paruque, município de Quissico
O processo de recenseamento neste município decorreu sem problemas. Os cidadãos afluíram aos postos e os brigadistas trabalharam com entrega. Um posto não funcionou no primeiro dia devido à avaria do gerador.

“ Observador Hélder Jossiane Massite, município de Quissico
Houve atrasos na abertura dos postos, e houve factores que concorreram para que o processo não decorresse bem. Havia falhas no lançamento de dados no computador, para além de avarias. Facto positivo foi a campanha de educação cívica porta-a-porta, que resultou na afluência em massa aos postos

“ Observador Assumane Saíde, município de Quelimane
O processo não decorreu bem. Houve muita desorganização por parte dos brigadistas e confusão entre os eleitores. Os fiscais vinham bêbados. Após o fim do recenseamento, não houve exposição dos cadernos conforme manda a lei. Alguns eleitores foram rejeitados pelos brigadistas por apresentar falsos testemunhas.

“ Observador José Francisco Madeira, município de Gondola
Nos quatro postos em que estive a trabalhar o processo decorreu sem problemas. Os brigadistas trabalharam bem, eram flexíveis na inserção dos dados. O único problema que verifiquei foi que os eleitores abandonavam os postos devido ao frio nas primeiras horas. Nos postos da EPC Nhachoco, ESG Josina Machel e Macombe, os polícias ficavam à porta dos postos, o que é ilegal

Urge desenvolver a massa crítica no seio das comunidades

O SCIP (Strengthening communities through integrated programming ou Fortalecimento das Comunidades através da Programação Integrada, em português) é uma organização não governamental que está a prestar assistência a cerca de 40 mil crianças órfãs e vulneráveis em Nampula inseridas no Plano de Acção a Crianças Órfãs e Vulneráveis (PACOV), programa do Ministério da Mulher e Acção Social. Destas, entre sete e oito mil foram integradas nas escolas e registadas desde o início do projecto, uma iniciativa que visa criar espaço para a redução do índice de analfabetismo.

O @Verdade manteve uma conversa com o director desta ONG, Luc Venderveken, que considera que caso o cidadão não desenvolva a sua massa crítica para questionar, a província e o país vão continuar na pobreza, e insta o Governo e a sociedade civil a incentivarem as comunidades rurais a formarem-se.

Texto: Redacção • Recolha: Nelson Miguel Foto: Nelson Miguel

@Verdade - O que é o SCIP e quando é que foi fundado?

Luc Venderveken (LV) – O SCIP surgiu no ano de 2009, e significa fortalecimento das comunidades através da programação integrada (SCIP). A sua intervenção visa suportar e encorajar a mudança de comportamentos no seio das comunidades. Na verdade, o SCIP é um consórcio de cinco organizações da sociedade civil baseadas na província de Nampula, nomeadamente Pathfinder Internacional, World Relief, Care Internacional, PSI e Clusa. Elas uniram-se para em conjunto trabalhar em prol da realização de actividades de desenvolvimento, rumo ao combate à pobreza, em diversas áreas.

Aliás, cada uma destas organizações intervém em uma ou mais áreas, tais como água e saneamento, educação da rapariga, prevenção de Infecção de Transmissão Sexual (ITS), e VIH/SIDA, fortalecimento da base das actividades comunitárias, planeamento familiar, saúde materno-infantil, combate à má nutrição, malária e redução de mortes por várias doenças, entre outras. A execução das actividades é suportada por um financiamento da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID).

@V – Por que razão as cinco organizações optaram por criar um consórcio? Sentiram que deviam trabalhar em conjunto e não de forma isolada?

LV – Criámos esse consórcio porque as cinco organizações são especializadas em diferentes áreas de actividade. Por exemplo, a Pathfinder está ligada à monitoria e avaliação, à saúde da mulher, adolescentes e jovens. A Care está especializada no domínio da água e saneamento. A Clusa lida com a agricultura, conservação, frutas tropicais e melhoria do manuseamento da colheita. A World Relief trabalha com redes voluntárias comunitárias, ou seja, saúde a nível das comunidades. Já a PSI desenvolve as suas actividades na área da comunicação e aconselhamento.

A PSI suporta os grupos teatrais comunitários já existentes, intervém na colaboração com as rádios comunitárias e no suporte da rede de conselheiros ligados à testagem, aconselhamento voluntário, VIH/SIDA, prevenção da malária, diarreias entre outras doenças.



Foi por isso que criámos o consórcio. Vimos que em conjunto iríamos facilitar o nosso trabalho, para além de evitar que duas ou mais organizações intervissem na mesma área de jurisdição e com o mesmo projecto, o que para nós seria desperdiçar os escassos recursos de que dispomos.

@V – Que avaliação o consórcio faz no que diz respeito ao impacto das suas actividades nas comunidades?

LV – Não estamos em condições de nos auto-avaliar. Quem pode fazer isso são as comunidades ou o Governo. Eles é que podem dizer que estamos ou não no caminho certo. Nós trabalhamos com as populações porque queremos incutir nelas conhecimentos que possam contribuir para a melhoria das suas vidas para que no futuro possam ter capacidade de gerir os seus problemas, conflitos e liderar projectos. Nós, como SCIP, sentimos que estamos a cumprir o programa que traçámos.

@V – Diz-se que as organizações criaram o consórcio para terem “pernas para andar”, uma vez que muitas estão a perder espaço junto dos doadores...

LV – Não é verdade. Primeiro, porque as organizações que fazem parte do consórcio têm espaço e crédito no seio dos doadores. Segundo, a USAID trabalha, neste caso, em coordenação com o Governo, sobretudo nas áreas da saúde, educação, abastecimento de água, combate a doenças endémicas, agricultura, entre outras.

Por outro lado, a USAID define os cadernos de encargo e escolhe as áreas de intervenção através dos programas. A partir dessa fase, as organizações da sociedade civil concorrem ao financiamento para a implementação dos projectos. Nós optámos por formar um consórcio.

E quando se trata da implementação dos projectos, as organizações devem ter as autoridades comunitárias como parceiras prioritárias, e depois as direcções distritais pois estas é que têm como ajudá-las na elaboração dos planos.

Democracia

@V – O que mudou nas comunidades como resultado do trabalho do consórcio SCIP?

LV – Analisando os indicadores colhidos nas direcções distritais, com destaque para a área da saúde, notamos que a prevalência das mulheres em idade fértil a usar os métodos de planeamento familiar triplicou a nível da província de Nampula. Nós trabalhamos na formação do pessoal de saúde (enfermeiras do Serviço Materno-Infantil).

O mesmo se pode dizer em relação a outras áreas. Construímos furos de água e organizámos, nas comunidades, comités de gestão para que possa haver condições para reparar (os furos) caso se registre alguma avaria. O que queremos é que as populações criem um mecanismo que garanta a operacionalidade dessas infra-estruturas. Isto não se deve só ao SCIP, mas também aos seus parceiros, principalmente o Governo.

@V – Em quantos distritos o SCIP trabalha?

LV – Trabalhamos em 14 distritos, nomeadamente Memba, Nacala-a-Velha, Nacala-Porto, Eráti, Nampula-Rapale, Mogovolas, Meconta, Malema, Ribáuè, Moma, Mecubúri, Monapo, Angoche e cidade de Nampula, onde desenvolvemos as nossas actividades em dois bairros: Namutequeliua e Muatata.

@V – Porque escolheram os bairros de Namutequeliua e Muatata a nível do município de Nampula?

LV – Realmente, queríamos trabalhar em toda a autarquia, mas não tínhamos dinheiro para tal. Por isso, em coordenação com estruturas municipais, pedimos para que fossem identificados os bairros com maiores problemas de saneamento, falta de água potável, índice elevado de VIH/SIDA, e ordenamento territorial. Indicaram-nos Namutequeliua e Muatata.

Mas é fantástico porque todos os trabalhos são coordenados pelas unidades comunais. Há locais onde não há registo de degradação ambiental, doenças endémicas e pobreza, quando outros estão em péssimas condições. É na base destas diferenças que prestamos a nossa assistência.

Em relação aos bairros de Namutequeliua e Muatata, posso dizer que a população tem feito muito, só precisa de um acompanhamento.

@V – Nesses dois bairros (Namutequeliua e Muatata) há registo de casos de indivíduos que defecam a céu-aberto. O que está a ser feito para inverter esse cenário? O que o SCIP está a fazer tendo em conta que o saneamento do meio é uma das suas áreas de intervenção?

LV – Há um movimento que é bastante importante em relação a isso. Há muitas aldeias, comunidades e unidades comunais que entenderam a importância de ter uma latrina, água para a melhoria da higiene. Há sanitários, mas o problema prende-se com o facto de terem sido construídos com base em material precário. Mas para o SCIP esse não é o problema.

O importante é que as pessoas tenham bons hábitos e normas básicas de higiene. Nós, como SCIP, temos assegurado a realização de palestras de forma permanente, ou seja, duas vezes por semana sobre a matéria.

@V – Com quantas pessoas trabalham nas comunidades?

LV – Em cada comunidade trabalhamos com pouco mais de 1.500 pessoas, o que quer dizer que lidamos com 1.400.000 habitantes da província de Nampula. Este universo inclui 3.600 grupos de mães. Em alguns distritos trabalhamos com as lideranças comunitárias, os que dirigem os ritos de iniciação e as madrinhas de meninas. Tentamos realizar essas actividades para que a nossa informação possa chegar ao grupo-alvo, que são as comunidades.

No caso particular dos bairros de Muatata e Namutequeliua, temos perto de 40.000 habitantes nas áreas de saneamento do meio, vias de acesso, abastecimento



de água, prevenção e combate à malária, infecções de transmissão sexual (ITS), VIH/SIDA. Intervimos também em questões ligadas a casamentos prematuros, planeamento familiar, entre outras, através das associações comunitárias.

@V – Em relação à área da saúde reprodutiva e integração de crianças órfãs e vulneráveis nas escolas, que avaliação faz?

LV – Devo assegurar que durante esses anos todos conseguimos assistir perto de 40 mil crianças órfãs e vulneráveis inseridas no Plano de Acção a Crianças Órfãs e Vulneráveis, um programa do Ministério da Mulher e Acção Social. Destas, entre sete e oito mil foram integradas nas escolas e registadas desde o início do projecto.

@V – O que tem a dizer sobre casamentos prematuros e gravidezes precoces em Nampula? Sabe-se que esta província apresenta elevados índices desses dois fenómenos...

LV – Os casamentos nos locais onde trabalhamos é tradição e ocorrem depois dos ritos de iniciação. Isso acontece com o conhecimento e consentimento das autoridades tradicionais. No que diz respeito à gravidez precoce, explicamos às comunidades, principalmente aos jovens, que ela é de maior risco, tem consequências nefastas e que muitas mulheres nesta situação perdem a vida durante ou depois do parto.

O que fazemos é aconselhar os jovens a retardarem a primeira gravidez. Não proibimos o casamento de adolescentes, nem temos competência para tal, mas pedimos que adiem a primeira gestação, recorrendo ao método de planeamento familiar.

E como resultado disso (adesão ao planeamento familiar), o número de partos institucionais aumentou na província. Agora fala-se de 64 a 65 por cento, o que não acontecia antes.

@V – E na agricultura, o que se pode dizer? Sabe-se que estão a trabalhar com um clube de agricultores jovens.

LV – Nós, realmente trabalhamos com um clube de jovens aspirantes a agricultores cujas idades variam entre os 10 e 15 anos. Com eles criamos campos de demonstração de resultados para que saibam como aplicar as técnicas de agricultura de conservação, aumento de produtividade, entre outras. Nesta primeira fase, eles vão aplicando os conhecimentos nas machambas da família. Quando se tornarem adultos, serão integrados em associações e cooperativas.

Nos 14 distritos o SCIP trabalhou no estabelecimento de cerca de 700 clubes jovens, com uma média de 30 membros cada. Tenho de salientar que para além dos programas de agricultura, beneficiam de todo o tipo de palestras sobre a saúde reprodutiva, gravidez, VIH/SIDA, a prevenção de diarreias, malária e o combate a todos os males de que enfermam as comunidades rurais.

Este programa (clube jovens agricultores) é apoiado pelo programa Saúde Nutrição e Agricultura (SANA), e temos trabalhado com jovens, na sua maioria vulneráveis.

@V – E no que diz respeito ao acesso à água potável, qual tem sido o papel do SCIP?

LV – Na componente de água, nós tivemos investimentos e, presentemente, estamos a trabalhar em cinco distritos, nomeadamente Nacala-a-Velha, Nacala-Porto, Memba, Eráti e Monapo, e os restantes beneficiam dos furos construídos por outras organizações financiadas pelo doador, a USAID. O número de furos construídos até ao momento ronda os 50 e nos próximos tempos serão entregues às comunidades cerca de 40. Em relação aos pequenos sistemas de abastecimento de água, já foram entregues dois, sendo um em Nétia e o segundo em Nacoloco, localizados no distrito de Monapo; será reabilitado o pequeno sistema da vila-sede de Namapa, distrito de Eráti.

@V – O que as comunidades dizem acerca dos projectos do SCIP?

LV – Bem, nós trabalhamos em colaboração com as populações na redução dos impactos da pobreza e de todos os males que afectam as aldeias onde trabalhamos. Isso quer dizer que somos bem-vindos.

@V – O SCIP não está preocupado com o baixo nível de escolaridade? Se sim, o que está a fazer para resolver o problema?

LV – É óbvio que estamos. É muito preocupante. O último censo, realizado em 2007, mostrou que 60 por cento de homens adultos e 70 de mulheres eram iletrados, e isso faz com que as comunidades não tenham capacidade para liderar o seu próprio desenvolvimento.

Gostariamos que os alfabetizadores, para além de ensinarem a ler e a escrever, transmitissem conhecimentos aos seus alunos em função dos seus problemas ou necessidades. O nosso papel é impulsionar as comunidades a aderir aos programas de alfabetização para que consigam desenvolver a sua massa crítica, que julgamos ser importante no processo de combate à pobreza. Dos activistas que trabalham com a nossa organização nem todos sabem ler.

@V – Nas comunidades onde trabalham há desenvolvimento?

LV – O desenvolvimento é equivalente ao bem-estar. Podemos ter muito dinheiro e não estarmos bem. O dinheiro não é necessariamente viver bem. Se assim fosse, a vida seria mais simples. É preciso ter conhecimento e tomar decisões correctas.

Quem tem dinheiro deve aplicá-lo da melhor forma. O dinheiro tem de constituir uma mais-valia para a família, que merece ter uma casa condigna, latrina, educação, transporte, água potável, vias de acesso e outras condições básicas.

@V – Que avaliação faria se os projectos do SCIP terminassem hoje?

LV – Desde a criação do SCIP procuramos atingir os nossos objectivos, que passam pela mobilização e empoderamento das comunidades e com elas trabalhar de forma articulada. Temos estado a melhorar a prestação e a oferta dos serviços. Com isto pretendo dizer que a avaliação seria positiva.

@V – Terá o SCIP sido conotado com uma formação política?

LV – Não, nunca nos confundiram com um partido político porque nenhuma das organizações que constituem o consórcio está ligada à política. Nós participamos no desenvolvimento das comunidades, implementando as estratégias desenhadas pelo Governo. Quando deixarmos de existir, não queremos que as pessoas passem fome, padeçam de doenças tais como a malária, VIH/SIDA. Não queremos que o ambiente continue a degradar-se. Tem de haver vias de acesso, a população deve ter água potável, educação, saúde, emprego.

As pensões milionárias dos nossos dirigentes

A justificação de que o Estado não tem capacidade para melhorar os salários dos seus funcionários nunca foi acolhida pelo povo, que mais uma vez teve motivos para se desiludir com o Governo, o qual paga pensões chorudas a antigos dirigentes, sendo que há alguns que ainda acumulam com o salário por ainda estarem no activo

Texto: Redacção

Na semana passada foi tornado público (não pelo Governo ou Estado, claro), pelo jornal Canal de Moçambique, um despacho que define as pensões de 24 dirigentes, alguns dos quais ainda em serviço no Aparelho de Estado. Estes últimos, para além da pensão, acima dos 100 mil meticais, ainda têm direito a salário, sem contar com as regalias a que têm direito.

Na verdade, o Estado gasta 2.382.229,72 (Dois milhões e trezentos e oitenta e dois mil e duzentos e vinte e nove meticais e setenta e dois centavos), correspondente 85 mil dólares, por mês, e 28.586.756.64 MT (vinte e oito milhões e quinhentos e oitenta e seis mil e setecentos e cinquenta e seis meticais e sessenta e quatro centavos), equivalentes a um milhão de dólares, por ano.

Esta informação vem colocar (ainda) em descrédito o Governo que, recentemente, alegou que não podia aumentar o salários dos médicos (que estavam em greve), professores e da polícia porque não estava em condições de o fazer, ou seja, que estava a dar o que estava ao seu alcance.

Na altura (da greve), o Presidente da República, Armando Guebuza, terá dito que “os médicos e profissionais da Saúde optaram pela greve para forçar o Governo a dar-lhes mais dinheiro, numa altura em que o Orçamento do Estado ainda depende de contribuições de parceiros externos, na ordem de 30%.” () A questão salarial é um problema geral e não apenas da classe médica”.

Ele viria a ser secundado pelo porta-voz do Governo, Alberto Nkutumula, que disse que “o que estamos a dizer é que neste momento não temos disponibilidade do Orçamento para satisfazer tais exigências”.

Pensão de José Pacheco equivale a 45 salários de agentes da Polícia

A promiscuidade é tanta que as pensões que os dirigentes recebem são suficientes para pagar a cerca de meia centena daqueles que respondem por áreas que são consideradas prioritárias, nomeadamente a saúde, a educação e a saúde. Por exemplo, a pensão mensal do actual ministro da Agricultura, José Pacheco, que chamou as pessoas que manifestaram nos dias 1 e 2 de Setembro 2010 de vândalos e marginais, quando ainda era ministro do Interior, dá para pagar salários de 45 agentes da Polícia ou enfermeiros, e por ano ele pode pagar 430 professores primários N4, enfermeiros ou serventes de um hospital público.

Veja a seguir as pensões dos dirigentes, cuja maior parte se situa acima dos 100 mil meticais, num país que tem como salário mínimo na Função Pública 2.500,00 (dois mil e quinhentos) meticais:



Lista de dirigentes pensionistas

Nº	Nome	Ass. de aposent. (Anos)	Classe	Salário	Pensão mensal (MT)	Pensão anual (MT)
1	António Teófilo	15	1	100 000	1 200 000	12 000 000
2	Alfredo Teófilo	15	1	100 000	1 200 000	12 000 000
3	Alfredo Teófilo	15	1	100 000	1 200 000	12 000 000
4	Alfredo Teófilo	15	1	100 000	1 200 000	12 000 000
5	Alfredo Teófilo	15	1	100 000	1 200 000	12 000 000
6	Alfredo Teófilo	15	1	100 000	1 200 000	12 000 000
7	Alfredo Teófilo	15	1	100 000	1 200 000	12 000 000
8	Alfredo Teófilo	15	1	100 000	1 200 000	12 000 000
9	Alfredo Teófilo	15	1	100 000	1 200 000	12 000 000
10	Alfredo Teófilo	15	1	100 000	1 200 000	12 000 000
11	Alfredo Teófilo	15	1	100 000	1 200 000	12 000 000
12	Alfredo Teófilo	15	1	100 000	1 200 000	12 000 000
13	Alfredo Teófilo	15	1	100 000	1 200 000	12 000 000
14	Alfredo Teófilo	15	1	100 000	1 200 000	12 000 000
15	Alfredo Teófilo	15	1	100 000	1 200 000	12 000 000
16	Alfredo Teófilo	15	1	100 000	1 200 000	12 000 000
17	Alfredo Teófilo	15	1	100 000	1 200 000	12 000 000
18	Alfredo Teófilo	15	1	100 000	1 200 000	12 000 000
19	Alfredo Teófilo	15	1	100 000	1 200 000	12 000 000
20	Alfredo Teófilo	15	1	100 000	1 200 000	12 000 000
21	Alfredo Teófilo	15	1	100 000	1 200 000	12 000 000
22	Alfredo Teófilo	15	1	100 000	1 200 000	12 000 000
23	Alfredo Teófilo	15	1	100 000	1 200 000	12 000 000
24	Alfredo Teófilo	15	1	100 000	1 200 000	12 000 000

Julio Machava Assim esses individuos pegaram o poder como um cao rafeiro defende o osso. · Sábado às 10:55

Cléia Yasmin Chemana Alguns não pagam impostos, não pagam contas de luz, casa, telefone, com direito a racho, transporte particular, e muitas outras coisas, ainda por cima com pensão “gorda”, mas mesmo assim ainda rouba ao povo que tanto sofre.. · Sábado às 0:16

Felix Magaia Magaia Depois vao dizer que ficaram ricos porque criavam patos.Esses patos q estao referir e a populaxao. · Sexta-feira às 18:24

Valter Chiziane As vezex a um momento que quando vejo xte tipo de noticia deixo cair lagrimax cmo agora, vejo sempr ox nossox avox a irem receber trocox(megalhax) enqdo elex ganhao todo xte tako e regaliar gracas aos nossos impostox. Tenho vergonha dext pais · Sexta-feira às 18:41

Benjamim Jose Eu n sei por onde ir. Pra no tempo d campanha eleitoral nao continuar a ver mamasas cheios nos camioes vestidos desse Partido. So pork tem depois um valorzito d dnheiro, uma doze d galinha. Votam-no, e depois voltam chorando ai nos mercados tdos dias sem nenhum apoio. Vejam se abram os olhos por favor. Vair doer sim. Mas a cena pode mudar. Desta vez, vistam outros Partidos votem-nas. · Sexta-feira às 18:36

Nelson António culpados somox nós mesm, até quando mozambikano vai abrir visao afinal? Agor nao é ouvir diz, vimx ploxx noxox propriox olhoxx alguns mozambikanox k recebem acima d 300mil mts, repito 300mil mts. Enquanto existem outrx k recebem 3 mil mts, mas quando xegam eleixoes o dox 3 mil mts ainda kntinua ganhando coragem d ir votar ox mexmx k recebem 300 mil mts. Sincerment...vamos abrir visao pessoal... · Sexta-feira às 19:57

Joaquim Joao Correia este pais merece uma greve como a do Brasil!!!! vou printar e distribuir a todos esta tabela...bem recheada !!! e nos, continuamos enganados pelos servidores do povo.. · Sexta-feira às 19:01

Anaoj Ed Ojuara Esumeg Faxe ixo, pa usar nas campahas e colas na via publica que nem panfletos. Todos saberao da desgraxa que soms submetidos · Sábado às 4:56

Leonel Balate Prefiro k um medico ou professor recebam esse valor do k akeles k so vivem engaraxando · Sexta-feira às 18:26

Hassan Osman A falta de sensibilidade, moral e ética na fixação destas pensões que, não se deviam designar de PENSÕES mas sim de SAQUE. Estas desigualdades é que criam espaço para reacções, como as que estamos a viver no nosso Pais. E

de lamentar este comportamento que só vem dar razão a Renamo, bem como os desabafos generalizados do Povo. · Sexta-feira às 21:35

Faira Anagy No entanto n qiseram aumentar salario dos médicos · Sexta-feira às 18:19

Adriano Sumbana Ah lembrei..... mensalao versao Moçambicana · Ontem às 7:41

Vanila Luisa Mahumana Mts aki so insultam falam mal, max em nvembro vao votar n mxm partdo pur um smpls mtvo medo da mundanxa · Ontem às 7:27

Palmeirim Chongo Vamos deixar de ser mamparras mudemos mocambique! · Sábado às 5:48

Afzal Daud Agora da para perceber melhor porque a razao das guerras e manifestacoes em todo o mundo, comecando por eles mesmos a lutarem no poder...e muita mola em jogo caríssimos camaradas...quem pode mudar isso e o povo, populacao, gentalha como nos, assim eles nos chamam... · Sexta-feira às 21:08

Fernando de los Rios nao sei... acho que algo nao me bate bem... A pensao nao era para o tempo de reforma? Se ainda estao em activo, que sao essas pensoes? Que alguem me explique... · Sexta-feira às 18:52

Joaquim Joao Correia Gatunos,depois dizem q o pais e' pobre !!!!! · Sexta-feira às 18:49

Everildo Paunde Vamos recensear malta so assim e k podemos mudar issoooooooooo. Vamos, vamos mudar essa merda. · Sexta-feira às 18:46

Hélder Campos Mata Sandro Pra ainda lamentar?!e' so dnr k tamos entregues . Meus irmaos eu vos amo pk vcs tao cm vistas abertas . Eles k o facam cmo sempre fazms ms nos tambem o faremos nas urnas . Simples ne'? · Sexta-feira às 18:24

Oscar Monteiro Macamo Os mesmos se fpr debate do salario minimo, dizem k nao se pode pagar acima dos 7 % · Sábado às 10:06

Mala's Matusse Parabelizar essa midia independente por ter nos divulgados esses dados força democracia,divulgam mais casos na radio,televisão internet,jornal facebook. E em todos meios d comunicação e em todas as linguas mesmo frances e ingles para inglês ver isto · Sexta-feira às 23:04

Edgarda Lourenco Paunde Ox primeiros ladroex dpoix dzm k o pais n tem mola · Sexta-feira às 19:08

Ibrahim Ashraf Armindo ds Santos Mato (PCA imprensa Nacioanal) salario 190mil, pensao 190mil. Total mes 380 mil Mt. E isso????? Xiii uma furtuna. · Sexta-feira às 18:45

Cadafi Inrule Moçambique...até kuando?? Sera k merecemos ixo? Nós, o povo... Uces tao fudidos... · Sexta-feira às 18:33

Ljc Cossa Em Moç só não há dinheiro para os que realmente trabalham, até pra as pessoas que zelam pela saúde do povo dizem não haver fundos pra dar um salário condigno. Mas pra dar aos barulhentos da chamada casa do povo existe. É lamentável. · Sexta-feira às 18:37 · Editado

Norberto Gatsi Dirigentes, esses que os escolhemos, pra usufruirmos do contributo do povo. K triste! · Sexta-feira às 18:30

Lucia Quitxuwe vamos partilhar isso. pelo menos cada um renuncie a décima parte da sua pensao anual para pagarmos aos professores. · Sexta-feira às 18:30

Juliano Paulo Paulino Esse é pais da frelimo mesmo, nos nao somos nada, o dinheiro é pra eles · Sexta-feira às 18:28

Pedro Miguel desculpem-me dizer. A merda/ladrões é toda a mesma aqui em Portugal ou aí na minha terra onde nasci. è roubar, roubar até mais não · Sexta-feira às 18:26

Beira



Um município “independente”

Apesar de se debater com problemas de natureza diversa, próprios de uma cidade em crescimento, o município da Beira quer tornar-se uma referência obrigatória na agenda moçambicana. Com a protecção costeira praticamente assegurada, o acesso a água potável, a gestão de resíduos sólidos melhorados, e as principais vias públicas pavimentadas, Chiveve revela-se uma autarquia rejuvenescida. Porém, as questões relacionadas com o sistema de saneamento do meio na zona urbana, a precariedade de alguns edifícios e o desordenamento territorial continuam a ser os principais desafios da edilidade.

Texto & Foto: Helder Xavier

Chiveve, como é conhecida a cidade portuária da Beira, é uma das autarquias moçambicanas em que o presidente do município não tem bancada na Assembleia Municipal e não pertence ao partido no poder, facto que a coloca numa situação, diga-se de passagem, desprivilegiada. Apesar dessa circunstância, a urbe revela-se em franco desenvolvimento, até porque tem a vantagem de estar localizada junto ao mar, jogando um papel bastante importante junto aos países da hinterlândia.

Com uma população estimada em 431,583 habitantes – segundo o Censo de 2007 –, Beira é a segunda maior cidade do país, para onde centenas de moçambicanos, oriundos das regiões Norte, Centro e Sul, convergem à procura de oportunidades. O município tem um processo de investimento contínuo, que tende a atingir patamares altos. Se o nível de crescimento continuar ao mesmo ritmo, Chiveve poderá impor-se como a principal economia nacional. Diga-se, em abono da verdade, que não é somente da indústria portuária que a autarquia vive, mas também dum turismo que se tem mostrado extremamente forte nos últimos anos.

O porto, o Corredor de Desenvolvimento e a linha de Sena, por onde o carvão mineral está a ser escoado, faz da Beira o centro das atenções do país, pois a ligação Centro-Norte e a transacção comercial muitas vezes passam por essa urbe. Tem-se notado que as infra-estruturas públicas e, sobretudo, as privadas começam a ter lugar com maior ênfase, quer o desenvolvimento industrial, quer o turismo. Chiveve já conta com zonas francas, o que significa que há um grande progresso económico.

Estradas, saneamento e protecção costeira

Na componente da rede rodoviária, Beira continua a ser bastante pressionada pelo grande fluxo de camiões, situação típica de uma cidade portuária e com ligação a vários cantos do continente e por dia, em média, recebe 700 camiões. Porém, há um trabalho que está a ser feito no âmbito da reparação de estradas. No ano passado, a edilidade levou a cabo uma campanha de melhoramento das vias públicas, sobretudo as de terra batida, tendo grande parte beneficiado de recarga do solo.



Por outro lado, avançou-se com a pavimentação de grandes troços, como, por exemplo, as ruas 33, Eduardo Mondlane, Augusto Gomes, Daniel Napatima e Vaz. Neste momento, há um trabalho que está ser feito com vista a tampar os buracos nas vias de acesso que consiste na resselagem das mesmas. Apesar de faltarem apenas cinco meses para o fim do mandato, as autoridades municipais da cidade da Beira vão resselar algumas vias públicas mais críticas, nomeadamente Mártires da Revolução, número 02 e 06.



Além disso, na mesma área de estradas, decorrem trabalhos de abertura de valas para o escoamento das águas e algumas obras para segurar o enxugo das mesmas, sobretudo das chuvas, devido à sua localização geográfica e geológica. Neste momento, existe um projecto de melhoramento da rede de escoamento das águas que vai aliviar a pressão que a cidade sofre nos últimos tempos. Porém, existe outro grande problema relacionado com o rio Chiveve, que necessita de ser reaberto para permitir a circulação da água do continente para o mar. Este vaivém permitirá que haja uma circulação cíclica das águas e o teor de humidade nas zonas periféricas seja beneficiada, uma vez que o solo é extremamente seco e tende a criar fissuras, o que causa alguns constrangimentos nas infra-estruturas urbanas.

Nesse mesmo projecto, a edilidade vai aproveitar para drenar as águas para o terminal pesqueiro, permitindo que o processo de dragagem na doca pesqueira se reduza, visto que a água vai entrar e sair e o nível do lodo vai baixar con-

sideravelmente. Outra grande vantagem é que os operadores de navios ou embarcações pesqueiras, em caso de incêndio, já terão água suficiente para poderem extinguir o fogo. Por outro lado, a manutenção das próprias embarcações já não ocorrerá sob os riscos enfrentava anteriormente. Será igualmente construída uma ponte e duas comportas.

Refira-se que no que respeita ao saneamento do meio, a cidade da Beira beneficiou de um projecto financiado pela União Europeia que consistiu na reabilitação da rede de esgotos e fluvial, e das estações elevatórias e de tubagem. Antigamente, o sistema de saneamento era dragado directamente para o Púnguê, mas hoje as águas negras são todas tratadas e purificadas. Além disso, está em carteira o projecto de Macurungo que consiste na construção da vala, duma estação de tubagem, assim como na pavimentação de sete quilómetros de estrada.

Outro grande desafio que a edilidade conseguiu ultrapassar é o problema da protecção costeira. A cidade da Beira é uma urbe drasticamente sufocada pelas mudanças climáticas. Nesse momento, através da Cooperação Suíça, foi construído um esporão robusto, uma muralha na Praia Nova e um muro, em dois troços, nas Palmeiras.

A CONTECEU

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique



Desordenamento territorial

A cidade cresce em dois sentidos: vertical e horizontal. Vêem-se um pouco por todo o lado obras de construção de edifícios modernos, mantendo a linha arquitectónica de uma urbe construída no século XIX. Por outro lado, enquanto despontam vivendas nas novas zonas residenciais de uma elite emergente, alguns edifícios vão-se degradando e ganhando um aspecto abandonado. Mas o grande problema reside nos bairros suburbanos.

Na verdade, os bairros desordenados continuam a ser um desafio complexo para a edilidade que afirma que as zonas residenciais como Munhava Central e Matope, Vaz e uma parte de Inhamizua, precisam de ser requalificadas. Nesses e noutros locais, assiste-se à construção de moradias em zonas baixas, dificultando a fiscalização por parte do Conselho Municipal. A cidade da Beira, por estar abaixo do nível do mar, apresenta sérios constrangimentos ligados à erosão. Durante as épocas chuvosas, alguns problemas das zonas periféricas vêm à superfície. Presentemente, os bairros mais problemáticos são Munhava, Muchatazina e Espangara.

De acordo com as autoridades municipais, o processo de dragagem e a remoção das areias vai permitir fazer aterros, infra-estruturas de água, rede de esgotos, de electricidade e as estradas, facilitando a movimentação das populações para que construam as suas habitações em zonas seguras e, consequentemente, prevenindo as doenças endémicas. No entanto, a requalificação vai depender das parcerias que a edilidade terá de criar, porque

nas zonas a serem requalificadas pressupõe-se que o município tem de fazer um plano que vai consistir em avaliar os espaços e “atacar” as zonas industriais, comerciais e, por fim, sociais.

Comércio informal

O comércio continua mais intenso e o crescimento económico da Beira aumenta a expectativa de emprego na urbe. Como resultado disso, a actividade informal tem vindo a crescer de forma impressionante, o que reflecte o número de desempregados que entra no mercado por dia e de imigrantes que chegam àquela cidade costeira. Todavia, os financiamentos não satisfazem metade dos cidadãos que precisam de trabalho. A demanda de acesso ao sector informal continua a ser muito grande, tornando invisíveis os esforços da edilidade.

Educação e saúde

Na sector de educação, a edilidade fez a entrega de carteiras a algumas escolas, embora não sejam suficientes. Geralmente, oferece 1500 por ano, dependendo do orçamento disponível e, neste momento, está a construir uma escola primária com fundos próprios. Em parceria com o sector privado no âmbito da extracção do solo urbano, iniciou-se a construção da escola de Nhangau, com cinco salas.

Há bem pouco tempo, Beira era uma cidade muito conhecida devido aos casos de cólera e casos de indivíduos que defecam a céu aberto. Mas diver-



Breve historial

Beira, capital da província de Sofala, tem o estatuto de cidade desde 20 de Agosto de 1907 e, do ponto de vista administrativo, é um município com um governo local eleito. Sendo a segunda maior cidade de Moçambique, conta com uma população de 431.583 habitantes distribuídos por 94,804 agregados familiares.

A cidade de Beira foi originalmente desenvolvida pela Companhia de Moçambique no século XIX, e depois directamente pelo Governo colonial português entre 1942 e 1975, ano em que Moçambique obteve a sua independência. Actualmente, a urbe encontra-se modernizada, embora ainda mantenha algumas áreas degradadas e problemáticas, como é o caso do Grande Hotel Beira.

A povoação foi fundada pelos portugueses em 1887, numa área conhecida pelo nome de Aruângua, tendo suplantado Sofala como principal porto no território da actual província de Sofala. Originalmente chamada Chiveve, o nome de um rio local, foi rebaptizada para homenagear o Príncipe da Beira, Dom Luís Filipe.

Município da Beira em números

População: 431,583 habitantes

Bairros: 26

Postos administrativos: 5

Vereações: 11

Unidades sanitárias: 16

Trabalhadores do Conselho Municipal: +2000

Acesso a água: 78 por cento



sas campanhas de sensibilização das comunidades foram levadas a cabo em parceria com uma associação de desmobilizados deficientes de guerra, com o objectivo de inverter a situação. Presentemente, a realidade é outra, pois a cidade está mais limpa.

Apesar de o Conselho Municipal ainda não ter sob sua alçada a saúde primária, distribuiu em todos os centros de saúde ambulâncias, compradas com fundos do município; além disso, foram construídas três unidades sanitárias.

Água potável

Em relação à rede de água, grande parte dos 26 bairros dispõe de água canalizada, sendo que apenas o posto administrativo de Nhangau teve de recorrer a furos para a população ter acesso a água potável. Porém, ainda é preciso alargar a rede para as novas zonas de expansão.

ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique

“Temos uma Assembleia Municipal extremamente oportunista”

O presidente do Conselho Municipal da cidade da Beira, Daviz Simango, não afirma que o seu mandato foi positivo, à semelhança de outros edis entrevistados pelo @Verdade, apesar de ter aumentado a capacidade de fornecimento de água, de recolha de resíduos sólidos e melhorado algumas vias de acesso a nível da urbe. Pelo contrário, deixa que a avaliação seja feita pelos munícipes daquele que é o segundo maior centro urbano do país. Porém, Simango diz que a Assembleia Municipal é oportunista, por tentar inviabilizar alguns projectos municipais.

Texto: Hélder Xavier • Foto: Fernando Domingos



@Verdade – Qual é o balanço que faz do seu mandato?

Daviz Simango (DS) – É daqueles mandatos históricos que ficam marcados, visto que pela primeira vez em Moçambique se encontra uma candidatura independente a vencer e dirigir uma autarquia e esta mesma candidatura independente é secundada pela criação de uma formação política. De modo geral, dizer que foi um grande desafio porque, apesar de grandes obstáculos, dificuldades e contornos do próprio funcionamento da Assembleia Municipal que não apoia a nossa governação, foi possível levar a cabo os vários projectos do município e aquilo que nos propusemos realizar para o bem-estar dos munícipes. Se formos a avaliar em termos de áreas de acção, começando pelo sector das estradas, a cidade da Beira tem uma particularidade que é extremamente complexa, devido ao lençol freático. O facto de estar abaixo do nível médio da água do mar e ser uma urbe bastante plana o escoamento das águas é praticamente difícil. Isso requer que as infra-estruturas funcionem de forma perfeita. A construção de vias de acesso, recorrendo ao asfalto, tem-se mostrado ineficiente, daí que o nosso executivo precisou de tomar a iniciativa de avançar com a colocação de pavés, pese embora sejam estruturas caras. Mas são duradouras e de fácil manutenção.

@V – Na componente de acesso a água potável, o que é que foi feito nos últimos anos?

DS – No que diz respeito à rede de água, demos continuidade à parceria que tínhamos com o Fundo de Investimento e Património do Abastecimento de Água (FIPAG). Há vários projectos que decorrem na cidade. Conseguimos expandir a rede em Munhava com fundos próprios pela primeira vez e, igualmente, em Inhamizua. Essas duas povoações não tinham rede de água. Além disso, vários fontenários foram construídos na zona de Nhangau. A nossa vontade é que as comunidades bebam água potável, além de se evitar o problema das doenças de transmissão hídrica.

@V – Há bem pouco tempo a cidade da Beira era conhecida como um dos mais sujos centros urbanos do país. O que se pode dizer dela hoje?

DS – A remoção dos resíduos sólidos constituiu sempre um outro grande desafio. Presentemente, à medida que vamos introduzindo novos equipamentos, quer camiões especializados, quer contentores, temos de alargar a nossa área de acção, porque os munícipes pagam as suas contribuições e isso pressupõe grande capacidade de execução, mas ainda precisamos de ter mais recursos. Este ano, encomendámos mais dois veículos e prevê-se ainda a chegada de pelo menos 60 contentores, mas mesmo assim ainda não estamos satisfeitos. Cada vez que alargamos a recolha de lixo para novas zonas, significa que a demanda é maior, o número de equipamento é maior e o custo de manutenção também.

Por outro lado, continuamos com um desafio que é extremamente difícil de gerir. Os nossos camiões recolhem o lixo todos os dias e é nossa percepção que esse sistema de recolha diária de resíduos sólidos provoca desgaste no equipamento. Se o veículo passasse duas ou três vezes por um contentor, seria muito bom. O cidadão devia acumular o lixo na sua casa e aí depositaria na estrada na hora prevista para ser recolhido. Outro

aspecto interessante é que apercebem-nos de que os homens não davam conta do recado, e tivemos de mudar de filosofia, daí termos introduzido senhoras a conduzirem os camiões. Essa equipa de jovens mulheres está a dar um bom resultado, quer no processo de protecção da própria máquina, quer na velocidade da remoção dos resíduos sólidos.

@V – Qual é o desempenho do município na área financeira?

DS – A nível geral, as finanças municipais são aceitáveis. A nossa capacidade de recolha das receitas é segura, temos um sistema extremamente modernizado de arrecadação de impostos e pensamos que esse banco de dados em termos de gestão financeira facilitou bastante o nosso desafio. Tivemos vários constrangimentos, como as sedes dos bairros que perdemos para o partido no poder e era preciso arregaçar as mangas porque as nossas populações estavam a ser atendidas ao relento, daí tivemos que construir novas sedes. Neste momento, estamos na fase conclusiva e estamos satisfeitos, afinal de contas acabámos por ter sedes dos bairros com compartimentos amplos e com capacidade de albergar, quer o tribunal comunitário, quer os gabinetes especializados para a juventude, onde foram instalados dois computadores ligados à Internet. Portanto, os jovens que estão a estudar podem ir até à sede do bairro para fazerem os seus trabalhos de pesquisa, sem pagarem nada, de modo a melhorar os seus conhecimentos académicos. Em termos económicos, Beira tornou-se uma cidade estável. Se nós de facto continuarmos a progredir do jeito que estamos a fazer, não há dúvidas de que este município será uma referência obrigatória na agenda moçambicana.

@V – Todos os dias, devido ao porto, a cidade da Beira tem recebido camiões de grande tonelagem. O que tem a dizer em relação a essa situação?

DS – É verdade, a cidade da Beira é “sufocada” por grandes quantidades de camiões. É um desafio que o município tem de ultrapassar, visto que danificam as nossas estradas e, para fazer face à isso, é preciso que se construa uma nova via de acesso. Há um “master plan” que vai até 2035, onde está prevista a construção de uma via pública a partir da zona da Cerâmica em direcção ao Porto da Beira para desviar os camiões de grande porte, evitando que eles circulem dentro da cidade.

@V – Qual é o tratamento que as autoridades municipais dão à actividade informal?

DS – O comércio informal é uma realidade que se circunscreve àquilo que é a conjuntura moçambicana. Nós, como moçambicanos, não podemos ter vergonha da nossa realidade. Muitos de nós cresceram, foram educados e têm saúde porque os nossos pais sobreviveram vendendo nas ruas. É verdade que nalgum momento traz algum desconforto, sobretudo quando aparecem épocas de frutas, há certas colheitas que as nossas mães, os nossos pais têm de vender, uma vez que o problema do bolso moçambicano é que é extremamente curto. Muitos de nós recorrem aos mercados informais para comprar roupa e outros bens. Este exercício todo cria desalento para a urbe, mas é preciso ver quais são os ganhos, e um dos grandes resultados positivos é que o índice de criminalidade baixou, o que significa que aquelas pessoas que eram preguiçosas, ou que olhavam para o crime como fonte de sobrevivência, entendem hoje que devem recorrer ao comércio informal para sobreviverem. É verdade que há muito trabalho de limpeza e condiciona a circulação de viaturas, mas nalgum momento temos de ter a consciência de que estamos a salvar vidas humanas.

@V – O que se pode dizer do Fundo de Redução da Pobreza Urbana na cidade da Beira?

DS – O nosso município tem uma experiência inédita, comparado com aquilo que temos ouvido e assistido: as administrações a entregarem o dinheiro. Na Beira, nós criámos Conselhos Consultivos nos bairros. Os mesmos são eleitos, mas, para promover a transparência, entendemos que devíamos incluir a sociedade civil nos postos administrativos. Ela colabora na selecção, na identificação e na promoção dos projectos a nível dos postos. Existe aquilo que chamamos “apuração técnica” composta por oito elementos, entre técnicos profissionais assistentes, dos quais cinco são do Conselho Municipal e três da sociedade civil. Os que recebem os projectos do Conselho Consultivo vão ao terreno verificar se existe capacidade para a sua execução, se é viável ou não. Depois propõem ao execu-

tivo. A edilidade limita-se apenas à orientação e a instruir a instituição bancária. Há dias, tivemos que assinar um contrato com o Banco Terra para a entrega dos valores.

O Conselho Municipal não toca nesse dinheiro. Tanto os vereadores, directores, administradores, assim como os secretários dos bairros estão interditos de beneficiar desse fundo, incluindo os membros do Conselho Consultivo. Nós já tivemos a oportunidade de explicar que, uma vez querendo os fundos, devem renunciar ao cargo, colocar-se na posição de um simples munícipe e solicitar os valores. Já tivemos a devolução no primeiro ano. A cidade da Beira recebe 14 milhões e 960 mil meticais e o reembolso foi de pelo menos oito milhões de meticais. Esse é um sinal de que o município conseguiu, via banco, realizar um bom exercício financeiro. Esses oito milhões que já foram devolvidos, hoje já estamos a dar a outro grupo.

@V – Por que razão a gestão de Transportes Públicos da Beira (TPB) ainda não passou para a edilidade?

DS – Essas questões, quer a educação, quer a saúde, continuam a manter-se sob um panorama político. Há uma ligação por interesses políticos; como pode imaginar, as autoridades municipais de Pemba têm educação e saúde primárias. Mas no caso concreto dos transportes, submetemos um projecto de criação de uma empresa de transporte público municipal e a partir desta iríamos abordar dois cenários. O primeiro seria receber os TPB com as dificuldades e os desafios que têm, e o outro seria criar uma nova estrutura que não funcionasse como acontece actualmente. Isso significaria que o município iria negociar com vários parceiros e instituições financeiras, até o Ministério dos Transportes e Comunicações, no sentido de adquirir autocarros que têm sobresalentes e com facilidade de fazer a sua manutenção. Isto iria criar uma certa concorrência aos “chapa 100”, além de minimizar o sofrimento da nossa população. Há “encurtamento de rotas” e a edilidade tem feito o seu trabalho de boa forma. Nós pensamos que com viaturas próprias, nas horas da ponta, seriam afectos às zonas críticas e isso seria um alívio para os utentes.

@V – Grande partes dos edis entrevistados pelo @Verdade afirma ter cumprido o seu manifesto em mais de 90 por cento. Qual é a avaliação que faz do seu manifesto?

DS – Nós não gostamos de ir por esse ponto, vamos deixar que os munícipes façam a avaliação. A nossa consciência diz-nos que cumprimos a missão, fomos fazendo coisas que não estavam previstas; por exemplo, assegurámos que a cidade da Beira tivesse um auditório municipal. Além disso, é uma das primeiras cidades que, recorrendo a fundos próprios, está a construir uma Assembleia Municipal. Nós queremos criar uma assembleia forte, que seja capaz de acompanhar o interesse dos munícipes. Mas, infelizmente, temos uma assembleia extremamente oportunista, especializada em inviabilizar os projectos municipais, e não é isso que nós queremos.

“Não considero que seja responsabilidade social”

O presidente da vila municipal de Moatize, Carlos Colarinho Navaia, afirma que as receitas próprias da edilidade são insuficientes para custear as despesas daquela autarquia. Em entrevista ao @Verdade Navaia afirma que os mega-projectos deviam fazer mais pela circunscrição. Até porque “o que é feito resultante da exigência de quem foi deslocado de um determinado espaço para outro” não é “responsabilidade social”. Na hora de prestar contas o edil faz um balanço positivo da sua governação, mas reconhece que possa haver outro tipo de opinião em relação ao seu desempenho...

Texto & Foto: Rui Lamarques

(@Verdade) – Faltam menos de seis meses para terminar o actual mandato. Se olhar para o espírito do seu manifesto e as realizações ao longo destes quase cinco anos que balanço faz do seu desempenho como edil?

(Carlos Colarinho Navaia) -Realmente estou no fim do mandato. Portanto, naquilo que constitui o balanço da minha governação julgo que o mesmo é positivo sem, contudo, negar que possa haver outro tipo de opinião e que diga que determinadas coisas não estão a andar. Digo positivo porque grande parte daquilo que representa o corpo do meu compromisso com os munícipes foi cumprido e outra está em processo de implementação. O que me leva a crer que até ao final deste ano poderemos ter tudo feito, com excepção do edifício do município que, pelo que se nota e por aquilo que esperávamos em termos de parcerias, não será materializável.

(@V) – O município não pode construir a sua sede com fundos próprios?

(CCN) -Para um município bastante complexo como o nosso e com as receitas locais não será possível começar a erguer o edifício. Temos, no entanto, algum valor por receber de certas empresas e se estas honrassem este compromisso poderíamos deixar a construção a meio neste mandato. Mas, pelo que se nota, a coisa está parada. Se nos tivessem dado o que corresponde ao município pelo espaço que a Vale ocupa já teríamos arrancado com as obras.

(@V) – Mas o que realmente torna o balanço da sua governação positivo?

(CCN) -Neste preciso momento estamos a dar os últimos passos no que diz respeito à construção das pontes e ao alinhamento de algumas estradas. Isso com base no fundo do Banco Mundial com o qual o Ministério da Administração Estatal possibilitou uma parceria. Se terminarmos a construção destas pequenas obras poderei falar de cumprimento de 95 por cento daquilo que é o meu manifesto eleitoral. Nós iniciámos o cumprimento do nosso manifesto a partir do transporte público urbano. Essa foi uma promessa feita aos munícipes e mal tomámos posse conseguimos colocar o transporte público para os residentes de Moatize. Portanto, a nossa promessa de minimizar a dificuldade de transitabilidade das pessoas de terceira idade foi cumprida. Também prometemos aos munícipes, particularmente aos jovens, a construção de uma escola secundária em Moatize. Era difícil encontrar vagas na cidade de Tete. Conseguimos no segundo ano do mandato colocar o ensino secundário do segundo ciclo na vila. Hoje ninguém precisa de sair para Tete para dar continuidade aos estudos.

(@V) – ... É tudo?

(CCN) -Um dos grandes nós de estrangulamento em Moatize era a morgue do hospital. Os nossos munícipes, quando tivessem infelicidade, tinham de realizar os enterros no mesmo dia. Fizemos um esforço muito grande junto à Vale para nos ajudar no apetrechamento da morgue. Isso foi feito. Porém, agora estamos a trabalhar para adquirir um gerador para manter o sistema de frio quando a corrente oscilar.



(@V) – Como foi que o município olhou para os anseios da juventude neste mandato?

(CCN) -No que concerne ao apoio a juventude reabilitámos o campo da CARBOMOC. Melhorámos o campo conhecido por Xinkombo. Tínhamos um clube que se chamava Clube Recreativo Desportivo de Moatize para negros. Depois do Acordo Geral de Paz as instalações do clube passaram a servir de sede do partido Renamo. Nós vimos que aquela situação significava escamotear os anseios da juventude. Fizemos um estudo com a massa associativa do clube e adjudicámos o espaço a um empresário. Estabelecemos o compromisso de que uma parte serviria para as suas actividades comerciais e a outra parte teria de ser reabilitada com infra-estruturas desportivas. Nesse contexto, foi reabilitado o campo de salão com bancadas, algo que antes não existia. Adicionou-se uma piscina, mas o uso é selectivo. Inaugurámos o estádio municipal. Essa foi uma das promessas feitas aos munícipes. Quando foi feita a promessa muita gente, incluindo pessoas ligadas à minha governação, não acreditava ser possível. Mas eu disse-lhes que seria possível por causa do desenvolvimento de Moatize e pelo perfil das empresas que vinham surgindo ao longo do município. Hoje o campo é uma realidade. A Vale respondeu positivamente ao nosso apelo e, nesse contexto, temos um complexo desportivo moderno.

(@V) – Quanto ao abastecimento de água e iluminação o que se pode dizer?

(CCN) - Posso afirmar que quanto à iluminação só agora estamos a lograr algum sucesso. Antes vivíamos numa situação de desespero constante. A nossa vila sofria de cortes sistemáticos e a intensidade da corrente não era das melhores. Nos escritórios os meios electrónicos não arrancavam, mas hoje a situação melhorou bastante. A Electricidade de Moçambique (EDM) continua a envidar esforços de modo a levar iluminação aos bairros. Portanto, até ao fim do ano toda a vila terá iluminação. Algumas ruas já beneficiam de iluminação pública. Falámos com a EDM para construir uma subestação por causa do surgimento de muitas empresas na vila.

No que diz respeito à água era um bicho de sete cabeças, mas estamos em vias de ultrapassar o problema. Actualmente uma empresa chinesa está a fazer escavações para podermos ter água em todos os bairros. O bairro que sofria muito com a crise de água é o Bagamoyo, um zona que no tempo colonial era abastecido pelos Caminhos-de-Ferro de Moçambique, mas por causa da guerra o bairro deixou de beneficiar desse serviço. Quando o FIPAG retomou as ligações de água usou os mesmos canais, mas estes não aguentavam devido à idade avançada. Contudo, até ao final do ano alguma coisa vai mudar em relação ao abastecimento de água. Existe a ideia de construir dois tanques para igual número de bairros.

(@V) – O que se pode dizer sobre a questão do tratamento de resíduos sólidos?

(CCN) - Quando chegámos ao município encontrámos dois tractores e uma camioneta de recolha de lixo. Adquirimos dois camiões, dos quais um é cisterna e serve também para diminuir a incidência de poeiras em algumas estradas e distribuir água nos bairros em caso de crise. Os tractores ajudaram-nos bastante na questão de recolha de lixo. Contudo, reconheço que continuamos aquém daquilo que são as expectativas. Isto porque mais do que trabalhar nos meios é preciso mexer com a cabeça das pessoas. É que as pessoas não sabem manusear o lixo e, quando assim é, a recolha pode tornar-se ineficaz. Em alguns bairros, como por exemplo o 25 de Setembro, os meios de recolha passam todos os dias, mas logo depois surge mais lixo nas ruas. As pessoas levam areia do seu próprio quintal e vão amontoar nos locais de recolha de lixo. Algo que pode ajudar a combater qualquer situação de erosão que possa ocorrer nos seus próprios quintais. Mas isso será trabalho para os próximos que vierem.

(@V) – E o comércio?

(CCN) - Quando cheguei ao município encontrei duas unidades, sendo um armazém e uma loja. Mas hoje ninguém precisa de ir à cidade de Tete para comprar produtos. Hoje é possível encontrar desde roupa a produtos frescos sem sair de Moatize. Isto é uma grande alegria. Com o regresso da circulação do comboio até nos tornámos desorganizados. Temos de criar uma feira para todos aqueles que vêm de vários locais vender os seus produtos em Moatize.

(@V) – Qual é a percentagem actual de cobertura de abastecimento de água?

(CCN) - Nós estávamos em 94 por cento.

(@V) – Está a dizer que 94 por cento da população de Moatize tem acesso a água?

(CCN) - Sim.

(@V) – 98 por cento da população de Moatize tem água no próprio seu quintal?

(CCN) - Numa primeira fase foi por via de fontenários, mas por causa das construções e do aumento do nível de vida cada um quer puxar água para a sua casa. Esse nível de cobertura tem subido muito nos últimos tempos.

(@V) – Mas esse nível não chega aos 98 por cento da população.

(CCN) - Esse não. Os que puxam para as suas casas deve chegar aos 70 por cento. Até os idosos que têm familiares bem posicionados também têm água canalizada.

(@V) – Que benefício Moatize retira do facto de ter um mega-projecto no espaço autárquico?

(CCN) - Este é um ponto bastante forte. Os megaprojectos, se tivermos de olhar realmente para aquilo que constitui responsabilidade social, trazem um benefício, mas não aquele que se desejava. Porque não aquele que se desejava? A primeira questão que os megaprojectos tinham de atender é a questão de reassentamento. Isso não é responsabilidade social como se pensa. O reassentamento é uma compensação pela terra que se tirou das populações. No entanto, podemos dizer que retirámos proveito do facto de esses grandes empreendimentos terem reduzido substancialmente o número de jovens desempregados do município. Nesse contexto não temos dúvidas. Há emprego para todos os gostos e estilos. Recentemente, saíram 50 jovens para uma formação no Brasil. Porém, na questão específica de responsabilidade social ainda estamos longe do desejável. As ruas de Moatize não estão em ordem. Nós entendemos que a comercialização do produto começou recentemente. É provável que não tenham ainda o valor necessário para se dedicarem à responsabilidade social. Mas uma vila mineira como esta devia ser bonita. Nesse ponto muitos munícipes culpam a edilidade, mas não é nossa culpa. Onde é que vamos buscar dinheiro para empreendimentos desse nível? Quando chegámos ao município o valor máximo de receita era de seis milhões, mas hoje falamos de 28 milhões anuais. A aplicação desse valor nas despesas mostra que se trata de muito pouco para as necessidades da vila. O Fundo Nacional de Estradas dá-nos um valor anual de quatro milhões. O que é muito pouco. Quantos metros de estrada podem ser feitos com quatro milhões? O que é feito resultante da exigência de quem foi deslocado de um determinado espaço para outro eu não considero como responsabilidade social.

(@V) – E qual devia ser a participação do município?

(CCN) -Nós fariamos um plano de reabilitação de estradas e as empresas diziam o que podem fazer em termos de contribuição. Nós dávamos os nossos quatro milhões e elas completavam o valor.

Moatize

Entre o progresso e o passado

Moatize transformou-se num canteiro de obras. A vila cresceu e o dinheiro circula como nunca. Um hotel de três estrelas, na entrada da autarquia mostra o caminho que aquela circunscrição pretende trilhar. As ruínas destoam para mostrar que o futuro terá de conviver com o passado.

Texto & Foto: Rui Lamarques

É difícil imaginar que, há pouco menos de cinco anos, nem o mais optimista cidadão de Moatize sonhava que o comboio voltasse a apitar naquela vila mineira. A indústria hoteleira estava de rastos e uma dormida não custava mais do que 400 meticais. A agricultura constava do topo das prioridades de uma juventude sem grandes perspectivas de progresso. O ensino não passava do básico e a cidade de Tete, a 22 quilómetros, era a meta de qualquer jovem que queria estudar para lá da 10ª classe. Hoje, quando o país ainda assimila o *boom* dos recursos minerais na agreste província de Tete, a vila de Moatize ainda luta para se urbanizar.



Do nada, e a expressão não é gratuita, aquela vila pacata transformou-se na terra prometida. Os jovens de Moatize procuram formação para mudarem de vida graças aos salários chorudos que as multinacionais pagam. No entanto, as melhores vagas são ocupadas por pessoas de outros canto do país e com melhor formação. Quando o sol se põe, surgem funcionários das multinacionais de carros com tracção às quatro rodas e ocupam os parques lugares de lazer de que a vila dispõe. As frequentes oscilações de corrente que faziam parte do dia-a-dia daquele circunscrição já não são um problema. Obras um pouco por todo o lado. As residências melhoram e os armazéns surgem ao longo da Estrada Nacional número 7. Vendedores informais chegam às quintas-feiras de comboio para vender tomate, milho, feijão, alface, couve, peixe pendente, esteiras, etc. A imagem remete para um grande mercado a céu aberto. Esta é a história da incomparável orgia da sobrevivência de Moatize.



O som estridente dos berbequins e das brocas, as ensurdecadoras marteladas e o arrepio na montagem de grandes armazéns compõem a nova sinfonia que sufocou os habituais barulhos de Moatize. É comum ouvir residentes exultantes com a possibilidade de mais emprego. Querem que Moatize tenha mais carvão e que surjam mais megaemprendimentos. Não se importam com o futuro. A vida de João Ernesto e Alberto Sabonete restringe-se a um canteiro de obras. Eles dormem num colchão sobre blocos de concreto e tapumes de madeira. De dia, os seus rostos parecem-se com os de funcionários de uma padaria. A poeira

Mas não foi só na indústria hoteleira cujos preços dispararam em flecha. Um cabrito de pequeno porte, por exemplo, custava 300 meticais. Actualmente, esse valor não chega sequer para adquirir duas galinhas.

Os desafios

Em 2008, um dos grandes desafios da autarquia prendia-se com a optimização dos três sistemas unificados de abastecimento de água da vila. Hoje, a unificação é uma realidade e fontes municipais falam de 98 por cento de cobertura. No entanto, outros dados falam de uma cobertura acima de 50 por cento e nem todos têm acesso a água na própria residência. Há, diga-se, bairros onde a água ainda não é uma realidade para os residentes. A reabilitação de fontanários nos bairros periféricos avançou, mas continua aquém do desejado. Os dados do Ministério da Administração Estatal falam de 33 por cento de cobertura.

Saneamento do meio

A gestão dos resíduos sólidos continua ineficaz por uma concorrência de factores. Se, por um lado, os meios ao dispor da autarquia e a natureza dos assentamentos informais impedem uma remoção da produção de lixo urbana aceitável, por outro, a atitude dos munícipes em relação ao tratamento dos detritos que produzem nos seus quintais torna a recolha infrutí-



esconde a barba rala e malfeita e embranquece os cabelos negros. Só à noite têm tempo para se limpar. Em breve, o lugar onde dormem vai dar lugar a um reluzente escritório com ar-condicionado que tanto faz falta nos verões escaldantes de Moatize. Para comer, a dupla tem um fogão elétrico. Nas redondezas, não há restaurantes, mercearias, supermercados ou farmácias. Tudo está em obras naquele espaço. Ambos estão felizes porque, graças ao trabalho, poderão construir um lugar para os filhos morarem no pobre distrito de Mutarara, a norte de Tete.

Efectivamente, a indústria hoteleira ainda é um embrião. Com excepção do Hotel Moatize pouca coisa foi feita para responder à demanda. Uma boa percentagem de funcionários das empresas que surgiram para alimentar as multinacionais passa o dia em Moatize, mas dorme na cidade de Tete. Ainda assim, os preços dispararam e um quarto, cuja ocupação custava 400 meticais, mas nos dias que correm anda por volta dos 3000 meticais. A marcação de preços é feita de acordo com a capacidade de pagamento dos novos "ricos" de Moatize.

A CONTECEU
A verdade em cada palavra.
Seja um Cidadão e Reporte a Verdade
SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634
@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique

Moatize



fera. Efectivamente, o município conta com dois tractores e dois camiões para servir uma população estimada em 18 mil habitantes.

Moatize não dispõe de um aterro sanitário. O local onde o lixo produzido ia parar teve de ser fechado por causa da mineração. Na verdade, ao nível da vila e do distrito do mesmo nome não se pode depositar resíduos sólidos. Em quase todo o lugar há carvão. “Nos próximos tempos temos de fazer um aterro em concordância com os megaprojectos”.

Outro problema que a mineração trouxe é a dificuldade de encontrar um espaço para dar corpo a um novo cemitério. O que existia e que daria para cinquenta anos foi reprovado pelos ambientalistas. A desculpa é que o local é impróprio.

Edifícios

Diferentemente das grandes superfícies urbanas, 45porcento da população de Moatize tem casa própria. A percentagem de pessoas que alugam o espaço onde moram cresceu bastante com o *boom* dos recursos minerais. No entanto, ter casa própria não significa habitação de qualidade. 59.6 por cento das casas de Moatize têm paredes de caniço, tijolos ou estacadas rebocadas com adobe. 12 por cento dos edifícios apresentam tecto de laje ou betão. 84 por cento das residências dispõem de cobertura de chapa de zinco. No que diz respeito ao

piso, a situação é bem melhor. 77.2 por cento dos lares têm um piso feito com material durável.

Desemprego

Em Moatize, pequenas empresas de construção especializam-se em contratar mão-de-obra rural e sem especialização para a indústria. Assim, têm emprego garantido. O crescimento vertiginoso tem atraído milhares de trabalhadores como Sabonete e Ernesto para a zona urbana. Dos mais de 18 mil habitantes, estima-se que os imigrantes sejam metade. Uma massa tão grande de trabalhadores que barateia a oferta de mão-de-obra como poucas vezes ocorreu numa espaço geográfico onde nunca houve tanto emprego como nos dias que correm.

Os números da autarquia, sempre optimistas e empolados, falam de 70 por cento dos jovens da vila com emprego fixo.

“Não contamos as pessoas que praticam negócio por conta própria e têm os seus empregados. Em Moatize o desemprego não é problema”, garante um funcionário do município.

As receitas do município, de acordo com fontes da autarquia, deveriam ser maiores pela presença dos megaprojectos. Actualmente, as receitas próprias andam na ordem dos 28 milhões de meticais.



Contexto histórico

Moatize é uma vila cujo desenvolvimento foi baseado na indústria ferroviária e mineira. A extracção de carvão mineral começou em 1923, com a empresa Minere Geologique. Estudos realizados na década de 60 revelaram a existência de cerca de 200 milhões de toneladas de carvão mineral da mesma formação que a de Witbank, África do Sul. Além do carvão mineral existiam jazigos de algumas variedades de Ferro, o ilimite e a magnetite cujas quantidades eram suficientes para a construção de grandes indústrias siderúrgicas e metalúrgicas.

A existência da via-férrea Tete-Beira, facilitava o escoamento do carvão mineral de Moatize para o consumo interno da indústria ferro-portuária e para a exportação.

Em 1912 foi sede da Circunscrição de Maravia (Decreto Lei de 9 de Novembro de 1912 no BO 50/1912). A vila foi criada pela Portaria número 11930 do BO 13/1957 como Sede do Posto Administrativo de Matundo (Moatize). A 18 de Fevereiro de 1961 passa a designar-se Xavier (Portaria no 14766). Pelas Leis nº 6; e 7/78, de 22 de Abril a vila foi extinta e transformada em Conselho Executivo. Entretanto, a Lei no 7 de 25 de Abril restabelece a vila, e em 1997 foi elevada à categoria de município, por força da Lei nº 10/97.



Perfil económico

Moatize é uma vila cujo desenvolvimento teve como base a indústria ferroviária e mineira. A extracção de carvão mineral teve início nos finais de 1895, provavelmente no dia 28 de Maio de 1895, com a concessão à Companhia Hulheira da Zambézia do privilégio exclusivo de pesquisa e prospecção. Em 1923 a Zambeze Mining Development Ltd, não vendo lucros imediatos, vendeu a sua exploração para um grupo Belga e formase a Societé Minéreet Geologique do Zambeze. No ano seguinte, esta companhia começa a explorar o carvão na vila. A exploração de carvão e outros minérios deu lugar à designação de Thumba, hoje Moatize.

Vila de Moatize em números

18 mil habitantes

10 quilómetros de vias de acesso terraplanadas

3 quilómetros de estrada asfaltados

4 vereações



A questão ambiental

A Vila de Moatize situa-se no interior da província de Tete, próximo do rio Zambeze. Tem como limites físicos o rio Pande ou Thibo até a confluência do rio Revubue a norte; a convergência dos rios Revubue e Moatize até a estrada nacional número 103; rio Chichawa ao longo dos montes Marirangue até ao monte Nyankanga; Cordilheira dos montes Mandilama, Nyandiro e o curso do rio Tchingona até a sua nascente, no monte Thibo.

A grande representatividade da população local pertence ao grupo etno-linguístico Nhungué havendo também Chicundas.

ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique

Órfãos da cidade olímpica

Três anos antes dos Jogos Olímpicos, centenas de desportistas do Rio de Janeiro, no Brasil, que será a próxima sede olímpica, em 2016, foram desalojados da única pista pública de atletismo e estão há seis meses sem treinar.

Texto: **Fabiola Ortiz/IPS** • Foto: **IPS**

As grandes obras para dotar o Rio de Janeiro de infra-estruturas para o Campeonato do Mundo de futebol no ano que vem e para as Olimpíadas afectam, inclusive, desportistas com aspirações de competir em 2016. “Decidiu-se demolir o único estádio público de atletismo do Estado do Rio de Janeiro. E a comunidade desportiva não foi informada com antecedência”, disse à IPS o presidente da federação estadual de atletismo, Carlos Alberto Lancetta.

Lancetta refere-se ao estádio Célio de Barros, construído na década de 1970 como parte do complexo desportivo do Maracanã, inaugurado para o mundial de futebol de 1950. O Maracanã converteu-se num símbolo do Rio de Janeiro. Hoje vive um processo de privatização, com a sua gestão entregue em concessão a uma empresa privada por 35 anos.

Com uma superfície de 25 mil metros quadrados, o Célio de Barros, que fica dentro do complexo, tem capacidade para nove mil espectadores e uma pista que foi modernizada para os Jogos Pan-Americanos de 2007. As 800 pessoas que utilizavam o complexo como atletas ou alunos de desportos não têm onde treinar, pois as condições da concessão implicam demolir a pista, o parque aquático e uma escola municipal que funciona dentro do prédio.

Vários atletas com aspirações para 2016 tiveram que deixar esse complexo para treinar noutros estádios, lamentou Lancetta. “A cidade olímpica está a perder os seus atletas. A situação é caótica, o atletismo brasileiro agoniza”, ressaltou. Lancetta, que está no mundo do atletismo desde 1962, foi treinador e actualmente preside a federação, afirma que nunca estas disciplinas viveram no Brasil um momento tão mau como o actual. Dos 600 atletas que treinavam aqui, 150 eram de alto nível e alguns competiram nas Olimpíadas de Londres, em 2012.

As alternativas das autoridades e do consórcio que obteve a concessão são a construção de uma pista e um parque aquático novos. Enquanto isso, os atletas foram transferidos para o Estádio Olímpico João Havelange, o Engenhão, inaugurado em 2007 e entregue em locação por 20 anos ao Botafogo. Contudo, em Março as autoridades decidiram fechar o Engenhão por tempo indefinido por encontrar falhas estruturais na sua construção. Para os atletas “sem tecto” a solução improvisada foi enviá-los para parques públicos e instalações militares a fim de se treinarem.

Lancetta afirmou que o encerramento e a demolição do Célio de Barros deveriam ocorrer só depois de estarem prontos o novo estádio olímpico e a piscina. Mas essas obras estarão termina-



das apenas um mês antes de começarem os Jogos Olímpicos e 30 meses depois da abertura de uma licitação específica, prevista para Adeste ano. Trata-se de “um genocídio do desporto olímpico e nada podemos fazer para impedi-lo”. As Olimpíadas estão a fazer um péssimo favor ao desporto brasileiro”, apontou Lancetta.

O dia 9 de Janeiro ficou marcado a fogo na memória de muitos ligados a este desporto, quando atletas e treinadores encontraram fechados os portões do complexo Maracanã. A ex-atleta e treinadora Edneida Freire não conseguiu entrar na pista nem para recuperar o material que utilizava nas actividades com crianças, adolescentes e pessoas doentes e que têm, entre outros fins, descobrir novos talentos. “Desalojaram-nos. Nem sequer fomos avisados. Chegámos num determinado dia e o portão estava fechado. Esta já não é nossa casa”, contou à IPS.

Edneida sente-se de luto, pois muitos dos seus alunos já não podem frequentar as aulas em praça pública por falta de segurança. “Muitos eram promissores. A grande maioria era de crianças das favelas ou com problemas judiciais, que praticava desportos como uma actividade socioeducativa. Agora, tudo isso está ameaçado”, ressaltou. Porém, a treinadora ainda tem a esperança de voltar ao Célio de Barros, até que termine a construção de um novo complexo, embora a pista já esteja destruída. “Pior não podemos estar, não temos onde treinar”, ressaltou.

O Comité Popular da Copa e das Olimpíadas, que reúne 50 movimentos sociais, investigadores, organizações não governamentais e sindicatos, acredita que ainda há tempo para inverter a situação, pelo menos em parte. “Nesse lugar serão construídos um estacionamento e um centro comercial. Querem valorizar a região. Anunciaram que construiriam outro edifício, mas não o

farão. Só existem promessas”, disse à IPS Marcelo Edmundo, integrante do comité.

Além da comunidade de atletas, o despejo paira sobre os 350 alunos de uma escola pública que há 50 anos funciona dentro do complexo do Maracanã. A escola municipal Friedenreich – homenagem ao jogador de futebol Arthur Friedenreich (1892-1969) – é considerada uma das melhores da rede pública da cidade e a quarta do Estado. É incerto o destino dos alunos e dos professores, que têm um prazo até o final deste ano para deixarem as instalações.

“Sairemos quando a concessionária construir uma nova escola. Querem arrastar-nos para o terreno de outra escola. Invadir o espaço de outra unidade”, protestou Carlos Ehlers, representante da comissão de pais, alunos e ex-alunos da instituição. Segundo Ehlers, uma das primeiras coisas que serão afectadas são as salas de aula para atender estudantes com deficiências. Falta diálogo com a construtora, apontou. “A concessionária já determinou que temos de partir. Disseram que não tínhamos nenhuma hipótese. Hoje, creio que temos 50% de probabilidades de impedir o despejo”, destacou.

A concessão, apresentada em Novembro de 2012, estabelece que a empresa concessionária deveria investir no complexo 210 milhões de dólares até 2016, incluindo a demolição e reconstrução do parque aquático e do ginásio Célio de Barros, bem como da escola. O processo de licitação, que concluiu com a concessão do Maracanã ao consórcio formado pelas empresas IMX, Odebrecht e AEG Administração de Estádios, foi denunciado na justiça, e a promotoria apontou irregularidades no projecto de administração do complexo e questionou a necessidade de demolir instalações existentes.

Índia tem cerca de 6 mil desaparecidos depois do mês de enchentes

A Índia declarou oficialmente que cerca de 6.000 pessoas estão desaparecidas depois de um mês de enchentes atingirem grandes áreas do Estado de Uttarakhand, ao norte do país, mas as autoridades não quiseram confirmar se estariam mortas.

Texto: **Redacção/Agências** • Foto: **Reuters**

O número de 5.748, com base na contagem de desaparecidos do país, foi a primeira estimativa oficial depois de semanas de dados desconstruídos de mortos e desaparecidos que indicavam algumas centenas a milhares.

As famílias dos desaparecidos agora passam a ser candidatas a receber ajuda financeira, disse o ministro chefe de Uttarakhand, Vijay Bahuguna, numa entrevista à imprensa, acrescentando que o Governo deve pagar 150.000 rupias (2.500 dólares) a famílias no Estado, além da indemnização do Governo federal.

“Nós não estamos a entrar na polémica segundo a qual as pessoas desaparecidas estão mortas ou não”, disse Bahuguna. O número

oficial de mortos ainda está em 580 pessoas, disse à Reuters um funcionário da Autoridade Nacional de Gestão de Desastres.

Mais de 4.600 dos desaparecidos em Uttarakhand são provenientes de outros lugares da Índia, disse o funcionário, que não quis ser identificado por não estar autorizado a falar com a imprensa.

As chuvas alcançaram níveis recórcos em Junho e causaram desmoronamentos e inundações de rios em Uttarakhand, atingindo milhares de devotos que vão anualmente ao local de peregrinação nos templos das cidades de Kedarnath, Gangotri, Badrinath e Yamunotri.



Zimbábwè: campanha eleitoral marcada por ligeira calma

A campanha para as eleições gerais no Zimbábwè, agendadas para 31 de Julho próximo, está a decorrer com uma ligeira calma, comparativamente à do escrutínio de 2008, que resultou na morte de vários cidadãos.

Texto: Lydia Lim/IPS • Foto: Istockphoto

A campanha arrancou a 6 de Julho, um dia depois da validação da data para a realização das eleições (proposta unilateralmente pelo Presidente Robert Mugabe e contestada pelo seu rival Morgan Tsvangirai e pela Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral) pelo Tribunal Constitucional local.

Estas eleições acontecem cinco anos depois de uma grande tensão política registada no escrutínio de 2008, que por pouco degenerava em guerra civil. Para evitar tal situação, formou-se um Governo de Unidade Nacional, constituído pela Frente Patriótica (ZANU-PF), do Presidente Robert Mugabe, e pelo Movimento para a Mudança Democrática (MDC), do Primeiro-Ministro Morgan Tsvangirai.

Esta coabitação entre os grandes rivais políticos daquele país é, segundo alguns analistas, o motivo pelo qual a presente campanha eleitoral não está a ser manchada pela violência.

SADC admite dificuldades

Os dirigentes dos países-membros da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) alertaram, no último fim-de-semana, que vai ser difícil organizar as próximas eleições no Zimbábwè dada a falta de tempo disponível para a sua preparação.

A organização regional, composta por 15 países, havia apelado no mês passado ao Zimbábwè a adiar as eleições previstas para 31 de Julho por pelo menos duas semanas, a fim de dispor de tempo suficiente para aplicar reformas que garantam um escrutínio livre e justo. Porém, o Tribunal Constitucional manteve a data marcada unilateralmente pelo Presidente Robert Mugabe.

“Queríamos que a nossa recomendação fosse seguida”, explicou o Presidente tanzaniano, Jakaya Kikwete, aos jornalistas após uma reunião da SADC sobre defesa e segurança, na qual participaram os Presidentes sul-africano Jacob Zuma e moçambicano Armando Guebuza.

Apesar disso, a SADC, que já enviou 360 observadores, prometeu apoiar o Zimbabwe para assegurar que a votação seja “suficientemente credível”. O país, que possui os seus cofres vazios, deverá ainda mobilizar muitos recursos para financiar o escrutínio.

UA alega que podem ser “livres e justas”

já a União Africana (UA) disse na última sexta-feira, em Addis Abeba, ser possível que estas eleições sejam “livres e justas”. “Segundo os observadores no terreno, as eleições livres e justas são possíveis no Zimbabwe”, disse Aisha Abdullahi, comissário para os Assuntos Políticos da Organização Pan-africana, no fim de uma reunião do Conselho de Paz e Segurança da UA.

Abdullahi congratulou-se ainda pelo facto de o país ter conseguido o financiamento de que precisava.

Refira-se que a UA enviou cerca de 60 observadores para essas eleições (presidencial, legislativas e municipais). Esta missão é a segunda mais importante, depois da dos países da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC).

A Comissão eleitoral do Zimbabwe assegura que o seu dispositivo estará preparado para o dia das eleições.

Um novo canal de televisão

Um canal de televisão privada começou na última semana a emitir o seu sinal no Zimbábwè, e o seu objectivo, segundo um dos seus fundadores, Temba Hove, é fornecer aos



eleitores uma voz diferente, a escassos dias das presidenciais. “A First TV fará chegar aos zimbabwuanos informações imparciais, factuais, assim como

séries populares e comédias”.

Os media públicos no Zimbábwè são largamente favoráveis ao Presidente

Robert Mugabe, que vai concorrer para um novo mandato de cinco anos, aos 89 anos de idade, 33 dos quais no poder.

“Trinta e três anos após a independência é muito tempo para que as pessoas tenham o que exigem e o que merecem quando se fala de informação”, disse Hove, afirmando que o seu canal dará “a todo o cidadão zimbabwano a possibilidade de exprimir os seus pontos de vista.

Antes de o novo canal emitir o seu sinal, o Zimbábwè contava apenas com uma única estação de televisão, propriedade da sociedade pública ZBC, que também assume a gestão de quatro canais de rádio.

Nos anos 90, duas televisões privadas tentaram a sua sorte no Zimbabwe mas desistiram devido a limitações de ordem financeira.

Publicidade

KPMG

cutting through complexity™

Serviços de Auditoria Interna

KPMG é uma empresa com bastante know how em serviços de contratação e terciarização de contratos de auditoria interna, tanto a nível local como na arena internacional. O nosso objectivo é ser líder nos mercados que servimos e, especificamente, ser o número um em reputação no mercado moçambicano.

Os serviços de Auditoria Interna da KPMG Moçambique podem ser diferenciados pelos seguintes factores principais:

- Somos a líder no mercado moçambicano em auditoria interna;
- Usamos auditorias internas estrategicamente focadas na gestão de risco;
- Temos uma equipa qualificada e experiente em auditoria interna com experiência também em auditoria local e regional;
- Temos especialização na indústria e auditores treinados em diversos sectores que vão desde telecomunicações a ONG's;
- Acesso a competências especializadas para complementar o serviço de Auditoria Interna em áreas técnicas que exigem habilidades de especialistas, como a fiscal e legal.

A KPMG tem a capacidade, competência, profissionalismo, entusiasmo e motivação para parcerias no desenvolvimento de soluções de auditoria interna que agrega valor significativo para as organizações e contribui activamente para a consecução de seus objectivos estratégicos e do negócio.

Contacte-nos!

KPMG Auditores e Consultores

Rua 1.233, nº 72C, Edifício Holland, Maputo
Tel.: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358E-
-mail: mz-fminformation@kpmg.com



Basquetebol: Sem competições, vamos ao Afrobasket

As selecções nacionais de basquetebol em seniores masculinos e femininos vão, nos próximos dois meses, a Setembro, participar nos respectivos campeonatos africanos da modalidade, o Afrobasket. Contudo, até hoje, o país não organizou nenhuma competição oficial com vista a seleccionar os melhores atletas e, em última instância, conferir-lhes maior rodagem competitiva.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Mangueze/Cedidas

No próximo mês de Agosto, entre os dias 26 e 31 em Abidjan, capital da Costa do Marfim, a selecção sénior masculina vai participar no Campeonato Africano de Basquetebol, edição 2013. Neste certame, Moçambique está integrado no grupo C com as selecções de Angola, de Cabo Verde e da República Centro-Africana.

Já a selecção feminina, que será anfitriã do Afrobasket do seu escalão, só entra em cena a partir do dia 20 até 28 de Setembro próximo, figurando como cabeça de



série do grupo A, em que se incluem o Senegal, o Egipto, o Zimbabwe, a Costa do Marfim e a Tunísia.

No entanto, o país vai para estes dois certames continentais sem, no mínimo, ter organizado nesta época desportiva que arrancou no passado mês de Março uma competição oficial. Aliás, sem provas, ainda que conhecidas as caras (ideais) que podem ser alistadas nas duas selecções nacionais questionam-se os critérios de convocação de atletas usados pelos respectivos técnicos. Tecnicamente falando: qual é a garantia que os jogadores escolhidos oferecem ao país, sabido que não competiram e muito menos demonstraram as suas capacidades e habilidades

quer físicas, quer técnicas em campo?

Desde a abertura da época desportiva pela Federação Moçambicana de Basquetebol (FMB), em Março, até hoje aquele organismo não organizou nenhuma competição, ainda que dependente das associações provinciais para encontrar, por exemplo, as equipas que devem desfilar num campeonato nacional de ambos os sexos. Mas, o mais calamitoso é, na verdade, a falta de calendarização do basquetebol moçambicano.

A cidade de Maputo, diga-se de passagem, é o ponto de referência desta modalidade a nível do país, facto inegável que faz com que a maior parte dos integrantes das duas selecções nacionais sejam deste ponto. Ademais, é consensual afirmar-se que a falta de provas na capital afecta, por tabela, o país no geral.

A cidade de Maputo só organizou um torneio

Desde o anúncio oficial da abertura de época, a Associação de Basquetebol da Cidade de Maputo (ABCM) decidiu, nos princípios de Março, reunir-se com os seus associados para discutir como seria feito o relativo calendário. Infelizmente, na referida reunião, não compareceram os clubes Desportivo e Ferroviário de Maputo, que são os únicos com pavilhões, ou seja, de quem depende a capital para realizar as provas de seniores.

No entanto, mesmo sem a presença deles, ficou decidido de forma unânime que os campeonatos da cidade iriam arrancar a 29 de Março, antecedidos pela inscrição dos clubes. Mas, para além de aquele dia ter coincido com a sexta-feira Santa, aqueles dois clubes faltosos avisaram, dias depois da reunião, que o pavilhão do Desportivo estaria em obras e que o do Ferroviário só podia acolher jogos da equipa da Universidade Pedagógica (UP), visto que entre eles existe um acordo de uso das instalações.

Contudo, este impedimento ficou ultrapassado quando o clube locomotiva decidiu ceder o seu campo para a realização das provas ainda que, naquela altura, tenha levantado outra questão relacionada com o facto de estar a pagar as mesmas taxas que das outras colectividades sem pavilhões exigindo, porém, uma espécie de "indulto". Foi daí que, transcorridos dois meses depois do previsto, finalmente arrancou o Torneio de Abertura da cidade que, em seniores masculinos, registou uma interrupção de quase um mês por motivos administrativos.

Neste certame, estranhamente, não participaram pelos respectivos clubes, grande número de atletas que militam na selecção nacional, seja em masculinos, seja em femininos, como aliás é apanágio em todos os anos. O mais curioso é que, durante o torneio, nenhuma das duas selecções estava em actividade para justificar a ausência dos principais jogadores.

Anastácio Monteiro, secretário-geral da ABCM, aceitou falar ao @Verdade para, no mínimo, esclarecer o que está por detrás da falta de calendarização e consequen-

Publicidade

ESTA PRETA É A MELHOR DE ÁFRICA

A Laurentina Preta é uma cerveja com história e carácter, única em Moçambique, que se distingue pelo seu sabor intenso, textura cremosa e aroma envolvente, atributos muito apreciados que advêm da sua composição. A Laurentina Preta é feita a partir de quatro tipos de malte, entre eles o malte de Munique e o malte de caramelo, complementados pelo uso de açúcar refinado de cana e extractos de óleo de lupulo.

Reconhecida internacionalmente devido à sua qualidade ímpar, a Laurentina Preta foi recentemente premiada nos African Beer Awards como a melhor cerveja preta de África e distinguida com 2 estrelas de ouro no International Taste & Quality Institute (ITQI), prémios que se juntam à medalha de ouro do Monde Selection de 2008.

É fácil para dizer, esta Preta é mesmo boa!

PRÉMIO DE QUALIDADE PARA A MELHOR CERVEJA PRETA DE ÁFRICA

SEJA RESPONSÁVEL. BEBA COM MODERAÇÃO.

Desporto

te desorganização do basquetebol moçambicano, com principal enfoque na cidade de Maputo. Aquela fonte revelou dois dados interessantes: é que por um lado há falta de fundos nos cofres da associação e, por outro, ainda que ligado ao primeiro, os clubes não honram os seus compromissos.

“Temos de partir do princípio de que a primeira competição organizada por nós é o torneio de abertura. Infelizmente ainda não terminámos esta prova porque estamos com crise de tesouraria, visto que é preciso pagar aos árbitros” disse a fonte, acrescentando que, exceptuando o Ferroviário de Maputo e a Universidade A Politécnica, “os clubes devem à ABCM cerca de 250 mil meticais de subsídios para os árbitros”.

Isto, para Monteiro, não só coloca em causa a continuidade do torneio de abertura da época, faltando somente um jogo para o seu término, ainda que seja conhecido o vencedor, como também compromete a calendarização das competições pois, sem terminar esta, não se pode organizar outra prova. “Quem faz o dia-a-dia do basquetebol são os árbitros. Se não pagamos a estes profissionais, que moral teremos para pedir que eles apitem os jogos? É preciso incentivá-los pois, antes mesmo de serem árbitros, são pessoas com necessidades pessoais, cujo trabalho que prestam merece recompensa”.

“Para sair deste impasse, mantivemos um encontro na última sexta-feira (19 de Julho) com a federação, com os clubes e com o Ministério da Juventude e Desportos, em que decidimos que cada colectividade, para além de pagar os 40 mil meticais em dívida para com a ABCM,

deve desembolsar mais 5000 meticais” afirmou Anastácio Monteiro quando questionado sobre as soluções em vista para que o país volte a movimentar o basquetebol a nível profissional.

No entanto, a fonte revelou alguma dúvida quanto ao tipo de competição que se segue depois do torneio de abertura pois os clubes, neste momento, estão sem os seus principais jogadores, ora ao serviço das selecções nacionais. “Quem deve definir a competição que se segue são os próprios associados. Temos de estar cientes de que não nos resta muito tempo devido às provas africanas que se avizinham sendo que uma parte das equipas tem os jogadores representados nas selecções que vão para os ‘Africanos’, o que torna mais viável organizar a Taça de Maputo”.

Contudo, o nosso interlocutor deixou escapar uma confissão: “a época iniciou tarde e a participação do país nos dois campeonatos africanos de Ae Setembro próximos, sabido que as selecções entrariam em períodos longos de estágio puxava, de uma ou de outra forma, a organização de provas oficiais e de rodagem para o próximo mês de Outubro”.

Uma federação sem norte

O “edifício” da desorganização no que à calendarização de competições no

país diz respeito parece baralhar também a direcção da FMB. É que, segundo o comunicado número um daquele organismo, a realização do Campeonato Nacional de Basquetebol seria possível, ainda que sem datas fixas, somente no próximo mês de Novembro não estando claro, no entanto, se seria por via da Liga Moçambicana de Basquetebol ou das competições regulares de uma semana.

Francisco Mabjaia, presidente daquele organismo, pondera, com esta desorganização, mudar completamente a época desportiva desta modalidade em Moçambique. Se as associações provinciais só podem organizar os seus certames somente depois do mês de Setembro, na óptica do número um do basquetebol moçambicano a temporada deve também arrancar depois das provas africanas, com término previsto para o mês de Junho do ano seguinte.

Ou seja, Francisco Mabjaia é apologista da ideia de não existirem competições internas antes do arranque dos “Africanos”, sendo que os meses que se seguem seriam somente para a preparação das selecções nacionais com vista a participarem nas diversas provas internacionais, para se atingir aquilo que apelida de “ritmo competitivo invejável”.



“É preferível o basquetebol de rua do que o da quadra”

Para Helmano Nhatitima, capitão da equipa sénior do Desportivo de Maputo e outrora internacional moçambicano, com um registo de participações em várias edições do Afrobasket com a camisola da selecção nacional, é inconcebível não haver nenhuma competição no país.

Para este entrevistado, todo o atleta que se preza gosta de jogar basquetebol, da mesma forma que não existe nenhum professor que o é, sem exercer a profissão. “É característica do basquetebolista exhibir as suas qualidades. Os clubes treinam todas as semanas com o objectivo de competir durante o fim-de-semana. É complicado quando ficamos meses a fio a treinar e as direcções dos clubes a pagarem salários aos atletas, para no fim não haver nenhum resultado”.

Este atleta, com cerca de 18 anos no basquetebol, confessa que o que se passa hoje em Moçambique, onde não há competições, é algo único e sem memória. Aliás, a falta de calendarização desportiva, para ele, é um insólito sem precedentes. “Desde que me tornei jogador, não me lembro (nunca) de ter passado por uma situação do género. É algo novo não termos certames” e aponta o dedo: “nós já tivemos diversos presidentes da Federação Moçambicana de Basquetebol (FMB) bem como dirigentes da Associação de Basquetebol da Cidade de Maputo (ABCM) e nunca passámos por isto”.

Sobre a desculpa de não haver actividades que dêem lugar à preparação das selecções nacionais, Helmano disse que a mesma não faz sentido. Serviu-se da sua experiência como jogador do conjunto nacional para afirmar que, “por diversas vezes, o país foi jogar fora sem, no entanto, afectar a existência de jogos internamente. No passado tínhamos várias competições desde os torneios de abertura, as taças, até campeonatos pelo que, no mínimo, só podíamos suspender-las para dar lugar à prestação da selecção, retomando mais tarde. O que acontece hoje é que não temos nem um confronto oficial”.



“Uns falam de falta de dinheiro. Mas eu nunca vi, ao longo desta minha carreira, uma federação com muito dinheiro. Digo até mais: as associações passaram sempre por dificuldades. Mas a diferença reside no facto de, no passado, ter havido interesse e vontade de ver o basquetebol a ser disputado nos pavilhões. Pergunto: que dirigente fica feliz em saber que a sua modalidade não está a ser praticada? Que clube vai continuar a alimentar o basquetebol, como, por exemplo, pagar atletas e estágios, sabendo que no fim do dia não haverá nada?” lamentou Nhatitima.

“Já estivemos profissionalizados”

Helmano Nhatitima acha que o basquetebol moçambicano regrediu muito nos últimos anos. Para este atleta, os problemas estruturais que afectam esta modalidade “colocam Moçambique num buraco sem fundo. Não fizemos nada para melhorar e estamos a piorar cada vez mais. Precisamos rapidamente de mudanças. Pode não ser de pessoas, pois é preferível não ter presidentes mas campeonatos de rodagem”.

“Nós não podemos contentar-nos somen-

te com o torneio de abertura. Precisamos, sim, de uma competição rodada e que nos ofereça qualidade. O espelho do basquetebol de qualquer país é a selecção nacional. Não é admissível um clube ter apenas seis jogos numa só época” comentou Helmano.

O nosso interlocutor lembrou com nostalgia a época de Ilídio Caifaz, antigo presidente da FMB que, na sua óptica, apesar de lhe ter dirigido muitas críticas na altura, conseguiu profissionalizar o basquetebol moçambicano com a fundação, por exemplo, da Liga Nacional, “perecida” há dois anos. “Nós jogávamos até doerem as pernas. O próprio Campeonato da Cidade era bastante renhido, visto que era disputado em três voltas. No passado, quando estávamos profissionalizados e com uma Liga Nacional, nós ombreávamos com o nosso maior rival na história das competições internacionais, a África do Sul. Hoje, nas condições em que estamos, não somos capazes até de jogar abertamente contra eles”.

Igualmente, quando instado a fazer a antevisão das duas competições africanas que se avizinham, em que Moçambique

irá participar, Nhatitima lançou um forte alerta: “não quero ser pessimista. Espero que as duas selecções nos saibam representar. É verdade que temos alguma qualidade, mas se algo de mau acontecer não podemos atirar as culpas à equipa pois, como disse anteriormente, tudo o que se faz internamente tem resultados na selecção. Os atletas precisam de rodagem; precisam de competir; precisam de mostrar que estão em condições de entrar num campeonato ao mais alto nível e para ganhar”.

“O basquetebol de rua está a ganhar terreno”

Segundo o nosso interlocutor, o basquetebol de rua foi sempre praticado no país, sobretudo na cidade de Maputo. Durante o período de férias, quando houvesse competições, jogadores de grandes clubes e da selecção nacional concentravam-se nas diversas ruas existentes na capital do país para levarem a cabo o que mais gostam de fazer: jogar.

Mas como é que se joga o basquetebol de rua? Esta especialidade dá ao jogador a liberdade de se expressar, ou seja, de criar e improvisar jogadas. O basquetebol de rua é a continuação do da quadra, com a diferença de dar valor à habilidade e à criatividade de cada atleta. Nesta disciplina, a altura não é um factor indispensável, sendo fulcral a habilidade técnica e de improvisação de cada atleta. Joga-se basicamente nas ruas, no asfalto, nas praças, etc., em que por norma os jogos são acompanhados pelo som do “rap”.

As suas regras são menos rígidas do que o basquetebol de quadra e pode ser disputado em diversos formatos, seja de um para um, de três para três e até mesmo de cinco para cinco, existindo apenas uma tabela.

Contudo, é este tipo de bola ao cesto que nos últimos meses tem ganhado a adesão de basquetebolistas moçambicanos, sobretudo dos federados, conforme revelou Hermano Nhatitima: “hoje em dia os jogadores preferem estar no basquetebol recreativo por saberem que terão muitos jogos, do que no federado”.

Futebol Feminino: Cidade de Nampula acolhe o “Nacional”

A cidade de Nampula é palco, desde sexta-feira última (19 de Julho), da edição 2013 do Campeonato Nacional de Futebol Feminino. O certame conta com a participação de nove equipas de quase todo o país, exceptuando as províncias de Tete, Inhambane e Gaza.

Texto & Foto: Redacção/Nampula

Trata-se das colectividades Viveiros de Nampula, Academia Militar de Nampula, União Esperança de Quelimane, Academia Chamisso de Pemba, Cocorico da Beira, Fanta desta mesma cidade, Servitrades de Maputo, União Desportiva de Lichinga e Computer Solution de Manica, que desde a semana passada fazem a quarta edição da “festa” do futebol feminino na chamada capital do norte.

O evento, que se realiza nos campos do Estádio Municipal 25 de Setembro e Francisco Durão, do Benfica do Nampula, termina neste sábado (27) com a disputa da oitava jornada sendo que, por dia, decorrem quatro jogos. As equipas de arbitragem são oriundas das províncias de Tete, Maputo, Sofala, Zambézia e Nampula.

Contudo, contrariamente ao que se projectava, os jogos deste campeonato superam as expec-



tativas em termos de assistência, sobretudo quando jogam as equipas da casa, em que o público não deixa de afluir em massa para prestar o seu apoio.

Atletas alojadas em condições precárias

As atletas que participam nesta prova estão agastadas com as más condições de alojamento no centro internato da Escola Industrial 3 de Fevereiro. As jogadoras denunciaram ao @Verdade o estado degradado em que se encontram as casas de banho pois, segundo elas, o que é comprovado pela nossa equipa de reportagem de visita ao local, estão a emitir um cheiro nauseabundo, sendo que algumas até têm as pias entupidas.

No que tange aos dormitórios, a eminente falta de camas e a insuficiência de quartos faz com que as futebolistas improvisem ou então dividam os colchões, com algumas a recorrer a esteiras. Numa outra abordagem, as atletas frisaram que a água usada para consumo encontra-se mal conservada visto que o respectivo reservatório está desprotegido.

Importa recordar que a lotação máxima do local em que se encontram hospedadas no centro internato da Escola Industrial 3 de Fevereiro é de 250 pessoas, sendo que, por ocasião do campeonato, o local alberga neste momento um total de 350 pessoas.

Refira-se, também, que mesmo antes das queixas apresentadas pelas atletas relacionadas com as condições de hospedagem, já estava instalado o braço-de-ferro entre a direcção do lar e os estudantes, visto que estes últimos foram coagidos a ceder os quartos às delegações que participam nesta prova em pleno período lectivo.

Outro sobressalto que se registou nesta prova, que patenteou a falta de agentes de Lei e Ordem, de modo a prevenir eventuais casos criminais, foi o do espancamento da equipa da arbitragem durante o jogo entre a Academia Chamisso de Cabo Delgado e a Servitrades de Maputo, protagonizado pelas atletas do norte do país, alegadamente porque a juíza principal proferiu palavras injuriosas em changuana contra uma das jogadoras que reivindicava uma suposta péssima actuação. Aliás, este facto fez com que o público invadisse o recinto de jogo para também agredir as árbitras.

Viveiros de Nampula rumo à conquista do título

Na ronda inaugural do campeonato, a União Esperança de Quelimane venceu a formação da Fanta da Beira, por 2 a 1, enquanto a Academia Militar recebeu e bateu a Academia Chamisso de Cabo Delgado, por 3 a 0. Ainda na mesma jornada, a equipa de Viveiros de Nampula derrotou a Computer Solution, pela marca de 1 a 0, e o Clube Cocorico da Beira empatou a um gol diante da União Desportiva de Lichinga.

Já na segunda jornada, a colectividade Viveiros de Nampula goleou a Academia Chamisso, por 5 a 0, num dia em que a Cocorico do Chiveve derrotou a Computer Solution, por dois golos a zero. Os restantes confrontos redundaram em empates: Fanta da Beira 1 – 1 Academia Militar; União Desportiva de Lichinga 0 – 0 Servitrades de Maputo.

Foi na terceira jornada que a Viveiros de Nampula provou a sua invencibilidade ao derrotar, de forma fácil, a formação da Fanta da Beira, por dois a zero, garantindo, assim, a liderança isolada da competição com nove pontos. Ainda nesta ronda, o clube Cocorico da Beira humilhou de forma copiosa a Academia Chamisso, por 4 a 0, enquanto as militares receberam e derrotaram a União Esperança de Quelimane, por 1 a 0.

A Servidores de Maputo e a Computer Solution não foram para além de um empate sem abertura de contagem, em jogo também da terceira jornada.

A União Desportiva de Lichinga, depois da derrota diante da Academia Militar, recebeu e venceu a Computer Solution, por 4 a 1, com a Viveiros de Nampula a roubar os três pontos à União Esperança, pelo resultando tangente de 1 a 0, em jogos da quarta jornada. Em paralelo com estes dois jogos, a Servitrades goleou a Academia Chamisso, por 4 a 1, no prenunciado confronto polémico da ronda, e a Cocorico somou a sua terceira derrota diante da Fanta, por 2 a 1.

Na data do fecho da presente edição (quarta-feira: 24), decorreu a quinta jornada em que a União Desportiva de Lichinga goleou a Académica, por 4 a 0; a União Esperança de Quelimane derrotou a Cocorico, por 1 a 0, e a Viveiros de Nampula somou a quinta vitória consecutiva diante da Academia Militar, por 1 a 0.



Ministério da Saúde

DÚVIDAS SOBRE SAÚDE SEXUAL E SIDA?



Ligue
Alô Vida!

Chamada Grátis e Confidencial

800 149
82 149
84 146





De segunda a sexta das 8 as 22 horas
Sábado das 9 as 15 horas

Desporto

Futebol: Sai Tito, entra Tata. A fonética catalã

Argentino como Messi, rosarino como Messi. Eis Gerardo Martino, o treinador do Barça de hoje até 2016. Em 1992, o argentino joga pelo Barcelona do Equador. Agora, 21 anos depois, vai treinar o Barcelona de Espanha, no lugar do adoentado Tito Vilanova.

Texto: **jornal Ionline** • Foto: **Lusa**

Aos 50 anos de idade, “Tata” Martino é dono de um currículo respeitável mas só no Paraguai (tetracampeão por dois clubes: Libertad e Cerro Porteño) e na Argentina (campeão pelo Newell’s há um mês). Pelo meio, um trabalho engraçado na selecção paraguaia: quartos-de-final do “Mundial”-2010 (Casillas defende penálti de Cardozo e... Espanha, 1-0) e finalista vencido da Copa América-2011 (Uruguai, 3-0).

Desvinculado do Newell’s no final de Junho, o treinador natural de Rosário (como Messi) quer tirar um ano de férias, “à Guardiola”. Já tem viagem marcada e tudo. Até que o telefone toca e ouve-se a voz do director desportivo Andoni Zubizarreta. O dever chama-o, Tata substitui Tito e é apresentado hoje. Recuperámos uma entrevista de Tata ao i, antes do “Mundial”-2010 na África do Sul.

Era um jogador retilão. É verdade?

Sim, era revoltado. Tudo me irritava. Os apitos dos árbitros, os apalpos dos adversários, um mau passe de um companheiro, algumas pisadelas dos juniores nos treinos dos seniores. Quando cheguei aos 27 anos, já tinha 13 expulsões, 12 delas por protestos. Ai, acalmei-me.

Foi eleito o melhor jogador de sempre do Newell’s Old Boys, quando já era aquele com mais jogos no clube (505). É possível bater esse recorde?

Como vão as coisas, é mais fácil que batam o do Heinze (defesa da Argentina, que passou pelo Sporting em 1998-99). Fez três ou quatro jogos, e adeus. Daqui a um tempo, um suplente vai para fora sem sequer ter entrado em campo! É sinal dos tempos. Quem é que agora faz 505 jogos pelo Newell’s Old Boys? Um dia, perguntaram-me se era motivo de orgulho ou sintoma de mediocridade e eu respondi: “a segunda opção”. Já não há amor à camisola. Vê lá o Inter Milão, com oito argentinos. No meu tempo, isso era impensável. Mas, olha, fui campeão argentino pelo Newell’s em 1988 e todo o plantel era formado no clube! Estava lá o Batistuta e eu não dava nada por ele. Parecia um tronco. Como mudou e se tornou naquele monstro na área. Outros tempos...

No seu tempo, a Argentina foi campeã mundial em 1986. Esteve quase lá, não foi?

Quase, quase, não. Só fui pré-convocado por Bilardo (seleccionador) porque um jogador chamado Miguel Russo se lesionou e eu entrei no lugar dele mas nunca tive reais possibilidades de ir ao México. Não era jogador para aquele tipo de jogo do Bilardo. Pensei isso naquela altura e penso isso agora. A minha história na selecção (uma internacionalização, em 1991, por obra e graça de Bielsa) foi curta e pouca vistosa, como aqueles carecas que só têm meio pelo na cabeça.

1952 - Tuberculose de Kubala

Ladislao Kubala é uma das figuras incontornáveis do barcelonismo. Contratado pelos catalães em 1951, ganha quatro ligas espanholas, cinco Taças Generalíssimo e duas Taças das Cidades com Feira, além de 194 golos (14 hat-tricks) em 256 jogos. É um líder nato, um jogador completo, que dribla até a morte. Em Maio de 1949, o Torino convidava-o para jogar em Lisboa na homenagem ao capitão benfiquista Francisco Ferreira mas Kubala é obrigado a recusar, por doença do filho. No voo de volta, o avião do Torino embate na colina de Superga e perde-



-se uma das melhores equipas italianas de sempre. Kubala assina então pelo Barça mas contrai tuberculose e passa nove meses de cama.

1968 - Morte do lateral Benítez

A força de vontade do lateral-direito uruguaio Julio_César Benítez (Barcelona) é proporcional à velocidade do extremo esquerdo espanhol Francisco Gento (Real Madrid). O resultado é um sem-fim de clássicos intensos, com os adeptos a ver quem corre mais entre um e outro. No dia 7 de Abril, há mais um Barça-Madrid para a Liga. Na véspera do jogo, Benítez morre – vítima de intoxicação alimentar, causada pela ingestão de mexilhões estragados. Afectados pelo desaparecimento súbito de Benítez, os catalães pedem o adiamento da partida. A federação só dá 48 horas de descanso. Acaba em 1-1 e o Madrid é campeão nacional, mas perde a final da Taça com o Barça (ainda e sempre de Benítez).

1979 - Acidente de viação de Krankl

Melhor marcador europeu em 1978, com 41 golos pelo Rapid Viena, o avançado austríaco Hans Krankl assina pelo Barcelona para ocupar o lugar do holandês Johan Crujff. Nessa época de 1978/79, o Real Madrid é o campeão espanhol e o Barça empenha-se nas provas europeias. A dez dias da final da Taça das Taças com o Fortuna Düsseldorf, o carro do casal Krankl é abalroado por um outro automóvel em Barcelona. O acidente é grave e Ingrid, a mulher de Krankl, está entre a vida e a morte. Por isso, numerosos adeptos do Barça doam sangue. A três dias da final de Basileia, Ingrid recupera a olhos vistos e o futebol de Krankl transforma-se: é ele o herói do 4-3 sobre o Fortuna Düsseldorf.

1981 - Sequestro de Quini

Três vezes melhor marcador da Liga espanhola, sempre pelo Sporting Gijón, Quini assina pelo Barça e conquista a quarta Bota de Ouro em 80/81. Um grande ano para o asturiano, não fosse o rapto na noite do dia 1 de Março de 1981. Depois de marcar dois golos ao Hércules (6-0), dois indivíduos levam-no para dentro de uma carrinha. Só 24 horas depois é que os sequestradores justificam o acto: “um clube separatista não pode ser campeão”. Com Quini desaparecido durante 25 dias, o Barça afasta-se da liderança, com um só ponto em oito possíveis. Libertado a 25 de Março, a troco de 100 milhões de pesetas depositados numa conta em Zurique, Quini recusa apresentar queixa dos raptos.

1991 - Crise cardíaca de Crujff

É o início de uma das etapas mais gloriosa da história barcelonista, com o famoso dream team de Johan Crujff. Com a contratação de Stoitchkov a juntar-se a Koeman e Laudrup, os catalães ganham a primeira Liga espanhola desde 84/85, agora com dez pontos de avanço sobre o Atlético Madrid. Pelo meio, só um valente susto com a crise cardíaca do mentor holandês. Afastado do banco por mês e meio (desde 26 de Fevereiro até 10 de Abril de 1991), por culpa de uma complicada intervenção cirúrgica, Crujff troca os cigarros pelos chupa-chupas no banco de suplentes. Inclusive, até é protagonista de um campanha anti-tabaco, a dar toques com um maço durante 19 segundos.

1994 - Pai de Romário raptado

Treze anos depois do sequestro de Quini, o Barcelona é atormentado por outra situação do género, provocada pelo rapto do pai de Romário no Brasil. Quando Edevair de Souza Farias é levado por um bando comandado pelo traficante Marquinhos Muleta à saída de um bar, na tarde do dia 2 de Maio, o mundo de Romário estremece. Não se dorme nem se come em Camp Nou, está absolutamente fora de questão. Já jogar é uma outra história. “The show must go on”, diz a federação espanhola. E o Barça sentencia a Liga em pleno Santiago Bernabéu, com um golo de Amor (bonito!). Sete dias depois do rapto, o pai do avançado brasileiro é libertado na Baixada Fluminense, sem o pagamento do resgate.

2011 - Tumor do fígado para Abidal

Assim de repente, sem um ai nem um ui, o mundo pára com a notícia do tumor do fígado do francês Éric Abidal. É o próprio quem anuncia aos companheiros, no final de tarde de 15 de Março de 2011. Acto contínuo, o Barça organiza uma conferência de imprensa relâmpago para anunciar publicamente. Abidal é operado dois dias mais tarde, depois de reunir todo o plantel numa animada festa na sua casa. A recuperação é rápida e, imagine-se!, Abidal é titular na final da Liga dos Campeões-2011 com o Manchester United (3-1 em Wembley). Um ano depois, o lateral é submetido a um transplante do fígado que o afasta do futebol até ser campeão espanhol em Maio de 2013.

2013 - A recaída de Vilanova

Menos de um ano depois do tumor de Abidal, o plantel apanha outra péssima notícia, com o diagnóstico do cancro da glândula parótida de Vilanova. Na altura, o treinador dos catalães ainda é Guardiola. Como Abidal, também Tito recupera da operação e junta-se à equipa, agora como treinador principal. A meio da época passada, tem uma recaída e é obrigado a passar três meses em Nova Iorque. O comando da equipa é entregue ao adjunto Jordi Roura, eliminado pelo Madrid nas meias-finais da Taça do Rei. Com Tito novamente em força, o Barça é campeão espanhol e prepara-se para arrancar a época 2013/14 com a dupla Messi/Neymar. Mas tem uma outra recaída e deixa o clube. Tata Martino é o substituto.

Ciclismo: Britânico Chris Froome é o vencedor do Tour de France

O ciclista Chris Froome ficou com o título da 100ª edição do tradicional Tour de France no domingo passado, tornando-se o segundo britânico a vencer a competição de forma consecutiva.

Froome viu o seu título ser confirmado após a 21ª e derradeira etapa do Tour, que consistiu na volta final de 133 quilómetros entre Versailles e Paris e que teve o alemão Marcel Kittel a cruzar a linha de chegada em primeiro no Champs Elysees.

Na geral, Froome, que nasceu no Quénia, superou o colombiano Nairo Quintana por quatro minutos e vinte segundos, com o espanhol Joaquim Rodríguez a completar o pódio, 44 segundos atrás.

Este ano, o britânico destacou-se nas etapas montanhosas, além de mostrar enorme capacidade de administrar os tempos das suas voltas. Desde o início, parecia claro que a disputa se resumiria a saber quem seria o segundo e o terceiro do Tour.

Aos 28 anos, ele repete a façanha do seu compatriota Bradley Wiggins em 2012, que se retirou do Tour deste ano por motivos de saúde.

Centenário Maurice-François Garin, um nome indiscutível na Volta à França do primeiro vencedor do Tour, em 1903. Nascido em Itália (Arvier), muda-se com a família para França (Reims) e naturaliza-se francês aos 21 anos. Com as bicicletas é amor à primeira vista. Em 1893, dá 850 francos (qualquer coisa como três mil euros) por uma nova bicicleta, com pneus com câmara de ar e 16 quilos mais leve, e ganha uma corrida na Bélgica, entre Namur, Dinant e Givet. Inscreve-se, então, na Avesnes-sur-Helpes

mas é impedido de concorrer pelo júri, depois de descobrir que “aquilo” é só para profissionais. A corrida começa e Garin vê os outros a pedalar. De repente, agarra na sua bicicleta e galga terreno. Ultrapassa todos, cai duas vezes e ganha a corrida. A organização recusa pagar o prémio de 150 francos, mas os espectadores, entusiasmados, angariam o dobro (300 francos). Pronto, Garin é profissional. É nessa condição que corre oficialmente pela primeira vez em Fevereiro de 1893: as 24 horas de Paris, no Champ de Mars, entre a Torre Eiffel e a Escola Militar. De sol a sol, Garin percorre 701 km, mais 49 km que o rival.

Para correr aquelas 24 horas, Garin faz uma lista do que consome: vinho tinto, 19 litros de chocolate quente, sete litros de chá, oito ovos cozidos, cinco litros de tapioca, dois quilos de arroz, café com champanhe, 45 costeletas e ostras. No ano seguinte, Garin ganha as 24 horas de Liège. Em 1897 e 1898, a mítica Paris--Roubaix.

Quando o jornal “L’Auto” promove o Tour, em 1903, só 60 ciclistas se chegam à frente, cada um com 10 francos na mão para pagar a inscrição. Um deles é, claro, Garin – vencedor da primeira etapa. E da quinta. E da sexta e última. Com um tempo total de 94 horas, 33 minutos e 14 segundos para os 2428 quilómetros, Garin é o primeiro vencedor do Tour, com um avanço (recorde ainda hoje) de 2:59’21” sobre o segundo classificado. Garin ganha 3.000 francos pelo primeiro lugar na geral mais 6.125 francos pelas vitórias nas etapas. Outros tempos. Entre 1976 e 1987, por exemplo, o vencedor ganha um apartamento. Em 1988, o camisola amarela tem direito a um carro, um estúdio-apartamento, uma peça de arte e 500 mil francos em dinheiro. A partir de 2009, o prémio do campeão está avaliado em 450 mil euros, enquanto o vencedor de cada etapa encaixa oito mil euros.

Será que teremos uma geração gay?

Há um coreógrafo, em Maputo, que expõe utopias. Abespilha-lhe a forma como – na terra de Augusto Cuvilas – se olha para o corpo humano, e adverte para o facto de que além de orgias sexuais, “também é um espaço de criação artística”. Sobre o homossexualismo – que procura espaço de afirmação em Moçambique – diz que “é um ‘problema’ escondido”. Respeitando-se os limites existentes entre os homossexuais e os heterossexuais, admite a coexistência pacífica. Receia, porém, que o mundo se torne gay. Conheçamos as Utopias de Virgílio Sitole...

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Miguel Manguze

O criador da coreografia Utomipias, que o estimado leitor terá a oportunidade ver nos dias um e dois de Agosto, no Cine Teatro África, em Maputo, é um homem decidido. Reconhecendo a resistência à mudança social – “está a ser difícil que no meu país se olhe para o corpo humano, como um espaço de criação artística. Ele é abusado como objecto sexual” – é capaz de montar uma coreografia utilizando bailarinos nus.

Ainda bem que a ineficácia da política cultural e o seu fraco poder económico para tamanho investimento – diria um bom conservador – lhe impõem barreiras. Afinal, acrescentaria, como aconteceu com a obra de Augusto Cuvilas, “Um Sol Para Cinco”, isso seria um choque nacional.

Para a criação artística, um pouco de loucura vale a pena. Pela arte, Virgílio Sitole criou um ritual: “Por meia hora, todos os dias, sentindo ou não necessidades, permaneço na pia da casa de banho e viajo com a coreografia que já existe em mim ou que pode vir amanhã”.

É um devotado apreciador do corpo humano e no âmbito das Utomipias, a sua nova criação coreográfica, até pesquisas de especialidade fez. No entanto, o seu momento de inspiração é outro mistério do corpo humano – o organismo. “Na verdade, não sei. Isso é um assunto quase inefável, mas, como estamos entre nós, posso explicar que quando estou a fazer sexo, com uma mulher, o meu momento de inspiração assemelha-se ao que acontece no orgasmo, em que cada pessoa possui a sua forma peculiar de se sentir”.

Uma sociedade despreparada

Utomipias é uma coreografia subdividida em duas partes – Corpus e Toleranse – em que a sensualidade, a sexualidade, o homossexualismo, o nudismo exposto na rua e em palco, o (des)respeito à vida e a intolerância formam um misto de temas em discussão.

A parábola dos produtos alimentares, como o tomate, recém-criada – a partir da qual Virgílio explica o seu comportamento social em relação ao sexo – tem a sua importância na percepção dos seus motivos artísticos. “Depois das festas do fim do ano, no Mercado Grossista de Malanga, o preço do tomate – a exemplo de outros produtos frescos – agrava-se e ninguém o compra. Algum tempo depois, os produtos apodrecem e os revendedores despejam-nos.



Já não têm muito valor e, por isso, qualquer pessoa pode tê-los como quiser. Isso é o que acontece com o sexo, nos dias actuais”.

Visivelmente constrangido, o coreógrafo diz que “não sei se existe uma expressão adequada para classificar o que está a acontecer com o sexo. A situação é quase similar ao que acontece agora que existem as três ou quatro cervejas vendidas por 100 meticais”. Ou seja, “o sexo é dado ao desbarato e feito de qualquer maneira de modo que, praticá-lo, é suspeito porque, ainda que seja bom, depois traz-nos situações calamitosas. Porque é que é muito promovido?”

O problema é que quando, em nome da arte, se exhibe o nudismo (no bailado ou num concerto musical) chega uma fase em que o espectador – nós que trabalhamos com as manifestações artístico-culturais incluídos – não percebe a fronteira entre a arte e a exibição de partes íntimas do corpo humano por puro prazer. Como resolver este problema?

Talvez seja necessário um debate artístico sobre o assunto. Mas, por outro lado, há contexto, no país, para a exploração do corpo humano como uma dimensão de criação artística? O artista afirma que o corpo humano é um lugar de produção de arte – mas a tese não é defendida pelo cidadão comum.

“As condições que tenho – para trabalhar – não me permitem expor a minha obra do jeito como a planeei e gostaria que fosse. Tenho de fazer a exposição da criação, respeitando os apoios que tenho. Se eu pudesse arranjava um palco e expunha a obra – com os bailarinos nus – como ela foi concebida. Sei que isso iria criar debate e que algumas pessoas iriam vê-la só para confirmar os rumores que se gerariam”.

Uma cumplicidade social

Nos dias que correm, há uma moda que – afectando, também, os homens – se caracteriza por deixar partes íntimas do corpo humano expostas. E as pessoas gostam.

Ou seja, “a sociedade critica o nudismo em surdina porque é seu cúmplice. Isto significa que as pessoas gostam de ver outras nuas. No entanto, o que me intriga é que quando o corpo humano é exposto no palco ou na tela como uma obra de arte, esta mesma sociedade contesta”.

Convenhamos que, como afirma o coreógrafo, “há contornos bem desenhados do corpo feminino nos quadros de Malangata ou de Mankew, mas esses artistas não estão, necessariamente, a falar da sexualidade. Eles narram algum facto”. Nesse sentido, nessa criação coreográfica, “eu não estou aqui para expor o sexo, mas quero fazer um bailado nu. E porque o sexo está no corpo, ele é visível”.

“Quando se trata de uma obra de arte, as pessoas contestam. No entanto, no dia-a-dia, vemos obras de arte não assumidas como tal – a exhibir o nudismo – que a sociedade aprecia”, diz.

O receio do artista

Porque a peça Utomipia é também um espaço de discussão sobre as liberdades (ou direitos) sexuais, Virgílio Sitole explica que “estou em conflito relação à minha educação do berço e àquela que tive na sociedade sobre o assunto: para onde é que esta liberdade sexual nos leva?” Ou seja, “receio que o mundo, no futuro, seja habitado por homossexuais apenas. Hoje, eles estão a adoptar filhos e continuarão a fazê-lo amanhã. Estou com medo de que estas crianças sejam homossexuais”.

O coreógrafo afirma que “partindo dos princípios que me foram ensinados na família, não consigo explicar como é que esta relação homem-homem e mulher-mulher funciona”. De qualquer modo, “graças à formação académica e social do dia-a-dia, aprendi que as pessoas têm as suas liberdades. Elas podem comportar-se como quiserem – mesmo no campo sexual – o que devem saber é respeitar os limites que existem”.

Isto significa que “apesar de respeitar, como não gosto da sua homossexualidade, vou criar barreiras – não de natureza social mas – de relacionamento sexual com esta pessoa”.



Plateia

Uma Serenata para os amantes da boa música

O primeiro trabalho discográfico da conceituada intérprete moçambicana, Yolanda Chicane, chama-se Serenata e comporta 15 temas, em que se mesclam vários géneros, e será apresentado hoje, 26 de Julho, num concerto em Maputo.

No dia da apresentação do álbum Serenata – o primeiro dos Kakana, uma das bandas mais célebres do país – perante um público restrito, o compositor e produtor da colectividade, Jimmy Gwaza, mostrou maturidade na forma como se relaciona com a música: “Para nós, um trabalho discográfico é como fosse uma defesa de uma tese no fim de um curso. Já nos consideramos uma banda e, disso, esta obra é uma prova”.

O disco retrata, nas palavras do jornalista cultural moçambicano, Frederico Jamisse, a realidade dos moçambicanos com base na exposição de géneros musicais como a Marrabenta, o Jazz, o Rock, o Semba, incluindo o Hip Hop. E para isso, “a voz dócil de Yolanda Chicane, uma pessoa que canta e encanta-nos”, como acrescenta o escriba, exerce um papel ímpar.

Se as palavras de Jimmy Gwaza e Frederico Jamisse são falsas ou verdadeiras, não temos como comprovar. Para o efeito, estimado leitor, tem a oportunidade de adquirir, pelo menos, uma das duas mil cópias do álbum ou participar no ‘show’ na noite de hoje, no Centro Cultural Universitário, em Maputo, onde será apresentada a obra.

“O álbum é rico em termos de mensagens que transportam o ouvinte em direcção a um futuro melhor, sobretudo ao encontro da paz e do amor”. É assim que Yolanda Chicane, a intérprete e vocalista dos Kakana faz a sua construção social em torno da obra Serenata.



Entretanto, apesar de o álbum ser constituído por vários géneros e estilos musicais, Jimmy Gwaza considera que “nós não elegemos um estilo como modelo a seguir na banda. O estilo musical que eu escolhi foi a voz de Yolanda. Ou seja, eu fui buscar músicas, e não estilos musicais, para encaixar na sua voz. Essas composições deram-me a percepção de que nelas a vocalista podia fazer valer o dom que Deus lhe deu, a voz”.

O ponto de vista é partilhado pela intérprete que considera que, “na verdade, eu não tenho nenhum compromisso com determinado estilo musical, mas o meu entendimento é com a própria música, nas suas variedades de ritmos e géneros”.

A expectativa da banda é que o disco seja promovido em todo o país, com especial enfoque para as províncias em que a colectividade não é muito conhecida, “ao mesmo tempo que esperamos que essa obra nos abra as portas para o mercado internacional”.

Refira-se que dos 15 temas seis já foram premiados no Mozambique Music Awards e no Ngoma Moçambique, um programa promovido pela Rádio Moçambique.



Isto é

Inocêncio Albino
www.verdade.co.mz

Será que o prostíbulo me ama ou (simplesmente) me trama?

...alaridos à parte, as meretrizes também experimentam crises severas e – uma prostituta impotente, em apuros – é como me sinto quando, na fulva lentidão de Agosto, num mesmo fim-de-semana, em Maputo, há vários concertos e não me posso relacionar com todos.

Eu sou uma prostituta assumida. Gosto de prostituir-me. Não sei se – para mim – haverá vida sem a prostituição. Se os prostíbulo, com todos os meus clientes, eternamente, carentes suportariam viver apartados de mim. É que, além de maravilhosa, a prostituição é bela. Lasciva!

Satisfazer este homem – conhecer as suas experiências sexuais, as razões e motivações que, mesmo sendo casado, o levam a demandar-me – criando, depois, condições para que aquele-outro experimente outras sensações e aventure-se por pura aventura.

É que a relação entre homens e mulheres está em crise, porque – como diria um amigo meu – os homens não gostam de mulheres. Eles gostam de uma coisa que a mulher tem. E eu dou-lhes!

É verdade que, como outros advogam, os problemas de um país não podem ser negociados por pessoas nuas. Mas isso, para mim, é só uma estratégia que – uma vez aplicada – golpeia a comunidade internacional, gerando dinheiro. Por isso, aqui, alguns pensam em oficializar a prostituição. Outros ainda querem elevar-me à categoria de Presidente da República. Mas eu estou muito feliz com a ideia de domar a minha Maputo.

No princípio, eu sentia-me amada. Mas agora, com o meu corpo, totalmente mutilado, sinto-me tramada.

Aqui, neste momento, neste hiper-prostíbulo que se chama Maputo, a prostituição – a dita mais antiga profissão humana – perdeu a coordenação. Aliás, ao que tudo indica, ela nunca foi coordenada. De todas as formas, possíveis e imagináveis, e, por diversas razões, eu ainda suportava.

O problema é que, neste momento, há quem pensa que – apesar de eu insistir que amo todos – faço alguns filhos e outros enteados. Quem me dera tal poder?

Na verdade, como digo, a prostituição está descoordinada no prostíbulo como, por exemplo, o drama dos ‘chapas’ – que, sem dó nem piedade, transforma homens em bois – o comprova nesta Maputo dos moçambicanos.

Então, expliquem-me vocês, será que – nestas condições – o prostíbulo me ama ou (simplesmente) me trama?

Eu, feita escrava dessa adrenalina, sempre voluptuária, já me prostituí o suficiente nesta cidade. Mas, agora chega! Ou a gente promove um ‘casting’ para seleccionar outras prostitutas, bem treinadas e qualificadas, a fim de se satisfazer os homens necessitados, salvaguardando as suas famílias, ou, finalmente – e, aparentemente, sem nenhum precedente – perderemos a nossa bela prostituta. E o país ficará desolado. Será uma tragédia nacional!

Bem, alaridos à parte, as meretrizes também experimentam crises severas e, uma prostituta impotente, em apuros, é como – eu, repórter sociocultural deste país – me sinto quando, na fulva lentidão de Agosto, num mesmo fim-de-semana, em Maputo, há um concerto de Luka Mukavele, outro de Carlos Gove, o autor de Massone – pepitas humanas da nossa cultura – incluindo a coreografia Uto(mi)pia de Virgílio Sitole – sobre corpos, sexualidades e tolerâncias –, e, por causa de uma descoordenação – no seio das nossas casas culturais – que provoca uma congestão de programas culturais, não me posso relacionar com todos.

Percebo, então, que o prostíbulo não me ama, simplesmente me trama.

Crianças desfavorecidas celebraram o Dia de Mandela



O adolescente Ilídio Júlio Mambo é invisual, mas, em virtude da acção da Associação Cultural Muodjo, o miúdo aprendeu o processo de escrita para cegos designado Braille, nome do seu inventor, e frequenta a sexta classe. Arranhando o inglês, no dia 18 de Julho, desejou um ‘happy birthday’ a Mandela. O seu sonho é ser advogado. Será que no seu país há condições para concretizá-lo?

Entre as pouco mais de 100 crianças que, no dia 18 de Julho, se associaram às festividades da celebração dos 95 anos de nascimento de Nelson Mandela, no Alto Comissariado da África do Sul, na residência Khayaletu, em Maputo, Ilídio Júlio Mambo é apenas um exemplo de crianças cujos sonhos, até a data em que se juntaram à Associação Cultural Muodjo, eram uma autêntica miragem.

Naquele dia, além de aprenderem algo sobre

a vida e os feitos de Nelson Mandela, o humanista que acredita que “a educação é a arma mais poderosa para mudar o mundo”, as crianças desfavorecidas tiveram experiências especiais.

Além de manifestações artístico-culturais como a música, a dança e a exposição de filmes sobre Madiba, os envolvidos nas festividades do Dia de Mandela, incluindo os petizes, praticaram várias modalidades desportivas desde o futebol, o voleibol, o atletismo até uma marcha de cerca de 10 quilómetros no recinto da Khayaletu.

A Associação Cultural Muodjo, que há três anos participa na iniciativa, fez da mesma uma oportunidade “para mostrar que o seu trabalho – a reinserção social das pessoas desfavorecidas e crianças da rua – desenvolvido na Casa Escola O Molho que a Nossa Mãe Preparou, está a ser valorizado, fora do

país e está a gerar impactos positivos.

De acordo com Osvaldo José Lourenço, o líder da Associação Cultural Muodjo, “a nossa aparição nas festividades dos 95 anos de Mandela significa que, como temos dito, ninguém vive para si mesmo. Nelson Mandela é uma pessoa de coração aberto”.

Nelson Mandela é pela paz. Por isso, o mundo – a sociedade moçambicana, os meninos de rua, as crianças que já ouviram falar desta personalidade embora sem muita propriedade – têm a oportunidade de prestar uma singela homenagem à sua figura, aprendendo algo de si.

É nesta personalidade, nos seus feitos e experiências, que crianças como Ilídio, apesar de viverem em situação deplorável, aprendem, desde cedo, a aspirarem a ser os homens de amanhã. **/Redacção**

“Não queremos que Mondlane cante as canções de Machavele”

Teófilo Mucambe e José Xavier Mangué – membros do Grupo Nkava Vanga Heti, do falecido músico moçambicano Alberto Machavele – afirmam, em suposto esclarecimento, que Vicente Ernesto Mondlane (Nomo) é um mentiroso. Por interpretar as composições do malogrado, sem o consentimento da sua família, já foi julgado e condenado pelo Tribunal da Machava.

Texto & Foto: Inocêncio Albino

A matéria publicada neste Jornal, na edição 224, do dia 22 de Fevereiro de 2013 – mesmo que a intenção não fosse essa – só desenterrou um assunto que se arrasta desde os princípios de 2000.

Nesse ano, o filho de Machavele, Castro Alberto Machavele – também falecido – escreveu uma carta, distribuída por várias instituições culturais, com enfoque para a comunicação social, em que deplorava a violação de supostos direitos em relação à obra do pai, ao mesmo tempo que o acusava de andar “de instituição em instituição, a fazer cobrança de dinheiro, alegando que quer – grifo nosso – fazer a missa do falecido pai, Alberto Machavele (...), o que não corresponde à verdade”.

No link <http://www.verdade.co.mz/cultura/34741-nomo-um-exemplo-de-persistencia>, o estimado leitor pode ler sobre a entrevista cedida por Ernesto Vicente Mondlane. Em relação à mesma, Teófilo Mucambe e José Xavier Mangué explicam que Vicente Mondlane mentiu em vários aspectos.

Nos próximos parágrafos, faz-se a transcrição do que para eles, os primeiros membros do Grupo Nkava Vanga Heti, de Alberto Machavele, constitui a verdade.

O que dizem os decanos?

“Dias depois da morte de Alberto Machavele, o senhor Vicente Mondlane contactou-nos e afirmou que sonhou com o primeiro, orientando-lhe para a necessidade de dar continuidade ao seu trabalho artístico – o que foi repudiado pela família”.

“Nós também não ficámos de acordo com essas palavras, mas questionámos sobre a sua pretensão ao que nos explicou que apreciava as músicas de Machavele e que, por isso, gostava de cantar connosco. Isso significa que Vicente Ernesto Mondlane só começou a relacionar-se com a colectividade Nkava Vanga Heti depois da morte do seu líder”.

“Recordo-me de que, naqueles anos, o sobrinho de Alberto Machavele, Orlando Quilambo – que já cantava connosco – era um potencial vocalista principal do grupo. De qualquer forma, aceitámos o seu pedido como forma de enriquecer o grupo”.

“No mesmo ano, 1992, o apresentador de televisão, Vitor José, procurou-nos na casa de José Xavier Mangué, no bairro da Urbanização – na ausência do Vicente Mondlane – onde cantámos algumas músicas com Orlando Quilambo. Ele apreciou a nossa actuação e ficou seguro de que a obra do mestre Machavele iria ser perpetuada”.

“Entretanto, como Vicente Mondlane insistia com a ideia de queria concretizar o seu sonho de cantar as músicas do mestre, aceitámo-lo. Depois disso, ainda em 1992, participámos no programa televisivo Onda Matinal, de Vitor José”.

A viagem para Inhambane

“Em 1995, o grupo preparou-se para ir a Machavela, a terra natal do mestre Machavele, em Inhambane. Porque era membro do colectivo, permitimos que Vicente Mondlane viajasse connosco. O senhor Geraldo P. Machavele, o pai de Alberto Machavele, estava vivo”.

“Mas há uma informação falsa que o senhor Mondlane prestou ao Jornal, dizendo que quando chegámos em Inhambane fizemos uma cerimónia tradicional – o Kuphalha – em seu louvor”.

“Na verdade, seguindo a tradição, o régulo Machavele fez uma cerimónia tradicional em que invocava os seus antepassados, ao mesmo tempo que falava sobre a nossa presença naquela região, pedindo que o evento corresse bem. Suplicou para que no



regresso a Maputo fizéssemos uma boa viagem porque, como se sabe, o desrespeito às tradições gera impactos negativos na vida dos infractores”.

“O problema é que no seu depoimento, Vicente Mondlane afirma que, na cerimónia, o pai do mestre Machavele sublimou-lhe, o que está errado. Nessa tradição, isso não faz sentido. Cada família quando faz o Kuphalha invoca os seus antepassados não os de outras famílias. Então, quem é Mondlane para ser invocado na família Machavele?”

Começam as adversidades

“Ora, quando regressámos a Maputo, o grupo começou a desentender-se. Nos projectos que envolviam muito dinheiro, Vicente Mondlane – que já era o dirigente do grupo – começou a discriminar determinados elementos, sobretudo os seus fundadores, como forma de ficar com a maior parte do dinheiro que ganhávamos. E isso contrariava os princípios da colectividade porque nós, sempre que realizávamos actividades, todos ganhávamos a mesma quantia. Não existiam privilegiados”.

“Ele excluiu os membros mais velhos do grupo e convidou alguns jovens – seus familiares – a fim de levar todo o dinheiro que se ganhava nas actuações para o seu sustento”.

“Houve vezes em que, depois de uma actuação, levou-nos à sua casa, preparou uma refeição, e não nos deu a nossa parte do dinheiro. Pessoas crescidas que somos – e com responsabilidades familiares – nós não gostámos dessa atitude”.

“Começámos a perceber que ele quis aproveitar-se de nós porque – para bem dizer – Vicente Mondlane não sabia cantar a 100 por cento. Mesmo agora, se se ouvir as suas músicas, percebe-se que há muitas irregularidades na sua forma de cantar”.

“Sentindo-nos excluídos, nós distanciámo-nos do grupo. No entanto, a dado momento, ressentindo-se da nossa ausência, em resultado da inexperience dos miúdos com os quais trabalhava, e da sua ignorância em relação a certos assuntos da vida do conjunto, Mondlane chamou-nos. É que começaram a surgir críticas às suas más actuações. Mandámos-lhe passear”.

Reiterar a mentira

“Em resultado desses desentendimentos – o repúdio da família Machavele em relação ao facto de Mondlane interpretar as suas músicas – o Tribunal da Machava condenou-o a pagar uma multa e a não interpretar as obras do mestre. O que sucede, agora, é que ele está a agir contra a decisão do Tribunal e a vontade da família do falecido”.

O apelo

“Nós não estamos contra o seu trabalho, mas não gostámos da forma como nos trata. Por exemplo, explicou ao jornalista que ele foi enfeitado. Porque é que não invoca o seu pai que também é curandeiro?”

“Ele foi impedido pelo Tribunal de cantar as músicas de Alberto Machavele. Nós não queremos que Mondlane cante as nossas canções.”

Mondlane defende-se

Em contacto com o Jornal, Mondlane afirmou que – conforme narrou na edição de Fevereiro – aprecia e canta as músicas de Machavele há muitos anos. Mas ele começou a cantar com o mestre entre 1988 e 1989.

Confirma que o Tribunal da Machava o julgou e condenou-o a pagar uma caução e a não fazer concertos expondo as músicas do malogrado – o que está a fazer. No entanto, como as pessoas sabem que interpreta tais obras, sempre realizam um ‘show’ solicitam-no a cantar também as do falecido “e eu não posso recusar”, diz.

Para Vicente Ernesto Mondlane, o comportamento de Mangué e Mucambe deve-se a uma espécie de inveja ao seu sucesso. Ele relaciona, de facto, as doenças que teve às ameaças do sobrinho de Machavele.

Num outro desenvolvimento, Mondlane explicou que se fez, em Inhambane, uma cerimónia tradicional – no contexto da morte de Alberto Machavele – em que ele foi seleccionado para dar continuidade à obra do mestre.



Toma que te Dou

Alexandre Chaúque
bitongachauque@gmail.com

Viva Tipo Tinto! Viva!

- Porque não te suicidas?
- Todos sugerem-me essa merda!
- E então, estás à espera de quê para avançar?
- Estou à espera de estúpidos como tu para me trazerem a corda!
- Eu, no teu lugar, já teria dado o passo!
- Para onde?

São amigos de infância. Andam na casa dos cinquenta. Já experimentaram tudo na vida, e agora não lhes resta mais nada senão esperar. São inveterados no álcool. Bebem todos os dias numa barraca chamada Zinkomu Kwambili, no bairro de Siquiriva, arredores da cidade de Inhambane. E o nome desse local onde as pessoas se esborracham diariamente foi dado em homenagem a um nyandja vindo de Ulóngwê, em Tete, que se tornou famoso por possuir machambas imensas habitadas de cannabis da melhor qualidade, cuja semente foi trazida daqueles terras férteis e reproduzida incrivelmente com a mesma intensidade em termos de “perfuração”.

No lugar de ficarem entorpecidas, os que “batiam essa buma”, revigoravam-se. Levitavam e, mesmo os que tinham um quoficiente fraco de inteligência, pensavam como sábios. As autoridades policiais, nesse tempo – estou a falar do tempo colonial – sabiam da produção da cannabis sativa e conheciam o seu mentor, mas não faziam nada, ou seja, fumavam também, encomendavam grandes quantidades que depois eram revendidas em outros mercados ou simplesmente oferecidas a amigos de perto e de longe. Era a “passa” de Zinkomu Kwambili que fazia amizades, que unia as pessoas, que juntava as almas, que apertava as mãos umas das outras, que ensardinava os bebedores em noites de conversas de não acabar.

Mas hoje só ficaram as lembranças. Só se recorda da história daquele sítio, onde os dois amigos estão sentados, quem viveu nesse tempo e sentiu a respiração de um homem que gostava de agradecer a todos, mesmo aos que lhe faziam mal, ou que tentavam feri-lo. Por tudo e por nada ele dizia, zinkomu kwambili (muito obrigado, em nyandja, língua falada em algumas zonas da província de Tete e Niassa. E no Malawi. E na Zâmbia também).

Diferentemente daquele tempo, os que bebiam vinho português tirado directamente do barril e servido em enormes canecas de vidro, hoje resignam-se à venenosa bebida chamada Tipo Tinto, adorada e consumida pela juventude, que não se preocupa com os seus efeitos nocivos e irreversíveis.

No tempo de Zinkomu Kwambili bebiam e petiscavam saborosos pedaços de carne, confeccionados pela esposa, uma mulher nascida em Siquiriva, cujo amor foi tão forte que moveu um homem inteiro nascido em terras frias de Ulóngwê para um lugar remoto. Aprazível por causa disso mesmo. Mas hoje a música é outra. Ou melhor, aquela vida nem é digna de ser comparada à música. Se for, então é uma sinfonia do diabo.

- Na verdade tens razão quando me sugeres o suicídio. Viver assim não dá. Pior do que isso, é estarmos aqui a assistir aos outros a viverem como reis, como se este país fosse da avó deles. Merda!

- É isso, meu irmão, estamos lixados.

Estão sentados frente a frente no Zinkomu Kwambili. Bebendo o execrável Tipo Tinto.

- Sabes, meu irmão?

- Diz lá.

- Acho que não preciso de corda para me suicidar.

- Como é que vais caminhar para o cadafalso?

- Já estamos a caminho, meu “brada”.

- É verdade. O que nos safa é que a maneira que escolhemos para morrer é muito agradável. Dá prazer morrer assim.

- O Tipo Tinto, na verdade, mata devagar. Durante a “paulada”, a pessoa sente-se rei também, como os verdadeiros reis moçambicanos, que vivem no paraíso.

- Sabes o que é que me dói mais, meu caro?

- Não sei, meu irmão.

- O que me dói é que fumam eles e quem fica “pedrado” somos nós!

- Eis que falas a própria verdade!

- O que me dói é que corremos nós e quem chega são eles. Isso é que me magoa. Magoa-me mais ainda, citando David em Salmos, que Deus já não seja o mesmo.

- Onde é que aprendeste isso?

- A vida dá-nos sabedoria sem nos apercebermos.

- Tens razão, meu irmão. Vamos beber. Que se lixe a morte.

- Viva Tipo Tinto!

- Viva!

Ninguém apoia a música tradicional



Há três anos que os Silita, uma banda de música tradicional moçambicana, procuram apoios para a gravação do seu segundo trabalho discográfico. A investida está a ser vã. Ao que tudo indica, no País do Pandza, ninguém quer preservar a tradição através do canto. Entretanto, o líder da colectividade, Simão Nhacule, que partilha a sua angústia, receando uma publicação póstuma, diz que esta, a acontecer, “será uma hipocrisia”.

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Banda Silita

A criação da Banda Silita, que existe há 15 anos, tem a ver com a fuga do seu líder, Simão Nhacule, da província de Inhambane para a cidade de Maputo, onde vinha à procura de melhores condições de vida e de prosperidade.

É que, antes da partida, o artista teve uma formação familiar em música com o apoio do seu pai. Na altura, ele era um adolescente e não resistia à Timbila e à Ngalanga entre outras danças tradicionais que praticava.

“Quando cheguei a Maputo fui acolhido pelo Grupo Cultural do Conselho Municipal, em 1994, de onde saí para o Grupo de Canto e Dança da Casa da Cultura do Alto-Maé, antes de, em 2000, passar para a Companhia Nacional de Canto e Dança”, refere.

Simão recorda-se de que ao longo do tempo em que permaneceu na Casa da Cultura sentiu a necessidade de criar uma banda musical – sonho que se concretizou com a formação dos Silita. “É que nos meus tempos livres, sempre tocava e cantava música tradicional, até que percebi que não devia parar por aí. Convidei um colega percussionista e uma vocalista e formámos o agrupamento”.

A partir daí, a colectividade participou em vários eventos culturais, no país e na Europa, mas o mais importante foi um concerto musical promovido pelo Centro Cultural Franco-Moçambicano, em Maputo, em que os Silita foram os vencedores, tendo tido como prémio o direito de gravar o seu primeiro trabalho discográfico – Siva Tako.

Entretanto, “apesar de que o disco também foi disponibilizado ao mercado nacional, o mesmo foi mais vendido na Europa, a partir da cidade de Paris. Não sei as razões, a verdade é que a música tradicional moçambicana é mais consumida no estrangeiro”.

Objectivo obstruído

Reconhecendo que Moçambique é um país rico em termos de ritmos e géneros musicais, a acção do Grupo Silita é no sentido de preservá-los, divulgando-os para consumo actual e das gerações vindouras.

O contra-senso é que “nós estamos a ter dificuldades nesse processo. Há três anos que o disco devia ter sido publicado. A situação é frustrante. Pedimos apoios em várias empresas, algumas das quais responderam negativamente, alegando que a banda é anónima – o que não é verdade – outras ainda explicaram que não nos podem financiar porque a música tradicional não é comercial – o que também não é verdade. Houve também organizações que simplesmente ignoraram a petição”.

O que preocupa esta colectividade é que “contrariamente àquilo que algumas empresas condicionam para nos apoiarem, nós não estamos preocupados com a fama, mas em preservar a nossa tradição através da música. Um país sem cultura não funciona”. Além do mais “a música tradicional é muito rica e nós investimos muito nela, mesclando ritmos de diversas partes do país. E quando não se dá o devido valor a esse trabalho, nós ficamos frustrados porque se cria um problema grave”.

O artista considera que a acção do Governo é mínima. “Ou seja, não estou a dizer que o Governo não está a fazer nada, porque, no mínimo, promove o Festival Nacional de Cultura, mas devia fazer mais pela cultura”. Gravado, “este disco seria uma mais-valia na nossa cultura e tradição, como um documento para as gerações vindouras – o que é muito bom – porque há muitos aspectos sobre culturais que estão a desaparecer por causa da falta de registo.

E aqui vale a pena recordar-se o tocador de timbila Capitine que, por volta de 1940, viajou de navio para Portugal onde gravou o seu disco. “Imagine-se que ele não tivesse feito o registo discográfico. Como é que nós iríamos conhecer os traços da utilização da ferramenta deste tocador?”

Partindo do princípio de que o Grupo Silita quer preservar os instrumentos de música tradicional e as melodias que eles produzem, Simão Nhacule considera que caso “esse projecto não seja concretizado criar-se-á mais uma história de alguém que terá de morrer para que depois – como tem sido apanágio nos nossos dias – as pessoas concorram para serem as primeiras a gravar esse disco. Infelizmente, as pessoas gostam de promover homenagens póstumas – o que é mau”.

Ou seja, “o problema é que os nossos empresários – mesmo aqueles que patrocinam a produção cultural – respondem às solicitações dos artistas, positiva ou negativamente, sem terem conhecimento do que estão a financiar. Eles guiam-se pela fama do artista e não, necessariamente, pela sua obra”.

A formação do colectivo

Primeiramente, o Grupo Silita era constituído por Simão Nhacule (na timbila, percussão e voz), Lorindo Cuna e Tânia Jacobe – os dois últimos apartaram-se da colectividade. Por isso, integraram-se Amós Mawaie (na timbila, percussão e voz) e Linda Jamisse, ou simplesmente Xizimba, que é a vocalista principal.

“Cada membro da banda é porta-voz da sua aldeia. Por exemplo, eu represento a aldeia de Dukwa, mas no conjunto há gente que vem de Gule e Morrumbene. Então, cada pessoa sublima – no bom sentido e sem nenhuma disputa – as suas origens”. Ou seja, “nas composições, cada artista cria as suas obras à sua maneira. Mas existem músicas – algo de produção popular – que nós, nas nossas regiões de origem, escutávamos e dançávamos na infância. Procuramos resgatá-las, tal como elas são, trabalhando-as para que sejam escutadas num contexto mais alargado”.

Na sua produção musical, a banda utiliza a timbila, os batuques, as maracas, as vozes e, por vezes, a viola-baixo como forma de enriquecer a música. “É uma forma de dizer que a música tradicional não se limita apenas à utilização de instrumentos tradicionais”, comenta Simão Nhacule.

A gravação do seu segundo trabalho discográfico pressupõe um investimento de 200 mil meticalis.



Kuphaya

Cremildo Bahule
cremildo.bahule@gmail.com

Palmas para a indústria do nada

Este texto é inspirado na música, retirado da mixtape «Contra-Cultura», do rapper Valette que tem um título homónimo. Pode-se, este texto, considerar como sendo a extensão da música de Valette, pois se a dor é igual para os humanos não importa o lugar onde a mesma pode ser despedida. Eu quero despir a dor que sinto que vem por meio da ofensa que é construída pelos meus conterrâneos que têm o poder de criar a «indústria do nada».

A ideia que advém do conceito da «indústria do nada» resume-se à falácia de que a nossa sociedade produz personalidades, artistas, mormente músicos, usando técnicas de busca de talentos que assentam num concurso público, mas que na verdade já se sabe quem é o vencedor, porque a busca de talentos funciona por afinidades e não por talento e trabalho. Muitos, os adolescentes na sua maioria, vêm-se atraídos pela «indústria do nada», porque esta promete holofotes, ovação, luzes da ribalta e, sobretudo, a fama mesmo que seja instantânea.

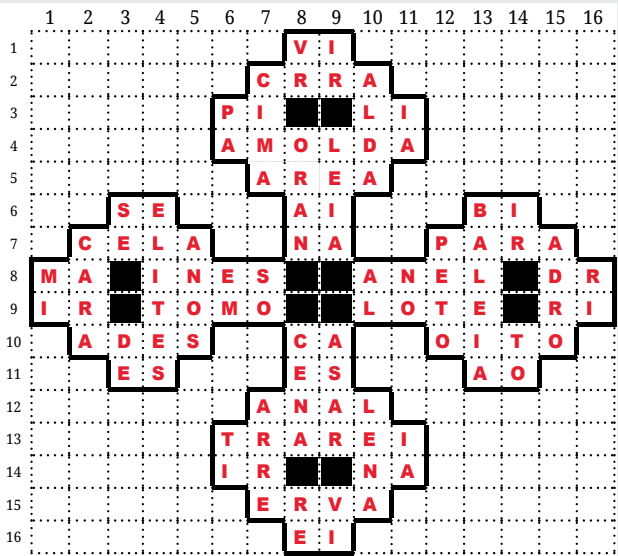
A «indústria do nada» é a maior invenção de todos os tempos. Ela cria tudo e acaba fazendo tudo. É fascinante a «indústria do nada» pois concebe actores de sucesso que mal sabem representar. Cria cantores de sucesso que mal sabem cantar. Até cria bailarinos de sucesso que não sabem definir o conceito de coreografia. Talvez a nossa selecção de futebol inspira-se na «indústria do nada» porque não consegue ter um resultado que satisfaça a propalada auto-estima que tanto falamos na nossa «Pérola do Índico», isto porque alguns resultados do Moçambola não se fazem dentro das quatro linhas, mas na secretária. Em Moçambique existe um império que está a crescer que se baseia na «indústria do nada». Os canais televisivos, a imprensa escrita e radiofónica que de tanto ser cor-de-rosa, vermelha e amarela se dedica a cem por cento a publicitar a «indústria do nada». Talvez, desculpem-me se estou a exagerar, a nossa lavra artística estipula-se na «indústria do nada», porque todos os dias ouve-se dizer que os «mangolês» estão a fazer, a cada fim-de-semana, uma festa no nosso quintal. É incrível como chegámos a esse ponto.

Porque já não tenho mais argumentos para explicar a «indústria do nada», vou deixar alguns protótipos que ilustram, pertencem, alimentam ou perpetuam a «indústria do nada». Aspecto básico: não fruímosde editoras verosímeis de Música em Moçambique, pois desde que a última «abrasou» ficámos órfãos no campo editorial. Por exemplo, a dona da canção “Ta Doce” diz que sempre quis tocar guitarra, mas não pode porque tem medo de estragar e partir as unhas. Que lorraine: gaba-se de ter medo de partir unhas de posição. Há uma cantora que nunca conheceu Fany Pfumo, em pessoa, e intitula-se «Diva da Marrabenta». Já ouvi dizer que existe um «príncipe da Timbila». Há uma «Rainha do Raga». Existem «Reis da Pandza». Temos um cantor que usa fatos italianos e sapatos franceses e vangloria-se de ser amigo Presidente da República (não sabemos se ainda é). Temos um músico que saiu à rua para fazer um grande «nkhuvu» porque acredita que revitalizou a Marrabenta cantando esse género musical em língua portuguesa (como se esse estilo tivesse morrido em algum momento). Temos um ‘rapper’ que canta em inglês, mas ninguém o entende. Temos um copista que se vangloria de ser o melhor de Moçambique, mas que só tem uma obra. Conhecemos um apresentador que atrai os telespectadores falando mal dos criadores e chama isso «bifes». Temos em Moçambique autênticas cópias de Rihanna, Jay-Z. Ou seja, os nossos artistas ostentam mais títulos que trabalhos que dignifiquem esses títulos. Sentimo-nos orgulhosos quando as nossas músicas são confundidas com as músicas de Angola. A nossa «indústria do nada» merece aplausos. Palmas para a «indústria do nada». Viva a «indústria do nada». Viva, viva, viva a «indústria do nada». Até os comentadores ou analistas, (já não sei qual é o termo certo), só dizem «nada» quando estão na televisão. Será que existe um curso nas faculdades moçambicanas que forma «analistas»?

Moçambique já foi o «país da Mulher M’siro» expando a beleza feminina inspirada na mulher Macua. O «país da capulana». Até aqui nada mau. Mas depois Moçambique ficou conhecido como sendo o «país da Marrabenta». Actualmente, Moçambique é o «país do Pandza». Ou seja, um país que é catalogado partindo de elementos que advêm da «indústria do nada» tem limitações sérias para criar referências. Na velocidade em que nos encontramos não falta muito para que Moçambique passe a chamar-se o «país das três-cem».

Eu não quero alongar-me, pois este é um assunto que um dia vai fazer com que o TPI (Tribunal Penal Internacional) nos condene por estarmos a maltratar o nosso país com tantas coisas vazias por causa de uma «indústria do nada» que só nos rouba a ideia de sermos moçambicanos genuínos.

ENTRETENIMENTO - PALAVRAS CRUZADAS . SOLUÇÕES ED. 245



HORIZONTAIS

- 1 – Divisei. 2 – Produto das abelhas. 3 – Letra grega; vi por escrito. 4 – Amachuca. 5 – Espaço limitado. 6 – Bispado; interjeição; repetido. 7 – Prisão; contr. de prep. e art.; sustém. 8 – Ruim; nome de mulher; símbolo do casamento; doutor. 9 – Caminhar; divisão duma obra literária; prenda; troca. 10 – Entrar na posse; aqui; numeral cardinal. 11 – Existe; idem; contr. de prep. e art. 12 – Relativo ao ânus. 13 – Transportarei. 14 – Andar; contr. de prep. e art. 15 – Vegetação espontânea. 16 – Duas vogais.

VERTICAIS

- 1 – Nota musical. 2 – Rosto. 3 – Pron. reflexo; entregue. 4 – Escol, pl. 5 – Espaço de tempo, pl. 6 – Utensílio; prep; pron. pessoal. 7 – A parte mais elevada; sem companhia; interj. 8 – Observa; cidade da Argélia; espectáculo; a parte de trás. 9 – Mover-se; instrua-se; proporcionar-se; distingui. 10 – Erva; outra coisa; rio de Portugal. 11 – Caminhava; contr. de prep. e art.; andava. 12 – Estúpido. 13 – Mamífero cetáceo. 14 – Decorrer; diminutivo dum nome próprio. 15 – Terreiro. 16 – Graceja.

PARECE MENTIRA...



Debaixo do Nilo corre um rio com água seis vezes superior ao rio principal.

Em Oregon, um dos Estados da América do Norte, existe um cogumelo com 2.400 anos de idade que ocupa 3,4 milhas quadradas de terras e continua a crescer.

A construção do Titanic custou sete milhões de dólares e o filme a seu respeito absorveu 200 milhões de dólares.

A única parte do corpo que não tem fornecimento de sangue é a córnea do olho, pois esta vai buscar o oxigénio directamente do ar.

Luís Vaz de Camões levou 25 anos a trabalhar nos "Lusíadas".

Miguel Ângelo, famoso artista plástico do Renascimento, aos 15 anos já atraía as atenções como escultor.



PENSAMENTOS...

- A fé é uma maneira comodista e boa de se acreditar naquilo que não se vê.
- Aquilo que aconteceu não evitas tu nem eu.
- Quando alguém é mordido por um leão compra um cão.
- O tecto da casa conhece-o o dono.
- Quando o passarinho do mel cantar, assobia tu.
- Quem não quer ser lobo não lhe vista a pele.
- Nas mãos do homem não nasce capim enquanto vive.
- O cão quando não pode ladrar tem um osso na boca.
- A hiena que quer seguir dois caminhos parte as espáduas.
- Quem escapou da primeira não se meta em segunda.
- A ladrão de casa ninguém tranca as portas.

SAIBA QUE...



A maçã é, na opinião de um conceituado médico inglês, o fruto mais higiénico, são e nutritivo.

Ela compõe-se quimicamente de fibra vegetal, albumina, açúcar, cal, água, fosfatos, etc.

É, pois, um ótimo alimento, digerível em 85 minutos e muito agradável ao paladar.

Na antiguidade, este fruto era considerado um manjar maravilhoso para rejuvenescer e reconstituir o organismo.

Com o sumo da maçã e água faz-se um licor medicinal excelente.

As pessoas que levam uma vida sedentária devem comer muita maçã porque esta limpa o fígado, dá fósforo ao cérebro e vitalidade ao sistema nervoso.

Em alguns países usa-se este fruto para combater certas doenças dos olhos.

Na Inglaterra é hábito comer a carne de porco acompanhada com molho de maçã. É que a carne de porco é de difícil digestão e a maçã favorece-a extraordinariamente.

RIR É SAÚDE



- O empregado de escritório vai ao gabinete do patrão e diz:
- Peço-lhe desculpa, mas o senhor tem de me aumentar o ordenado! Há duas companhias que me andam a assediar!
 - Duas companhias?
 - Sim: a de água e a de electricidade.

- O Rungo entra radiante na loja e diz para o patrão:
- Venho contentíssimo.
 - Ainda bem.
 - A minha mulher deu à luz uma criança.
 - É um rapaz?
 - Não.
 - Então é uma rapariga.
 - Tem graça... Como é que o patrão adivinhou?

- O professor: - Que sabes sobre a morte de Ngungunhana?
O aluno: - Nada! Eu até ignorava que ele estivesse doente...

- Então, o teu namorado?
- Tive de lhe dar uma bofetada!
- Muito atrevido?
- Não, muito ensonado!

- Qual foi a impressão do Sigaúque quando lhe disseste que o teu pai não era rico?
- Não sei. Nunca mais o vi.

HORÓSCOPO - Previsão de 26.07 a 01.08



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças: As finanças poderão ser motivo de alguma preocupação. Não veja tudo pela negativa e pense que será um momento menos bom, o qual rapidamente se modificará; tudo dependerá de si e da forma como reagir às situações que forem surgindo.

Sentimental: Esta semana será muito promissora no aspeto sentimental; a aproximação do casal será grande e os resultados serão, verdadeiramente, gratificantes. O diálogo, a compreensão e o carinho serão a melhor terapia para uma boa semana.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: Semana muito equilibrada em todas as questões que envolvam dinheiro, o que contribuirá para melhorar os seus níveis de confiança. Poderá fazer algumas compras de produtos que lhe fazem falta.

Sentimental: A sua relação amorosa poderá conhecer, nesta semana, um pequeno paraíso. Não se furte ao que lhe surge e abra o seu coração com o seu par; O entendimento cria-se e consolida-se numa base de abertura e de diálogo franco e sincero.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças: Seja, extremamente, cuidadoso em tudo o que se relacionar com este aspeto. Evite as despesas desnecessárias, assim como compromissos financeiros que não possa assumir.

Sentimental: Esta área poderá caracterizar-se por um vazio muito grande. Seja dialogante e compreensivo. Também, neste aspecto, não misture trabalho com questões de ordem sentimental; caso o consiga, tudo se poderá modificar e encontrar, junto do seu par, o carinho e a compreensão tão necessários.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: Semana um pouco complicada, em matéria de dinheiro, algumas dificuldades poderão perturbar o seu equilíbrio emocional. Despesas já esperadas, serão motivo de alguma preocupação.

Sentimental: Período que poderá caracterizar-se por um grande encantamento. A sua sexualidade estará em alta, saiba tirar partido deste aspeto. As noites convidam ao romance, aproveite, bem, o seu relacionamento sentimental.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças: Será uma semana regular no aspeto financeiro. Algumas dificuldades que possam surgir serão ultrapassadas. Para o fim do período a situação tenderá a melhorar. Recomendável que seja prudente; de qualquer forma, aconselha-se contenção nos gastos.

Sentimental: Semana caracterizada por alguma insatisfação no aspeto sentimental. Caso não tenha encontrado, ainda, a sua alma gêmea, poderá ter esta semana a tal oportunidade porque tanto espera e deseja.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: Não se pode considerar que atravesse um bom momento no que se refere a questões de ordem financeira; será uma situação que lhe poderá tirar a estabilidade que tanto necessita.

Sentimental: Este aspeto poderá ser muito agradável; dependerá de si e da forma como se relacionar com o seu par. Seja compreensivo e evite atribuir culpas a quem as não tem e, se o conseguir, poderá ter, neste aspeto, uma semana muito positiva.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: Questões de ordem financeira não lhe deverão criar grandes problemas, haverá tendência para serem caracterizadas pela estabilidade; no entanto, recomenda-se alguma prudência nas despesas e evite qualquer aplicação ou investimento de capital.

Sentimental: A sua relação passa por um momento algo turbulento e complicado. Os níveis de confiança entre o casal irão estar em baixo e poderão surgir algumas situações de ciúme que, embora não justificadas, poderão criar algumas contrariedades.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: Os assuntos relacionados com dinheiro começam a revelar tendência para se equilibrarem; assim, naturalmente, começará a encetar o futuro imediato de uma forma muito mais positiva.

Sentimental: Será uma semana muito agradável, em perspectiva. Não se afaste do seu par e divida com ele os seus pensamentos e desejos mais íntimos; se o fizer, terá um período que não se irá esquecer tão depressa.



gêmeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças: A área financeira é a sua luta constante. As previsões para a semana, não sendo as melhores, também não se poderão considerar como catastróficas. Continue a viver e a lutar contra este aspecto, com a coragem e a determinação que o caracterizam.

Sentimental: Um relacionamento sentimental muito agradável será o que esta semana lhe reserva. O diálogo, a compreensão e o prazer de estar com quem gosta deverão ser aproveitados, da melhor forma. Tenha cuidado com as tentativas de terceiros para perturbarem a relação.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças: As suas finanças caracterizam-se pela regularidade e não será este aspeto que lhe levantará problemas. Não serão aconselháveis, durante este período, investimentos e aplicações de capital.

Sentimental: Tente ser mais realista na sua relação e não permita que o ciúme entre no seu coração; o seu par merece a sua confiança e, se conseguir ultrapassar dúvidas sem fundamento, este aspeto poderá tornar-se muito agradável.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças: Este aspeto caracteriza-se por uma situação regular e uma semana tranquila. Os seus problemas não passam por questões relacionadas com dinheiro. Será um bom momento para pequenos e médios investimentos.

Sentimental: A sua relação sentimental poderá ser o centro de todos os seus problemas. Seja realista e não se deixe abater por pensamentos que lhe reduzirão as suas forças e capacidades. Dentro de si, poderá aparecer uma pequena luz em relação a um futuro próximo.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: Tudo o que se relacionar com dinheiro poderá ser motivo de alguma preocupação. Tente fazer uma boa gestão dos seus dinheiros e aguardar que este período de tempo, menos positivo, termine.

Sentimental: O seu relacionamento amoroso poderá contribuir de uma forma muito positiva para equilibrar outros aspetos. Permita que o seu par se aproxime de si; além de lhe fazer muito bem, contribuirá para se esquecer das suas preocupações.

Cartoon



Selo d'@Verdade

A propósito da promoção da cerveja: contra o fomento de mitos e da conspiração

Eu acho que devíamos entender o que se passa para tamanha descida do preço da cerveja. Fala-se agora de 3/100, ou seja, com 100 meticais obtêm-se três (3) garrafas de cerveja importada, como Castle Lite.

Para mim, vários aspectos podem concorrer para tal. Tentarei ser sucinto.

Dumping: A situação político-militar pode ter evitado o transporte de bebidas similares de Maputo para outros cantos do país, criando um excedente. Para tal, deveremos saber qual foi o fluxo deste tipo de mercadoria nos últimos meses.

Frio: Ou o tempo que se faz sentir criou uma redução na procura. O frio que se faz sentir pode desviar os consumidores para outras opções, com realce para os vinhos e bebidas espirituosas.

Fuga ao fisco: A fuga ao fisco, principalmente dos importadores de cerveja, tem efeito catalítico sobre o preço final. Assim, se tiver havido alguém que tenha introduzido quantidades assinaláveis de cerveja sem ter pago os devidos impostos obviamente pode desencadear a baixa, forçando as Cervejas de Moçambique a seguir o exemplo.

Combinando os pontos 1, 2 e 3 pode-se reforçar a ideia de se tratar de apenas um momento de crise da cerveja. Fica de resto por saber por quanto tempo. Importa recordar as pessoas que este fenómeno não é novo em Moçambique.

Em 1998 houve em Tete um período de graça que durou entre seis meses e um ano, em que a cerveja de origem zimbabueana era vendida na mesma proporção de hoje: seis meticais para cada cerveja de 300 ml. A cerveja chamava-se BOLLINGER. Mas, como rapidamente se pode perceber, tratava-se de uma forma de o fabricante “esvaziar” o stock. Este pode também ser o outro motivo. A Bollinger, afinal tinha apenas mais três meses até o seu prazo expirar.

Aliás, podemos também lembrar-nos da cerveja Miller em Ma-

puto entre os anos 2002 e 2006. Esta marca americana entrou no mercado moçambicano e não vingou. Um ano depois, a Miller estava em “promoção”, que se revelou como mecanismo de esvaziar o stock, que já espreitava o fim do prazo: era “compra uma leva quatro”.

Com isso tudo quero rejeitar a ideia conspiratória segundo a qual a promoção da cerveja 3/100 visa desviar as atenções das pessoas dos aspectos mais importantes da nação. Vou reforçar esta ideia aduzindo alguns traços socioantropológicos já conhecidos.

1. Se o Estado ou a Frelimo (já que anima muito insultá-la nestes dias) quisesse desviar a juventude através do álcool subsidiava o fabrico de bebidas espirituosas de muito baixo custo tais como Knock Out, Tentação, Power, etc., já que está provado que é o tipo de bebidas mais procuradas, com maior eficácia e mais barato. Uma saqueta de Knock Out ou garrafa de Tentação é suficiente para fazer um jovem médio muito satisfeito, senão mesmo totalmente inebriado. Por mais que a cerveja esteja ao preço da Tentação, dificilmente irá satisfazer as expectativas da esmagadora maioria que vê a Tentação como a solução mais eficaz para os seus prazeres alcoólicos.

2. Foi reconhecendo este facto que, por exemplo, este tipo de bebida “desaparece misteriosamente” em momentos de alta tensão popular, muito por conta das ilações e lições tiradas das manifestações dos dias 5 de Fevereiro de 2008 e 1 e 2 de Setembro de 2010. Existem empresários que são pagos para, a partir da fonte (fábrica), comprar a totalidade do lote e guardá-la em armazéns, privando assim o acesso a este “precioso líquido” pela juventude. Mas este é um trabalho que tem sido feito pelos serviços de segurança.

3. Não existe uma correlação directa entre o baixo custo da cerveja e o desvio da juventude em relação aos assuntos do país. De resto, a juventude não é para o poder a grande preocupação, seja ao nível da gestão do poder ou programático. O que estou a tentar dizer é que o Governo (ou a Frelimo) não precisa de se esforçar mais para “distrair a juventude dos principais assuntos

do país” uma vez que ela já está há muito distraída, monótona e amorfa, mais por conta da educação do que por indução à bebedeira. O fraquíssimo nível de consciência cidadã consubstanciado na apatia e seguidismo que caracteriza a esmagadora maioria da nossa juventude é disto exemplo eloquente. O que representa maior perigo ao poder é a consciência da cidadania e a prontidão da juventude em engajar-se em luta organizada. A consciência e a prontidão ganham-se com a educação; com o processo de amadurecimento de valores e de sentido de missão de uma classe, elementos que estão muito aquém da juventude moçambicana.

4. A Frelimo (ou o Estado) não é tão burra assim ao ponto de subsidiar a cerveja barata para até membros da oposição terem acesso a ela.

a) Se o objectivo fosse a distração da “juventude de assuntos do país”, a promoção de actividades recreativas e de eventos abertos seria a mais viável e eficaz uma vez que a juventude nunca reclamou do preço da cerveja. Este nunca foi o problema.

Concluindo

Neste pequeno intróito, tentei argumentar que o baixo preço da cerveja tem a ver com aspectos puramente de mercado e não políticos. Para reforçar os meus argumentos trouxe dois exemplos similares: A Bollinger em Tete (1998) e a Miller em Maputo (2002/2006).

Também avancei quatro prováveis motivos que de forma isolada ou combinada proporcionam o baixo preço da cerveja. Estes motivos são: Dumping, Inverno, Fuga ao fisco e Produto prestes a ficar fora do prazo, ou prestes a ser descontinuado, mudança de tecnologia de produção/introdução de um novo produto.

Eu também gostaria de encontrar esta promoção.

Egídio Vaz

Moçambique e a sua auto-estima vergonhosa

Logo que o Marechal Samora Moisés Machel foi brutalmente assassinado a consciência do povo moçambicano mudou, e para pior.

Hoje vemos por aí adolescentes de ambos os sexos a curtirem a sua “juventude” consumindo bebidas espirituosas tais como Double Punch, Boss, ou Tentação, cuja publicidade sempre passa na televisão.

Os fabricantes só estão interessados com o lucro pois ao invés de educar os adolescentes, a publicidade é enganosa. Dá-se a impressão de que as tais bebidas trazem felicidade, mas na verdade são uma porta aberta rumo à perdição. Esta geração só pensa nas festas do Kadoc e do Txiling Club.

Realmente, o “País do Pandza” está perdido. Tem uma das maiores barragens de África mas, ironicamente, a energia eléctrica, para além de não chegar a todos os cantos, é de péssima qualidade. Em Tete, onde se localiza a Cahora Bassa, é normal ficar-se um dia sem corrente. Quando é que isso vai parar?

Dizem haver democracia mas reina um monopartidarismo nos órgãos do Estado. Um país que diz não ter dinheiro para construir uma pequena escola tem verba para dar aos ex-ministros e quadros seniores do Estado. Isto está mal.

Eu só tenho pena do “tio polícia” que sofre de anemia psicológica, que nem a língua portuguesa sabe falar, mal conhece os seus direitos e deveres e ainda tem que (des)proteger o cidadão usando o seu fuzil vulgarmente chamado AKM. O “tio polícia” que de tanto sofrimento pesa 35kgs de pura magreza.

Sinceramente, que país é este? Isto está mal. Mandam soldados que no fundo só sabem roubar. Enviaram-nos para Muxungue para fazer o quê? Porque o Armandinho e o Afonsinho não se sentam à volta de uma mesa e batem um “papo”???

O povo não pode sofrer por causa da Frelimo e da Renamo. Não podemos sofrer por causa da ganância de alguns ladrões de fato e gravata. O povo já sofre por não ter o poder de opinar, por falta de condições para viver, estudar. Não há emprego para os jovens e ainda querem aumentar o peso fazendo com que haja luto e mais luto nas nossas famílias?

Que país é este onde a televisão pública só serve para fazer uma pré-campanha para a Frelimo? Uma televisão que devia educar o cidadão mas não o faz porque tem de passar novelas mexicanas e brasileiras que só apresentam conteúdos totalmente eróticos, propagam a pornografia induzindo a juventude a prostituir-se a custo zero. É uma pena!!!

Realmente, o Puto Slim Nigga tinha razão. Este é o “País do Pandza”. Tudo está virada de pernas para o ar. Os nossos direitos foram rejeitados, há tantos ladrões de fato e gravata. Isto está mal

Mas é uma pena porque o povo vai cair na mesma conversa nas próximas eleições.

Enquanto isso, a juventude vai caindo no abismo.

Agaldo Macaringue

Um diálogo de vaivém

Sr. Director

Em primeiro saúdo Vossa Excia. por ter aceite publicar este artigo na página dedicada aos leitores.

Muitos comentários podem ser feitos em torno desse diálogo que já vai na sua décima segunda ronda. Têm surgido novidades a cada ronda, umas de relevância e outras nem por isso. Não pretendo neste artigo discutir as agendas do diálogo a que assistimos a cada segunda-feira, mas sim trazer alguns pontos que têm merecido a minha análise e por vezes me têm criado algumas dúvidas e incertezas desde o princípio.

O primeiro aspecto tem a ver com as diferentes designações que têm sido atribuídas a estas rondas. Alguns analistas e até órgãos de comunicação social ousam em chamar de diálogo político entre o Governo e a RENAMO e outros chamam de negociações entre o Governo e a RENAMO. Eu percebo em relação a este ponto que se estamos numa ronda a dialogar ou a negociar o fim desejável é o alcance de pontos de equilíbrio, e está claro que o fim último dessas rondas é o alcance de consensos entre as delegações.

O segundo ponto que gostava aqui de partilhar é a estratégia de comunicação que estas duas delegações adoptam no fim de cada ronda. Tenho notado que o que cada uma tem feito é procurar protagonismo a nível dos media, pois cada uma das delegações aparece

em público a defender os seus pontos e, por vezes, acusar-se entre elas de não estar a facilitar o processo, e isto não minha opinião coloca o processo num retrocesso pois vemos um diálogo a ser feito na base da comunicação social e o povo por via disso faz os seus julgamentos, por vezes populistas, que beneficiam um em detrimento do outro.

O último ponto que gostava de aqui trazer é relativo às actas desse diálogo, umas já assinadas e outras pendentes. Foi com algum agrado que acompanhei os avanços que se alcançaram na décima primeira e na décima segunda ronda e a assinatura de algumas actas que continuavam pendentes devido a divergências. O facto é que o diálogo está a girar somente em torno das actas, ou seja, um diálogo que de avanço só tem a assinatura de actas. Julgo que não podemos estar seguros de que teremos resultados tão já.

São pontos que levanto e que penso que mereciam uma análise, mas é meu entender que só poderemos ter consensos neste processo se existir cêndências, quer seja da parte do Governo ou da Renamo para que realmente se chegue ao verdadeiro acordo, uma vez que estamos num ano eleitoral e um dos grandes pontos de impasse é a propalada lei eleitoral com a já famosa paridade no meio.

Mais não disse!

Décio Tsandzana

 **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

CIDADÃO Ramiro REPORTA:


Sou dos cidadãos preocupados com a democracia em Moçambique e que acreditam no vosso profissionalismo e na forma como vocês têm ajudado a este povo, através deste jornal.


Em todo o país e em todas as instituições do estado, em todos os bairros e municípios, indivíduos do partido Frelimo, os chefes das instituições e os secretários dos bairros, têm andado de casa-em-casa a recolher dados dos cartões dos eleitores, intimidando-os sob alegações de que depois das eleições aquela informação servirá para verificar quem não votou na Frelimo e ter represálias.


O mesmo tem acontecido em todas as instituições de estado.


Havendo ou não possibilidade de verificarem quem votou na Frelimo, o povo está com medo e irá votar na Frelimo.


O pior é que isto já foi reportado muitas vezes, o STAE sabe, a polícia sabe e o governo também sabe. Mas curiosamente ninguém faz nada.


 **Raul Almeida** O que estão a fazer significa manipulação psicológica no cidadão porque não tem confiança na vitória, estão. Doentes e pensam que o antídoto e não respeitar a Lei Eleitoral como sempre o fizeram desde 1994 · há 17 horas


 **Rui Jorge Neves** votem livremente não haverá represálias, isso é o que querem nos fazer pensar, não entrem nessa e votem de acordo com a vossa consciência · há 18 horas


 **Candido Blue** já sabia, vcs ajam q Dlakhama tá louco quando diz q este país está doente? Q está elecoeis so xtao pa matar a democracia · há 18 horas


 **Caetano Morais** Mesmo com espingarda na nuca o sentido do meu voto jamais mudará! · há 18 horas

 **Nando Conceicao** Kakakakaka isso é mais velho que farrapo, esperas que quem veja? Vai beber uns copos e fica em paz caso não ficas maluco tas a tentar por um comboia a andar no mar · há 15 horas

 **Eddy Marchal Sochangana** Nós somos revolucionários, mesmo tentando intimidar-nos, continuaremos firmes e de cabeça erguida a caminhar com o nosso dedo indicador a lutarmos, dando o nosso tiro da vitória rumo à democracia através do voto num único lema «Um Moçambique para Todos» · há 15 horas


 **Domingos Gundana** Já passou na moda essa intimidação, foi nos tempos passados, hoje todos já estamos de olhos abertos e sabemos o que significa a DEMOCRACIA e VOTO, portanto, mãos o voto será sempre secreto e ninguém jamais terá capacidade de decidir a quem votar. Não se deixem ameaçar por estes senhores e não entreguem nada do que vos pedem · há 15 horas


 **Gentil Da Sandrinha Joao** De certo modo antes de comentarmos uma informação ou um estado, cabe-nos saber a veracidade da mesma! O jornalista desta info, pode acreditar k, diante da tensão militar k o país vive, o mesmo está a tentar especular de uma forma “guerra ideológica”, pra k os leitores tenham um olhar diferente ao partido em alusão! · há 16 horas

 **30Uacheque Bernardo Francisco** Eu também estou desapontado com este regime. mas creio k com muito desordem dsd o recenseamento até já k roubam o n d cartão, k não haverá nada d eleições neste país. · há 17 horas

 **Mery Jose Madisse** o voto é secreto não tem como saberem...relaxem · há 18 horas


 **Aisha Abdul Kadir** Muito vamos fazer REVOLUÇÃO e fazer eleição nacional. nada de esperar até 2014. · há 8 horas


 **Pedro Miguel** É URGENTE correr com a Frelimo do poder. Faça-se a alternância democrática · há 11 horas


 **Pedro Miguel** Amigos, desculpem, não é possível comentar o escrito. O descrito talvez seja na República Popular da Coreia do Norte ou outra do género. · há 11 horas


 **Pedro Miguel** Democracia ah ah ah? Ainda não chegou a Moçambique · há 11 horas


 **Teixeira Da Silva Culuze** Estou com medo sabem que está fedendo do lado deles.. · há 12 horas


 **Sergio Zandamela** Meu irmão você pensa q o estado vai reagir em torno a isso s o próprio estado e Frelimo. discansa meu este país e da pandza · há 15 horas


 **Luis Sumbane** Bem mesmo, tens toda razão claro k fazem mas a mim não terá o meu voto. vatanha vamussathanhoco. · há 15 horas


 **Celso Mutota** faça o mesmo além de lamentar...quanto mais reclama tá ficando atrás · há 16 horas


 **Costa Constantino Ossifo** Meu irmão, vamos votar a quem queremos nada de intimidações. · há 16 horas


 **Afzal Daud** Nesse caso, o voto já não é secreto! A isto chama-se manipulação... querem matar a democracia, ou ela nunca existiu. Moçambique ainda não é independente. “A Frelimo é que fez, a Frelimo é que fará” porque nunca vão sair do poder. · há 16 horas

 **Ramiro Manjate** O pior é que o povo elegendo estes corruptos e sem miolos está a cavar a sua própria sepultura · há 16 horas


 **Rondão Cuacua** Como é possível os da Frelimo, tentam de assustar os democráticos. Nesta década, os democratas farão sempre fortes, não fiquem assustados a democracia é indorrotável. Alemanha // Berlim: · há 16 horas


 **Stewart Mill** O governo, o STAE, a polícia, o Estado, a Frelimo etc. etc., são toda má coisa. S passarem da minha casa eu mostro-os o cúuuu... · há 17 horas


 **Norberto Gatsi** o tal dito país democrático, eish a verdade crua e nua. · há 17 horas

 **Elias Xavier Paulo Zitha Cuinica** Is very, very true! Eu testemunhei isso na primeira pessoa. Mas que país é esse? Até nas esquadras policial isso tá acontecer, mas nos temos medo de falar porque se não teremos problemas no job ou até perder emprego. Um aluno X na Escola Secundária de Y ...[Ver mais](#) · há 17 horas


 **Osvaldinho Maria** com sorte ainda não passaram da minha casa · há 17 horas

 **Tomas Pedro Carvalho** Vamx mudar tenhamos coragem de desafiar o medo pois só assim alcançaremos a liberdade e a democracia! Poder popular · há 17 horas

 **Roberto Wilson** vamos votar nada de andarmos assustados o voto é secreto não há como saberem em quem votar ou seja os melhores democratas ainda não pensaram nessa possibilidade por isso vamos votar sem medo da escolha e temos que saber escolher para não murmurar como é do nosso hábito · há 18 horas


 **Winy Jo** Essa é mais uma Prova de que essa gentinha de barriga partidária, ao poder dos criminosos vão se tomando um advento da lei eleitoral, e o incrível a quem de direito de intervir, já foi instruído para não o fazer. DIRIGENTES EMOCIONADOS. · há 18 horas


 **Albino Filipe Tivane** O k xperava meu compatriota, estamos num país antidemocrático. · há 18 horas


 **Bambo Cejo** podendo ser verdadeira ou falsa a situação reportada há quem acredita no que houve sem dar nenhuma análise · há 18 horas


 **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade


O partido Resistência Nacional de Moçambique (Renamo) vai a partir do próximo dia 28, e até o dia 30 do mês em curso, realizar o seu Conselho Político Nacional, a decorrer na província central de Sofala, regulado de Sathunjira, posto administrativo de Vandúzi, distrito da Gorongosa, onde se encontra a residir o seu líder, Afonso Dhlakama.


 **Stewart Mill** Todo país democrático precisa de oposição. Então, pensei antes de falar tolices.4 · há 12 horas através de telemóvel


 **Candido Blue** Para vcs bandos de lambibotas analfabetos da Frelimo só para o vosso conhecimento a União Europeia acaba de declarar ilegal a existência da CNE e apoia a não participação da Renamo por isso parem de falar besteira(bandido)2 · há 9 horas


 **Mala's Matusse** Força p essa reunião assim k a prm e fir e a fdm tomarem conhecimento desse conselho nacional vão enviar blindantes b t r para vos cercarem. Mas em Maputo em São Damácio os moradores não estão a dormir por causa d bandidos onde é k está a prm a fir e fdm k está concentrada em Muxungue? Hi karele2 · há 10 horas através de telemóvel


 **Mala's Matusse** Gito mabalane você é uma escovinha da Frelimo a Renamo é pai da democracia, e no tempo da guerra kêm é não matou tanto a Renamo e Frelimo manter, kêm diz k não matou enquanto é da Frelimo no tempo da guerra sinceramente essa aí estava na cozinha. os k estavam no mato com armas mataram muito bem. quando a guerra estava terminando o meu tio e xposa foram assassinados por homens armados da Frelimo2 · há 10 horas através de telemóvel


 **Estevao Ndimande Estevao Ndimande** Exe gito é um lambi bota do caraça, é um cego k não quer exgarhá 8 horas através de telemóvel

 **José Simões Coménius Mandlate** Gito, este lugar não te pertence. Vá a TVM, RM e jornal Notícias. esses são alguns canais k o seu governo criou para enganar o povo e não aqui no @verdade.2 · há 11 horas através de telemóvel


 **Edno Basilio** Em primeiro digo-vos que sou apertado, não me associo com nenhum partido político, mas vocês que estavam a falar mal do partido Renamo, devem analisar bem os últimos acontecimentos, vendo quem começa a provocar o outro.2 · há 12 horas

 **Estevao Ndimande Estevao Ndimande** Gito mabalane você é um autêntico escovinha, não se convence k que o partido violento é a Frelimo, se queres dar opinião k não te lógica vai p TVM, aqui não é seu espaço, cego k nega exergar2 · há 12 horas através de telemóvel


 **Helder Flora Matavele** Gito Mabelane estas a perder uma rica e ímpar oportunidade de estar calado!!!1 · há 11 horas através de telemóvel


 **Sandro Issufo** Espero que o líder da Renamo peça desculpas às famílias dos inocentes que morreram em Muxungue, a vida é única, as leis podem ser mudadas a qualquer momento, os governantes podem cair, mas quem morreu não volta mais. Vamos valorizar a vida, que está acima destas politiquices que não valem nada.há 8 horas

 **Belarmino Manuel Amos** Queremos viajar avontade nas estradas nacionais, por favorhá 9 horas

 **Anastácio Joaquim António** Por ambição que eles têm espero que não boiguotem. Abaixo chiconhoquice!há 9 horas

 **Paunde Alberto** Aguardo pelas decisõeshá 10 horas através de telemóvel

 **Emídio Nhabinde** Outras pessoas só criticam a ideia do outro não dizem nada!há 10 horas

 **Zeze Wesley** Pessoal vams deixr d critcr ideas ds outrx...é feio!há 11 horasolho há 12 horas através de telemóvel